

Os SETE MISTÉRIOS



COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES

OS SETE MISTÉRIOS

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL

PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza .

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no “Strand Magazine” a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar “O Signo dos Quatro” e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o “Strand Magazine” propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

OS SETE MISTÉRIOS

A FAIXA MALHADA

Ao rever as minhas anotações sobre os setenta e tantos casos em que, durante estes últimos oito anos, tenho estudado os métodos de meu amigo Sherlock Holmes, encontro alguns trágicos, outros cômicos, mas nenhum comum, porque trabalhando ele, mais por amor à arte do que para enriquecer, recusou aceitar qualquer investigação que não fosse fora do comum, ou mesmo fantástica. Um dos mais singulares foi o da família dos Roylott, em Stock Moran, Surrey. Ocorreu nos primeiros tempos da minha amizade com Holmes, quando, ainda solteiros, alugamos uns aposentos na Baker Street.

Passou-se em abril de 1883. Ao acordar, encontrei Sherlock Holmes, já vestido, ao lado da minha cama. Geralmente levantava-me tarde e, quando olhei para o relógio, vi que eram apenas 7h15.

— Sinto muito acordá-lo, Watson — desculpou-se —, mas é a sorte de todos hoje. A sra. Hudson foi acordada cedo, chamou-me e aqui estou eu para acordá-lo também.

— O que aconteceu?

— Chegou há pouco uma jovem, muitíssimo nervosa, que insiste em me ver. Está me esperando na sala de estar. Suponho que quando as jovens andam pela cidade a estas horas da manhã, e acordando os que dormem, têm algo de muito importante a comunicar. Se for um caso interessante, tenho a certeza de que você quererá acompanhá-lo desde o começo. Em todo o caso, pensei que devia chamá-lo para dar-lhe esta oportunidade.

— Fez muitíssimo bem.

Vesti-me apressadamente e acompanhei o meu amigo à sala. Uma senhora vestida de preto, com o rosto coberto por um véu espesso, estava sentada à janela, mas, quando entramos, levantou-se.

— Bom dia, *madame* — saudou Holmes, alegremente. — Sou Sherlock Holmes. Este é o meu amigo íntimo, dr. Watson; pode falar francamente na sua presença. Ah! Vejo que a nossa hospedeira, sra. Hudson teve o bom senso de acender a lareira. Queira aproximar-se mais do fogo. Vou mandar vir uma xícara de café bem quente, porque vejo que está tiritando de frio.

— Não é de frio — respondeu ela em voz baixa, e mudando de lugar. — É de medo, sr. Holmes.

Levantou o véu e notamos que estava realmente num estado de agitação, com o rosto pálido e os olhos assustados, como os de um animal acuado. Parecia ter cerca de trinta anos, porém já apresentava alguns cabelos grisalhos prematuros; a sua expressão demonstrava cansaço. Sherlock Holmes examinou-a com um olhar rápido e compreensivo.

— Não tenha medo — tranqüilizou-a, pousando-lhe a mão no braço. — Depressa resolveremos o assunto. Vejo que, hoje, veio de trem.

— O senhor me conhece?

— Não, mas notei o bilhete de regresso na palma da sua luva. Deve ter saído cedo, mas também viajou de charrete, por estradas ruins, até chegar à estação.

A jovem ficou atônita e olhou-o alarmada.

— Não há mistério nisso, *madame* — explicou ele, sorrindo. — A manga esquerda do seu casaco está salpicada de lama em vários pontos, e é lama fresca; não há nada como uma charrete para encher-nos de lama, e a senhora sentou-se à esquerda do cocheiro.

— É verdade! — admirou-se ela. — Saí de casa às 6 horas, cheguei a Leatherhead às 6h20 e vim no primeiro trem para Waterloo. Não posso agüentar mais esta tensão nervosa e receio enlouquecer. Não tenho ninguém a quem possa recorrer... ninguém a não ser uma pessoa que gosta de mim e não pode fazer nada. Ouvi falar do senhor, sr. Holmes, por intermédio da sra. Farintosh, a quem o senhor ajudou numa ocasião difícil. Foi por intermédio dela que obtive o seu endereço. Poderá também me ajudar? Atualmente não posso recompensá-lo pelo seu trabalho, mas dentro de uns dois meses me casarei e, então, terei controle pessoal dos meus bens. Não terá motivos para considerar-me ingrata.

Holmes abriu a escrivaninha e tirou um caderno de apontamentos.

— Farintosh... — murmurou —... ah! sim, lembro-me do caso; tratava-se de um diadema de opalas. Foi antes de você vir morar aqui, Watson. Só tenho a dizer, *madame*, que terei o mesmo prazer em dar atenção ao seu caso, como o fiz para sua amiga. Quanto à recompensa, poderá reembolsar-me de qualquer despesa quando lhe for conveniente. E agora, peço-lhe que nos conte tudo para podermos formar uma opinião sobre o assunto.

— Ai de mim! — respondeu a nossa visitante. — As minhas suspeitas baseiam-se em pormenores que podem parecer muito triviais. Mas sei, sr.

Holmes, que talvez possa aconselhar-me como atuar no meio dos perigos que me circundam.

— Farei o possível, *madame*.

— Chamo-me Helena Stoner e moro com meu padrasto, que é o último representante de uma das famílias saxônicas mais antigas da Inglaterra, os Royllott, de Stoke Moran, na margem ocidental do Surrey.

Holmes acenou com a cabeça.

— Esse nome me é familiar.

— A família era, antigamente, uma das mais ricas da Inglaterra, a propriedade estendia-se sobre os limites dos condados de Berkshire, ao norte, e Hampshire, a oeste. Contudo, no século passado, quatro dos herdeiros foram devassos, e a ruína da família foi ultimada por um jogador nos dias da Regência. Nada restou, senão alguns lotes de campo e a casa secular, mas, mesmo essa, sob o encargo de uma pesada hipoteca. O último dono arrastou uma existência de aristocrata pobre; seu único filho, meu padrasto, vendo que tinha de adaptar-se às novas condições, pediu um empréstimo a um parente, que o ajudou a formar-se em medicina, e foi para Calcutá, onde, pela sua aptidão e força de caráter, se estabeleceu com grande clientela. Enraivecido, porém, por uns furtos que haviam sido feitos na casa, agrediu o copeiro, causando-lhe a morte, e por pouco escapou de uma sentença capital. Mesmo assim ficou preso durante muito tempo e voltou para a Inglaterra transformado num homem desapontado e melancólico.

Quando o dr. Royllot foi para a Índia, casou-se com minha mãe, sra. Stoner, viúva do major-general Stoner, da artilharia de Bengala. Minha irmã e eu éramos gêmeas e tínhamos apenas dois anos, quando a nossa mãe se casou pela segunda vez. Tinha bastante dinheiro, cerca de 1000 libras anuais, que legou ao dr. Royllot durante todo o tempo que morássemos com ele, com a previsão de certa soma anual que fosse concedida a cada uma de nós, no caso de nos casarmos.

Logo após o nosso regresso à Inglaterra, minha mãe morreu num desastre ferroviário, perto de Grewe, há oito anos. O dr. Royllot abandonou a clientela que começava a adquirir em Londres e nos levou para vivermos com ele na casa ancestral de Stoke Moran. O dinheiro que minha mãe deixou era suficiente para todas as necessidades, e parecia não haver impedimento à nossa felicidade. Mas, nessa altura, o meu padrasto transformou-se completamente: em vez de cultivar amizades e trocar visitas

com as famílias da vizinhança, fechava-se em casa e raras vezes saía, a não ser para discutir com toda a gente. O temperamento violento é hereditário nos homens da família e, no caso de meu padraсто, deve ter aumentado por ter vivido num país tropical. Houve uma série de brigas vergonhosas, duas das quais terminaram no posto da polícia, até que ele se tornou o terror da aldeia, pois é homem de grande físico e absolutamente descontrolado nas suas iras. Na semana passada, atirou o ferreiro do parapeito para dentro do rio, e só com todo o dinheiro que pude arranjar consegui evitar que outro escândalo viesse a público. Só tem por amigos os ciganos. Consente-lhes que acampem nos terrenos da propriedade e às vezes acompanha-os durante semanas seguidas. Tem uma paixão por animais selvagens da Índia, que recebe, mandados por um correspondente. Atualmente, tem um leopardo e um macaco, que andam livremente e são tão temidos pelo povo como o dono. Como deve imaginar, minha irmã e eu não tínhamos qualquer prazer na vida. Nenhuma empregada ficava conosco e, durante muito tempo, fazíamos todo o trabalho da casa. Ela tinha apenas 30 anos quando morreu, mas, apesar disso, o seu cabelo já estava um pouco grisalho, tal como o meu.

— Então, sua irmã morreu...

— Morreu há dois anos, e é da sua morte que vim falar-lhe. Deve compreender que nos era difícil estar em contato com pessoas da nossa idade e posição. Tínhamos, todavia, uma tia solteirona, a sra. Honória Westhall, que mora perto de Harrow, e ocasionalmente tivemos permissão para fazer-lhe uma breve visita. Júlia esteve lá no Natal, há dois anos, e encontrou um major da marinha, de quem ficou noiva. Meu padraсто soube do noivado e não fez nenhuma objeção, mas, duas semanas antes do dia fixado para o casamento, deu-se um acontecimento terrível... e minha irmã morreu.

Sherlock Holmes estivera sentado na sua poltrona descansadamente, com os olhos fechados e a cabeça numa almofada, mas, nesse momento, entreabriu os olhos e fitou a visitante.

— Por favor, narre todos os pormenores.

— Tudo o que aconteceu então está gravado na minha memória. A casa, como já disse, é muito velha, e agora só utilizamos uma das alas. Os quartos ficam nessa ala, no andar térreo, e as salas estão no centro do edifício. Desses quartos, o primeiro é do dr. Royslott, o segundo, de minha irmã, e o terceiro, meu. Não há comunicação entre eles, mas todos se abrem para o mesmo corredor. Compreende?

— Perfeitamente.

— As janelas dos três quartos abrem-se para o gramado. Na noite de Natal, o dr. Roylott foi bastante cedo para o seu quarto, embora não se tivesse deitado, porque minha irmã ficou incomodada com o cheiro do tabaco forte que ele costumava usar, de charutos indianos. Ela saiu do quarto e veio para o meu, onde ficamos conversando sobre os preparativos para o casamento. Às 23 horas, ao ir deitar-se, parou à porta, olhou para trás e perguntou:

— Helena, você tem ouvido um assobio, a altas horas da noite?

— Nunca o ouvi.

— Bem, não deve ser você assobiando, pois deve estar dormindo.

— Certamente que não. Mas por quê?

— Porque, nestas últimas noites, tenho ouvido sempre, por volta das 3 horas, um fino assobio. Tenho o sono leve e acordado. Não sei de onde vem. Talvez do quarto ao lado, talvez do gramado.

— Talvez seja um desses ciganos — sugeri.

— Talvez. Mas, se vem do gramado, fico admirada por você não ter escutado também.

— Talvez tenha o sono mais pesado do que você.

Fechei a minha porta e, momentos depois, ouvi-a dar a volta à chave da porta do seu quarto.

— Era costume fechar as portas à chave de noite? — inquiriu Holmes.

— Sempre.

— Por quê?

— Porque o dr. Roylott tinha um leopardo e um macaco. Não nos sentíamos seguras, enquanto as nossas portas não estivessem fechadas à chave.

— É natural. Continue, por favor.

— Não pude dormir naquela noite. Tinha um pressentimento vago de que alguma desgraça ia acontecer. Minha irmã e eu éramos gêmeas, e o senhor sabe como são sutis os laços que ligam duas almas tão unidas. O vento uivava e a chuva batia com força nas janelas. Subitamente, no meio do ruído da tempestade, ouvi o grito de horror da minha irmã. Pulei da cama e corri para o corredor. Quando abri a porta, pareceu-me ouvir um assobio em tom baixo, como minha irmã descrevera, e, um momento depois, um som, semelhante à queda de uma caixa de metal. Corri ao quarto de minha irmã. Pela luz do candeeiro do corredor encontrei-a aterrorizada, com as mãos estendidas como que pedindo socorro e o corpo cambaleante.

Corri para ela, mas seus joelhos dobraram-se e ela caiu no chão. Torcia-se como quem estivesse com dores horríveis, os braços e as pernas tremendamente convulsionados. A princípio pensei que não me reconhecia, mas, quando me inclinei para ela, gritou:

— Oh! Meu Deus! Helena! Foi a faixa malhada. A faixa malhada.

Havia outra coisa que queria dizer e apontava com o dedo no ar em direção ao quarto do dr. Roylott, mas uma nova convulsão abafou-lhe as palavras. Saí correndo, chamando meu padasto em voz alta, e encontrei-o saindo do quarto, com o roupão vestido. Quando chegou ao lado de minha irmã, já ela estava inconsciente e, embora lhe despejasse conhaque na garganta e mandasse chamar um médico, tudo foi em vão; ela morreu vagorosamente, sem recuperar os sentidos.

— Um momento — disse Holmes. — A senhora tem certeza quanto ao assobio e ao som de metal? Podia jurar que os ouviu?

— O delegado também me fez essa pergunta, na investigação que se seguiu. Tenho a convicção de tê-los ouvido, todavia, com o barulho da tempestade e o guinchar da casa velha, é possível que tenha me enganado.

— Sua irmã estava vestida?

— Não, estava de camisola. Tinha na mão direita um fósforo queimado e, na esquerda, uma caixa de fósforos.

— Prova de que havia acendido a luz, quando se alarmou. Isto é importante. E quais foram as conclusões do delegado?

— Investigou o caso com muito cuidado, porque a conduta do dr. Roylott tornara-se notória em toda a localidade, mas não encontrou qualquer elemento satisfatório acerca da morte de minha irmã. O meu testemunho demonstrou que a porta foi trancada do lado de dentro, e as janelas estavam fechadas com portas de madeira, do sistema antigo, e atravessadas com barras de ferro, como se fazia todas as noites. As paredes não tinham buracos nem fendas, eram sólidas, e o soalho foi bem examinado. A chaminé é larga, mas está coberta por quatro grandes barras de madeira. É certo que minha irmã estava sozinha, quando gritou, mas não havia sinais de violência no corpo.

— E envenenamento?

— Os médicos examinaram o corpo minuciosamente, mas nada encontraram.

— De que pensa que ela tenha morrido?

— Creio que morreu de medo, por choque nervoso, embora não possa imaginar o que a tenha aterrorizado.

— Havia, nessa altura, ciganos nos terrenos?

— Sim, estão lá quase sempre.

— Ah! E que foi que deduziu da alusão a uma faixa malhada?

— Às vezes, penso ter sido uma expressão delirante; outras, que quisesse referir-se a um bando de pessoas, talvez a esses mesmos ciganos. Não sei se o lenço pintado que eles usam na cabeça poderia ter sugerido o termo que Júlia usou.

Holmes meneou a cabeça como um homem que está longe de considerar-se satisfeito.

— Queira continuar a sua narrativa.

— Desde então, passaram-se dois anos e a minha vida ficou mais solitária do que nunca. Contudo, há um mês, um amigo, que conheci há poucos anos, deu-me a honra de pedir-me em casamento. Chama-se Armitage, Percy Armitage, segundo filho do sr. Armitage, de Crane Water, perto de Reading. O meu padraсто não se opôs ao casamento, por isso tencionamos casar na primavera. Há dois dias começaram algumas reparações na ala oeste da casa e furaram a parede do meu quarto, de maneira que tive que me mudar para o quarto onde morreu minha irmã e dormir na mesma cama. Imagine, então, como tremi de horror quando, ontem à noite, estando acordada, ouvi repentinamente, no silêncio da noite, o assobio baixinho que precedeu a morte de Júlia. Levantei-me apressada e acendi a lâmpada, mas nada havia no quarto; fiquei muito assustada e, não podendo dormir mais, vesti-me, e daí a pouco era dia. Desci silenciosamente, arranjei uma charrete na Taverna da Coroa, que fica em frente, e fui a Leatherhead, de onde vim esta manhã com o único objetivo de falar com o senhor e pedir-lhe conselho.

— Fez muito bem, mas contou-me tudo?

— Sim.

— Srta. Stoner, julgo que não contou, porque está tentando poupar o seu padraсто.

— Que quer dizer com isso?

Por resposta, Holmes puxou para trás um debrum de renda preta que cobria a mão que descansava sobre o joelho da nossa visitante. Cinco pontos azuis, marca de quatro dedos e um polegar, estavam impressos naquele pulso branco.

— Foi tratada brutalmente — deduziu Holmes.

A jovem corou e cobriu o pulso maltratado.

— É um homem e talvez nem imagine a sua força.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual Holmes descansou o queixo sobre as mãos e ficou olhando para as chamas da lareira.

— Este caso é muitíssimo sério — considerou. — Há muitas coisas que eu gostaria de saber, antes de decidir o nosso plano de ação. Todavia, não temos um momento a perder. Se fôssemos a Stoke Moran, ainda hoje, seria possível visitarmos os quartos sem o conhecimento de seu padrasto?

— Ele falou em vir hoje à cidade para tratar de um negócio importante. É provável que esteja fora o dia inteiro. Temos agora uma empregada, mas é velha e caduca, por isso que eu poderia facilmente afastá-la do seu caminho.

— Excelente. Você pode ir comigo, Watson?

— Claro.

— Então iremos os dois. Que vai fazer agora, srta. Stoner?

— Há uma ou duas coisas que desejo fazer, aproveitando que está na cidade, mas volto no trem do meio-dia, pronta para recebê-los.

— Pode esperar-nos à mesma hora. Eu também tenho algumas coisas a fazer. Mas a senhorita não quer esperar pelo café da manhã?

— Não. Preciso ir. O meu coração já ficou mais aliviado, mas os esperarei com ansiedade, esta tarde.

A jovem saiu.

— Que pensa disto tudo, Watson? — perguntou Sherlock Holmes, recostando-se na cadeira.

— Parece-me um caso sinistro.

— Contudo, se a jovem não mentiu ao dizer que as paredes e o soalho estão intactos e que a porta, as janelas e a chaminé são impenetráveis, a irmã dela estava sozinha quando morreu misteriosamente.

— De acordo.

— O que significam então aqueles assobios noturnos e as palavras estranhas que ela proferiu?

— Não posso imaginar.

— Quando se alia a idéia de assobios noturnos à presença de um bando de ciganos que têm intimidade com esse velho doutor, e também ao fato de ele ter interesse em frustrar o casamento da enteada; também a alusão a

uma faixa e, finalmente, ao fato de a srta. Stoner ouvir um ruído metálico, que podia ter sido causado por uma barra, daquelas que seguram a janela, ao ser recolocada, penso que há um fundamento para que o mistério seja descoberto com base nestes fatos.

— Mas que fizeram os ciganos?

— Não faço idéia e é por isso que vamos a Stoke Moran, ainda hoje... Mas que diabo é isto?

A exclamação do meu companheiro foi devido ao fato de a nossa porta ter sido aberta violentamente e um homem enorme se postar na abertura. A sua roupa era uma mistura singular de notário e agricultor, com cartola preta, casaco comprido e polainas altas e um chicote de caçador na mão. Era tão alto que o chapéu tocava no topo da entrada, e parecia ter a largura desta, de um lado a outro. Os seus olhos fundos e coléricos, com o nariz grande e pontiagudo, faziam-no assemelhar-se a uma ave de rapina.

— Qual de vocês é Holmes? — perguntou.

— É esse o meu nome, senhor, mas eu não sei o seu — respondeu o meu amigo.

— Sou o dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran.

— Ah! sim, doutor? — disse Holmes suavemente. — Queira sentar-se.

— Não. Minha enteada esteve aqui. Segui-a. Que foi que ela lhe contou?

— Está um pouco frio para esta época do ano — comentou Holmes.

— Que foi que ela lhe disse? — gritou o velho, furioso.

— Contudo, ouvi dizer que as tulipas prometem ser abundantes — continuou o meu amigo imperturbavelmente.

— Ah! Você está tentando desviar o assunto, hem? — acusou o nosso visitante, dando um passo em frente e sacudindo a cabeça. — Eu o conheço, patife! Já ouvi falar de você. Você é Holmes, o mexeriqueiro.

O meu amigo sorriu.

— Holmes, o intrometido!

O sorriso alargou-se.

— Holmes, o laçao da Scotland Yard!

Holmes riu-se abertamente.

— A sua conversa é muito divertida — apreciou. — Quando o senhor sair, tenha a bondade de fechar a porta, pois aberta ela forma uma forte corrente de ar.

— Vou quando tiver dito tudo quanto quero dizer. Não se atreva a meter o nariz nos meus assuntos. Sei que a srta. Stoner esteve aqui. Segui-a! Sou homem perigoso para alguém me defrontar. Veja isto.

Adiantou-se e, pegando um atizador do fogão, dobrou-o com as suas grandes mãos.

— Cuidado com as minhas garras — rosnou e, atirando o atizador para a lareira, saiu da sala.

— Parece uma pessoa amistosa — satirizou Holmes, rindo. — Não tenho um corpo tão grande, mas se ele tivesse continuado, poderia demonstrar-lhe que as minhas garras não são menos fortes.

E, enquanto falava, pegou no atizador e, com um esforço súbito, endireitou-o.

— Imagine, me confundiu com os detetives de polícia! Este incidente dá mais sabor às nossas investigações, contudo, espero que a nossa amiga não venha a sofrer com a sua imprudência de deixar-se seguir. E agora, Watson, vamos tomar o desjejum. Depois iremos a Doctors Commons, onde espero encontrar alguns elementos que possam ajudar-nos neste caso.

Eram quase treze horas quando Sherlock Holmes voltou da sua excursão, tendo na mão um papel, todo anotado com algarismos.

— Vi o testamento da falecida esposa — informou —, e tive de calcular os preços atuais dos investimentos a que aquele se refere. O rendimento na ocasião da morte dela era de quase 1 000 libras, e está agora próximo de 750 libras. Cada filha pode requerer uma renda de 250 libras, quando se casar. É evidente, portanto, que, se ambas tivessem se casado, este sujeito ficaria bastante prejudicado. O meu trabalho não foi em vão, pois prova que ele tinha um bom motivo para tentar impedir que ambas se casassem. E agora, Watson, não devemos demorar, visto que o velho sabe que estamos interessados na sua vida; portanto, se está de acordo, vamos chamar um coche e apanhar o trem de Waterloo. Agradeço-lhe se levar o seu revólver no bolso. Um Eley's nº 2 é um excelente argumento para sujeitos que conseguem torcer atizadores de aço. Isto e uma escova de dentes será tudo quanto precisaremos.

Tivemos sorte em Waterloo, pois chegamos na hora de apanhar um trem para Leatherhead, onde alugamos um coche e viajamos durante mais de seis ou sete quilômetros através da paisagem maravilhosa do Surrey. Estava um dia lindo, de sol brilhante e algumas nuvens transparentes no céu. As

árvores e sebes desabrochavam, e o ar impregnava-se no perfume vindo da terra úmida. O meu amigo seguia na frente, com os braços cruzados e o chapéu puxado para os olhos, o queixo caído sobre o peito, em profunda meditação. De súbito, ergueu-se, deu-me uma palmada no ombro e apontou para os prados.

— Olhe para isto.

Via-se um parque cheio de árvores que cresciam na encosta de uma pequena colina, e a espessura das árvores aumentava até o cume; era uma verdadeira mata. Por entre os ramos das árvores viam-se as pontas triangulares das águas-furtadas de uma velha mansão.

— Stoke Moran? — perguntou.

— Sim, senhor. É a casa do dr. Grimesby Roylott — respondeu o cocheiro.

— Estão fazendo obras, e é para lá que vamos — informou Holmes.

— A vila é aqui — disse o cocheiro apontando para um grupo de telhados à esquerda. — Mas, se vai à casa, é melhor saltar a cancela e seguir o caminho a pé através dos campos. É onde está aquela senhora.

— Creio que é a srta. Stoner — observou Holmes. — Sim, vamos fazer o que nos sugere.

Descemos, pagamos, e o coche voltou para Leatherhead.

— Achei melhor — explicou Holmes, enquanto saltávamos a cerca — que esse homem pensasse que somos arquitetos, ou corretores de imóveis. Pode ser que assim não dê com a língua nos dentes.

— Boa tarde, srta. Stoner. Como vê, cumprimos o prometido.

A nossa cliente apressara o passo ao nosso encontro.

— Estava esperando os senhores ansiosamente — exclamou, apertando-nos as mãos. — Tudo está correndo bem. O dr. Roylott foi para a cidade e creio que não voltará tão cedo.

— Tivemos o prazer de conhecer o dr. Roylott — advertiu Holmes e, em poucas palavras, relatou o acontecido. A srta. Stoner ficou branca como a cal.

— Céus! — exclamou. — Nesse caso, ele me seguiu?

— Parece que sim.

— É tão astuto que nunca sei quando posso me sentir segura. Que fará, quando regressar?

— Ele terá de ter cuidado, pois há pessoas tão astutas como ele. É preciso que a senhorita se tranque hoje à noite. Se ele se tornar violento, nós a levaremos para a casa de sua tia, em Harrow. Agora, precisamos aproveitar o tempo. Peço-lhe que nos conduza aos quartos que devemos examinar.

O edifício era de pedra cinzenta com musgo cobrindo as paredes; na parte central era alto, com duas alas curvas, como as pinças de um caranguejo. Numa dessas alas, as janelas estavam quebradas e cobertas com tábuas, assim como o teto, numa autêntica ruína. A parte central estava restaurada, e a ala à direita fora modernizada, com cortinas nas janelas e fumaça saindo pelas chaminés, indicando que era ali que a família residia.

Viam-se alguns andaimes contra as paredes, onde havia uma abertura, mas sem o menor sinal de pedreiros trabalhando, à hora da nossa visita. Holmes andou de um lado para outro, no gramado, e examinou as janelas do lado externo.

— Esta deve pertencer ao quarto que a srta. Stoner ocupava; o do centro era o de sua irmã, e o ligado ao edifício principal é do dr. Roylott.

— Exatamente, mas agora durmo no quarto do meio.

— Por causa das modificações. Mas não vejo uma grande necessidade de reparação naquele lado da parede.

— Nem havia. Creio que foi um pretexto para obrigar-me a mudar de quarto.

— Ah! É uma sugestão. Do outro lado desta ala está o corredor a que estes três quartos dão acesso. Há janelas no corredor?

— Sim, mas muito pequenas. Estreitas demais para alguém atravessar.

— Já que trancavam as portas dos seus quartos, pelo lado de dentro, não era possível a aproximação por aquele lado. Tenha a bondade de entrar no seu quarto e de trancar as janelas e as portas de madeira.

A srta. Stoner executou o pedido, e Holmes, depois de examinar as janelas, esforçou-se por abri-las, sem resultado, pois não havia uma única fenda por onde se pudesse introduzir a lâmina de um canivete. Pegou uma lente e examinou as dobradiças. Eram de ferro sólido, embutido na parede.

— Hum! — resmungou, coçando o queixo. — A minha teoria apresenta algumas dificuldades. Ninguém poderia passar por estas portas depois de trancadas. Bem, vamos ver se o interior nos revela qualquer pista.

Uma porta estreita dava acesso ao corredor em ruínas, para onde se abriam os três quartos. Holmes não examinou o terceiro quarto e passamos para o

segundo, aquele em que a srta. Stoner dormia agora e no qual sua irmã morrera. Era simples, com teto baixo e lareira larga, comum às casas de campo antigas. Via-se uma cômoda acastanhada que estava num canto, uma cama coberta com uma colcha branca em outro, e um toucador do lado esquerdo da janela. Esses móveis, com mais duas cadeiras de verga, completavam a mobília, além de um pequeno tapete.

As vigas e as tábuas que forravam as paredes eram de carvalho castanho, carunchosas e tão velhas que pareciam ser tão antigas como o próprio edifício.

Holmes sentou-se a um canto, enquanto examinava todos os pormenores do quarto.

— Para onde comunica aquela campainha? — perguntou, apontando para um cordão grosso que estava pendurado ao lado da cama, com a borla em cima do travesseiro.

— Toca no quarto da criada.

— Parece ser recente.

— Sim, a campainha foi colocada há dois anos.

— Foi sua irmã quem a pediu?

— Não, nem creio que a usasse. Nós próprias íamos buscar aquilo de que precisávamos.

— Parece desnecessário um cordão tão bonito nesse local. Desculpe-me um momento, mas quero examinar o soalho — depois fez o mesmo a todos os painéis de madeira e finalmente chegou à cama, analisando-a bem, assim como à parede que ficava perto. Pegou no cordão da campainha e puxou-o.

— Oh! É apenas um enfeite! — comentou. — Não é funcional!

— Não toca?

— Não, nem está ligada ao fio interior. Isto é de fato interessante. Apenas está ligada a um gancho logo acima do ventilador.

— Que absurdo! Nunca tinha reparado nisso.

— É realmente estranho! — murmurou Holmes, puxando a corda. — Há um ou dois pormenores anormais neste quarto. Por exemplo, por que motivo o construtor abriu um ventilador, de um quarto para o outro, quando com o mesmo trabalho podia fazer uma comunicação com o ar livre?

— É também recente — elucidou a jovem.

— Foi instalado na ocasião do cordão? — indagou Holmes.

— Sim, fizeram-se várias alterações, naquela época.

— E parece que tiveram um propósito específico: cordões inúteis, ventiladores que não ventilam. Com sua permissão, vamos fazer algumas pesquisas no quarto central.

O quarto do dr. Grimesby Roylott era maior do que o da enteada, mas simples. Cama de campanha, prateleira cheia de livros, na sua maioria de ordem técnica, uma poltrona junto da cama, uma cadeira comum de madeira, encostada à parede, uma mesa redonda e um cofre enorme de ferro. Holmes examinou tudo com o maior cuidado.

— Que há aqui dentro? — indagou, dando uma palmada no cofre.

— Os documentos do meu padraсто.

— Ah! Já examinou o interior?

— Uma vez, há uns anos atrás. Lembro-me de que estava cheio de papéis.

— E não haverá um gato no meio deles, por acaso?

— Que idéia estranha!

— Olhe para isto!

E pegou num pequeno pires de leite que estava em cima do cofre.

— Não, não temos qualquer gato em casa. Mas há um leopardo e um macaco.

— Bem, o leopardo é como um gato grande, mas um pires de leite não é o bastante para satisfazê-lo.

Curvou-se diante da cadeira de madeira e examinou o assento. Depois, colocou a lente no bolso.

— Aqui está uma coisa interessante!

Era um pequeno chicote, geralmente usado por quem tem cães, pendurado a um canto da cama. Estava enrolado e amarrado por meio de uma presilha.

— Que pensa disto, Watson?

— É bastante comum, mas não entendo por que está enrolado.

— Isto já não é comum, não é? Há tanta maldade no mundo e, quando um homem inteligente dedica o cérebro ao crime, torna-se mil vezes pior. Penso que já vimos bastante, srta. Stoner e, se nos dá licença, iremos para o gramado.

Aí, recomendou:

— É essencial, srta. Stoner, que siga à risca as minhas instruções.

— Certamente.

— A sua vida depende da sua obediência.

— Estou nas suas mãos.

— Em primeiro lugar, o meu amigo e eu devemos passar a noite no seu quarto.

Ela e eu olhamo-nos estupefatos.

— Sim, é preciso que assim seja. Deixem-me explicar. Creio que aquela construção ali adiante é a hospedaria da vila.

— Sim, chama-se Coroa.

— Acha que a sua janela pode ser vista de lá?

— Certamente.

— É preciso que a senhorita permaneça no quarto, alegando uma forte dor de cabeça, na hora em que seu padraço voltar. Depois de ele ir para o quarto, a senhorita deve abrir a janela, pôr o candeeiro à nossa vista e depois se retirar para o quarto que ocupava antes. Apesar das obras, deve poder acomodar-se lá só por uma noite.

— Sim, sem problema.

— Quanto ao resto, deixe o caso nas nossas mãos.

— Que vão fazer?

— Passaremos a noite no seu quarto e investigaremos a causa do ruído que a tem incomodado.

— Creio, sr. Holmes, que o senhor já tirou as suas conclusões — disse a srta. Stoner, pondo a mão sobre o braço do meu companheiro.

— Talvez.

— Então, diga-me o que foi que matou minha irmã.

— Preferia ter melhores provas antes de pronunciar-me.

— Pode ao menos me dizer se a morte foi causada por algum susto repentino?

— Acho que não. Creio ter havido uma causa mais concreta. E agora, srta. Stoner, se o dr. Roylott voltar e nos vir aqui, a nossa viagem terá sido em vão. Tenha coragem e, se fizer o que lhe indiquei, pode ficar descansada, pois afastaremos os perigos que a ameaçam.

Sherlock Holmes e eu não tivemos dificuldades em alugar um quarto e uma sala na hospedaria. Ficavam no andar superior e, da nossa janela, pudemos, ver o portão da alameda que conduzia à ala habitada da casa de Stoke Moran.

Ao escurecer, vimos o dr. Roylott passar de coche, com o corpo enorme ao lado do rapaz que o acompanhava e que demorou a abrir os pesados portões. Ouvimos a sua voz rouca e vimos a fúria com que fechou os punhos, ameaçando o rapaz.

O coche continuou e, minutos depois, vimos surgir uma luz entre as árvores, quando se acendeu a luz numa das salas.

— Sabe, Watson — disse Holmes quando estávamos sentados juntos na semi-obscuridade —, não sei se devo levá-lo comigo hoje à noite. Há indícios de grande perigo.

— Não vai precisar de minha ajuda?

— A sua presença poderá ser muito útil.

— Então, irei.

— É muito generoso da sua parte.

— Você fala em perigo. É evidente que conseguiu ver, naqueles quartos, mais do que eu consegui...

— Creio que você viu tanto quanto eu, mas talvez eu tenha deduzido mais.

— Não vi nada de estranho, a não ser o cordão da campainha. Não posso imaginar para que sirva aquilo.

— Viu o ventilador?

— Sim, mas não penso que seja extraordinário haver uma abertura entre dois quartos, tão pequena que mal daria passagem a um rato.

— Eu tinha a certeza de que encontraríamos uma abertura para ventilação, antes de irmos para Stoke Moran.

— Caro Holmes...

— Oh, sim. Lembra-se de ela ter dito que a irmã sentia o cheiro dos charutos de Roylott? Isto, só por si, sugere a existência de uma comunicação entre os dois quartos. Só podia ser uma abertura pequena, senão as autoridades policiais a teriam encontrado. Por isso deduzi tratar-se de um ventilador.

— Mas que mal tem isso?

— Há, pelo menos, uma coincidência de datas. Um ventilador foi feito, um cordão comprido pendurado e uma moça que dormia na cama morreu. Não lhe parece estranho?

— Por ora não vejo qualquer relação...

— Não notou nada de estranho naquela cama?

— Não.

— Pois estava fixada ao chão. Já viu alguma cama fixada ao assoalho, com parafusos?

— Nunca.

— A jovem não podia mudar a cama de lugar, devia ficar sempre na mesma posição em relação ao ventilador e ao cordão.

— Estou percebendo o que você quer dizer. Chegamos no momento exato de evitar um crime.

— Sim, e bastante horrível. Quando um médico se desvia do bem, torna-se o pior dos criminosos. Tem nervos e conhecimentos. Esse homem extrapola Palmer e Pritchard, mas creio que teremos de correr muitos riscos, antes que a noite se finde. Vamos acalmar os nervos fumando um pouco e pensando em coisas mais agradáveis.

Por volta das 21 horas, a luz entre as árvores extinguiu-se e Manor House ficou nas trevas. Passaram-se duas horas e, repentinamente, quando o relógio da igreja batia 23 horas, brilhou a luz à nossa frente.

— Eis o nosso sinal — apontou Holmes —, está na janela do meio.

Quando saímos, trocou algumas palavras com o dono da estalagem, dizendo que íamos visitar um velho conhecido e talvez passássemos a noite com ele. Um momento depois, estávamos lá fora, com um vento frio açoitando-nos o rosto e uma luz amarela piscando à nossa frente através das sombras.

Não foi difícil penetrar na propriedade, porque havia muitas aberturas no velho paredão do parque. Por debaixo das árvores, alcançamos o gramado e o atravessamos; íamos entrar pela janela, quando, de uns arbustos de louro, saltou algo que parecia uma criança aleijada e se lançou sobre a relva, antes de desaparecer rapidamente na escuridão.

— Meu Deus! — murmurei — Você viu aquilo?

Holmes ficou tão surpreso quanto eu. A mão dele fechou-se sobre o meu pulso. Então, riu baixinho e segredou-me:

— É uma família muito completa! Aquilo é o macaco.

Tinha-me esquecido dos animais exóticos do doutor. Havia um leopardo que talvez nos caísse sobre os ombros a qualquer momento. Confesso que me senti aliviado quando, seguindo o exemplo de Holmes de tirar os sapatos, me achei dentro do quarto.

Sem fazer qualquer ruído, o meu companheiro fechou as janelas, passando o candeeiro para cima da mesa, e olhou em redor. Tudo estava como tínhamos observado durante o dia. Então, se chegando junto de mim e dobrando a mão em concha, tornou a segredar:

— O menor ruído pode ser fatal aos nossos planos. Temos de ficar no escuro. Roylott veria luz pelo ventilador. Não durma. Talvez a sua vida dependa disso. Tenha o revólver à mão. Ficarei sentado na beira da cama, e você, naquela cadeira.

Tirei o revólver do bolso e coloquei-o em cima da mesa.

Holmes colocou a bengala curta e flexível em cima da cama, a seu lado, e, junto desta, uma caixa de fósforos e um coto de vela. Depois apagou a vela e ficamos às escuras.

Nunca me esquecerei dessa noite de vigília. Não se ouvia o mínimo som, nem da nossa respiração; contudo, eu sabia que o meu companheiro estava ali sentado com a mesma tensão de nervos que eu sentia. As janelas de madeira não deixavam passar o menor raio de luz.

Ouvíamos o piar ocasional de uma ave noturna e, a dada altura, sob a janela, ouvimos também um rugido, o que nos indicou que o leopardo andava à solta.

A distância, ouvíamos as badaladas do relógio da igreja, que marcavam cada quinze minutos. Meia-noite, uma hora, duas, três, e continuávamos em silêncio, aguardando que se produzisse qualquer fenómeno.

De súbito, surgiu uma luz na direção do ventilador, que se extinguiu quase imediatamente, mas foi sucedida por um forte cheiro de óleo queimado e metal quente. Alguém, no quarto ao lado, tinha acendido uma lanterna. Ouvi um movimento ligeiro e, depois, novo silêncio, mas o cheiro aumentou. Então, ouviu-se outro som suave, como o de vapor saindo do

bico de uma chaleira. No mesmo instante, Holmes saltou da cama, acendendo um fósforo e bateu furiosamente com a bengala no cordão da campainha.

— Você viu, Watson? — gritou.

Mas eu não tinha conseguido discernir o objeto em que o meu amigo batia com tanta fúria.

Contudo, notei que o seu rosto estava pálido e revelava horror e repugnância.

Parou de bater e estava olhando para o ventilador, quando, quebrando o silêncio da noite, ouvi o grito mais horroroso que jamais ouvira na minha vida, aumentando até chegar a ser um bramido de raiva e de terror. Dizem que na vila, e até na casa paroquial, fez levantar os que dormiam.

— Que diabos é isto? — perguntei ofegante.

— Já acabou tudo — respondeu Holmes. — Pegue o revólver e vamos entrar no quarto do dr. Roylott.

Acendeu o candeeiro e saiu para o corredor. Bateu à porta, duas vezes, sem obter resposta. Depois girou a maçaneta e entrou, comigo atrás, de revólver em punho.

Em cima da mesa estava uma lanterna com um dos lados meio aberto, lançando um raio de luz sobre o cofre de ferro, cuja porta estava escancarada. Ao lado da mesa, sentado, encontrava-se Grimesby Roylott, de roupão e chinelos turcos. No colo, sobre as pernas, tinha o açoite que tínhamos visto de dia. O queixo estava pendente e os olhos fixos a um canto do teto. Ao redor da testa tinha uma faixa amarela, esquisita, com pintas castanhas, que parecia fortemente amarrada à cabeça.

— A faixa! A faixa malhada! — murmurou Holmes.

Dei um passo à frente. Nesse instante, o ornamento da cabeça do doutor começou a mover-se e, do cabelo, levantou-se uma cabeça chata, de forma triangular, de uma serpente repelente.

— É uma naja-leopardo! ⁽¹⁾ — identificou Holmes — A serpente mais venenosa da Índia. Roylott morreu em menos de um minuto depois de ser picado; a violência, na verdade, recai sempre sobre os violentos; e o assassino

⁽¹⁾ *Elaphe situla, indiana* (N. do T.)

cai sempre na cova que preparou para outro. Vamos obrigar este ofídio a voltar para o seu antro e então levar a srta. Stoner para qualquer lugar seguro e relatar à polícia o que aconteceu.

Enquanto falava, retirou o chicote do colo do morto e, jogando o laço ao redor do pescoço do réptil, arrancou-o do seu poleiro. Depois, de braço estendido, atirou-o para dentro do cofre, cuja tampa fechou ruidosamente.

Estes são os fatos verídicos acerca da morte do dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran. Não é necessário prolongar a narrativa, para relatar como demos a notícia à jovem aterrorizada, e como a levamos de trem até Harrow. Também não contarei o progresso vagaroso das investigações policiais, que concluíram que o doutor morrera quando brincava descuidadamente com um ofídio perigoso. O pouco que ainda me faltava saber do caso, foi-me relatado no nosso regresso, no dia seguinte.

— Eu tinha chegado a uma conclusão completamente errônea, que demonstra, meu caro Watson, como é perigoso raciocinar com dados insuficientes. A presença dos ciganos, bem como a palavra “faixa”, que a pobre jovem usou, sem dúvida para explicar a visão horrível que teve à luz do fósforo, bastaram para despistar-me.

O meu único mérito foi reconhecer o erro, quando percebi que qualquer perigo que ameaçasse a dona do quarto não poderia vir da janela, nem da porta. O ventilador e o cordão da campainha, tão perto da cama, despertaram-me a atenção. Achei também estranho a cama estar fixa e a campainha não ser funcional, vindo o cordão diretamente do ventilador para a cama; tudo isto me deu a idéia de que se destinava à descida de qualquer coisa de um ponto a outro, e a idéia de uma cobra ocorreu-me logo, tanto mais que sabia que o doutor possuía vários animais da Índia. A idéia de uma forma de envenenamento que não pudesse ser descoberta por testes químicos era precisamente o que serviria a um homem esperto e cruel que se familiarizou com cobras no oriente. A rapidez com que tal veneno atuaria era realmente uma vantagem. Só um médico legista muito perspicaz notaria os dois pontinhos escuros dos dentes da cobra. Depois me lembrei do assobio. Era preciso recolher a cobra, antes que chegasse a luz do dia, para que a vítima não a visse. Ele tinha treinado a naja, talvez com o leite que vimos. Introduzia-a pelo ventilador na altura mais propícia, tendo a certeza de que desceria pelo cordão até a cama, podendo ou não morder a ocupante. Talvez esta escapasse durante uma semana inteira; porém, mais cedo ou mais tarde, seria fulminante.

Quando vi o cofre, o pires de leite e o laço feito com a corda do chicote, deixei de ter dúvida. O som de metal que a srta. Stoner ouviu foi o bater da porta do cofre fechando o seu terrível hóspede. Uma vez convencido de que estava na pista certa, só tive que me certificar. Ouvi assobiar e imediatamente acendi a luz e ataquei, para obrigar a naja a retirar-se do ventilador.

E, também com o intuito de fazê-la voltar-se contra o próprio dono, dei algumas das pancadas a fim de enfurecê-la. Por isso lançou-se sobre a primeira pessoa que viu. Deste modo, sem dúvida, sou indiretamente responsável pela morte do dr. Grimesby Roylott, mas não posso dizer que isso me pese muito na consciência.

A COROA DE BERILOS

— **H**olmes —, disse eu um dia, junto da janela, olhando para a rua —, ali vem um louco. É lamentável que deixem um sujeito assim sair sozinho.

O meu amigo, de mãos nos bolsos do roupão, levantou-se da poltrona e espreitou por cima do meu ombro. Era uma manhã nebulosa de fevereiro; a neve da véspera ainda jazia no chão brilhando ao pálido sol invernal. A rua já fora calcada pelo tráfego, mas a beira das calçadas tinha sido varrida e estava escorregadia e tão perigosa, que havia muito menos transeuntes que de costume. Dos lados da estação do metrô não vinha ninguém, a não ser o tal sujeito, cuja atitude excêntrica me chamou a atenção.

Era um homem de cerca de cinquenta anos, alto, de porte imponente, com uma expressão que indicava um caráter forte e resoluto. Usava um traje escuro, elegante, com casaco, chapéu alto, polainas castanhas e calças cinzentas impecáveis. Contudo, os seus modos contrastavam com a dignidade da sua figura e do seu vestuário, porque corria, dando pequenos pulos, como quem está pouco habituado a exercício físico. Atirava as mãos para trás e para cima e contorcia o rosto com o esforço da corrida.

— Está olhando os números das casas — observei.

— Creio que vem para cá — animou-se Holmes, esfregando as mãos.

— Para cá?

— Sim, é provável que venha consultar-me; conheço os sintomas... Não lhe disse?

O homem chegou ofegante à porta e puxou com violência o cordão da campainha.

Momentos depois entrou na sala com uma expressão de desespero. Por momentos não conseguiu falar, apenas se agitava e puxava os cabelos como louco.

Sherlock Holmes conduziu-o para uma poltrona e, sentando-se a seu lado, falou-lhe em tom amável e calmo.

— O senhor veio contar-me a sua história, não é verdade? Descanse um pouco e depois terei o prazer em considerar qualquer problema que quiser me contar.

O homem esforçou-se por controlar a emoção, enxugou a testa e virou-se para nós.

— Pensam que enlouqueci?

— Vejo que está muito perturbado — respondeu Holmes.

— Tenho um problema terrível. Problemas particulares todos os têm; mas o meu quase me enlouquece. Além disso, não só a mim. Alguns nobres deste país podem cair em desgraça, a não ser que se descubra uma solução para o caso.

— Bem, acalme-se, diga-me quem é o senhor e o que aconteceu.

— Talvez o senhor já tenha ouvido o meu nome. Sou Alexander Holder, da casa bancária Holder & Stevenson, da Threadneedle Street.

Era o segundo grande banco da cidade de Londres, e o nome Holder era bem conhecido. Que poderia ter acontecido para que um dos cidadãos mais considerados estivesse tão perturbado.

— Sei que tempo é dinheiro. Por isso dirigi-me ao senhor, visto que o inspetor da polícia me aconselhou a sua cooperação. Vim de metrô, e depois, a pé, porque os coches andam muito devagar devido à neve, e por isso é que fiquei ofegante.

O senhor sabe que um banco em franco progresso depende muito da obtenção de investimentos, assim como do número de nossos depositantes. Um dos meios mais lucrativos é o empréstimo, quando a segurança é total. Durante estes últimos anos temos adiantado grandes somas a muitas famílias nobres, aceitando como garantia os seus valiosos quadros, livros raros ou jóias.

Ontem, estava no meu gabinete do banco, quando me trouxeram um cartão de visita.

Estremeci quando vi o nome. Basta dizer que é um nome pronunciado no mundo inteiro, um dos mais nobres de Inglaterra. Fiquei profundamente emocionado com a honra.

— Sr. Holder — começou ele, já no seu gabinete —, disseram-me que o senhor costuma fazer adiantamentos de dinheiro.

— O banco só o faz quando a garantia é sólida.

— Preciso de 50 mil libras imediatamente. Poderia pedir um empréstimo aos meus amigos, dez vezes maior do que esta quantia, mas prefiro obtê-la através de um banco. Deve compreender que, na minha posição, não é recomendável criar obrigações.

— Por quanto tempo precisa desta soma? — perguntei.

— Na próxima segunda-feira devo receber uma vultosa soma, que me é devida, e então poderei devolver o que me for adiantado com a porcentagem que julgar justa. Mas é essencial que receba já essa quantia.

— Teria muito prazer em fazer-lhe um empréstimo pessoal, mas os meus fundos particulares não são suficientes. Se a operação for feita em nome da firma, todas as formalidades de segurança e caução serão observadas.

— Prefiro que seja assim — concordou, pegando num enorme porta-jóias de marroquim preto, que havia posto a seu lado na cadeira. — Com certeza já ouviu falar da coroa de berilos?

— Um dos tesouros mais preciosos do Império.

— Precisamente.

Abriu o guarda-jóias e exibiu a magnífica peça de joalheria.

— Tem 39 enormes berilos e o preço do engaste de ouro é incalculável. A mais baixa avaliação daria à coroa o dobro da quantia que peço. Estou pronto a deixá-la como garantia.

Examinei a jóia e, depois, olhei para o meu ilustre cliente.

— Duvida do seu valor? — perguntou ele.

— Não. Só duvido...

— Do meu direito de utilizá-la? Pode ficar descansado. Tenho a certeza de que, dentro de quatro dias, poderei resgatá-la. Chega esta garantia?

— Perfeitamente.

— O senhor compreende, sr. Holder, que estou lhe manifestando uma prova de grande confiança. Confio no senhor, não só por ser discreto, pois

sei que não falará a ninguém sobre o assunto, mas também por poder guardar essa coroa com toda a precaução. Se lhe acontecer qualquer coisa, causará grande escândalo público. Qualquer deterioração seria quase tão séria como a sua perda completa, porque não há berilos no mundo que sejam comparáveis a estes, e seria impossível repô-los. Deixo a coroa com o senhor, plenamente confiante, e virei buscá-la pessoalmente na segunda-feira de manhã.

Vendo que o meu cliente estava ansioso para ir embora, chamei o caixa e mandei-o pagar as 50 mil libras em notas. Ao ficar sozinho com a preciosidade na minha frente, não pude deixar de reconhecer a grande responsabilidade que pesava sobre mim. Como objeto pertencente à nação, seria um escândalo horrível, se ocorresse qualquer contratempo. Arrependi-me de ter aceitado a transação, mas já era tarde para retroceder. Fechei-a no meu cofre particular e voltei ao trabalho.

Mais tarde considerei imprudente deixar tão precioso valor no escritório. Os cofres dos outros bancos já tinham sido forçados. Se o meu fosse arrombado, em que terrível situação me veria! Resolvi, portanto, que durante esses três ou quatro dias traria a jóia sempre comigo.

Com essa intenção, chamei um coche e nele segui para casa, em Streatham. Só respirei livremente depois de levá-la para o meu vestíbulo e de fechá-la no armário, à chave.

Agora, sr. Holmes, devo esclarecê-lo de que o meu cocheiro e o criado dormem fora. Tenho três criadas que estão comigo há vários anos e cuja conduta está acima de qualquer suspeita. Outra, Lucy Parr, está em minha casa apenas há alguns meses. Veio com excelentes referências. É uma moça bonita e atrai admiradores que às vezes rondam a casa. É a única coisa que tenho contra ela, mas parece boa moça sob todos os aspectos. Quanto à minha família, sou viúvo e tenho um único filho que se chama Arthur. Dizem que o estraguei, porque, depois de minha mulher ter morrido, passei a satisfazer-lhe todos os desejos. Talvez fosse melhor para nós dois se eu tivesse sido mais severo, mas o que fiz foi com a melhor intenção.

Gostaria que Arthur me sucedesse no banco, mas ele não tem inclinação para negócios. É desmiolado, tem mau gênio e, para falar verdade, não posso confiar nele para manipular grandes somas em dinheiro. Quando era rapaz, entrou para um clube de aristocratas, onde se tornou amigo íntimo de pessoas com hábitos caros. Viciou-se em jogo de cartas e em apostar nas corridas de cavalos, até que, por diversas vezes, teve de pedir-me que lhe adiantasse a mesada.

Mais de uma vez quis afastá-lo dos companheiros, mas o seu amigo, *sir* George Burnwell, conseguiu sempre influenciá-lo e atraí-lo a essa vida.

Não é de admirar que *sir* George Burnwell o cativasse, porque, apesar de poucas vezes ter vindo a nossa casa, não pude deixar de apreciar seus modos. É mais velho do que Arthur, já esteve em toda parte, é um conversador brilhante e tem uma bela fisionomia. Contudo, considero-o uma pessoa em quem não se deve confiar. Esta é também a opinião da minha sobrinha Mary, que tem o instinto perspicaz de mulher.

Quando o pai dela faleceu, há cinco anos, adotei-a e tenho-a considerado como minha filha. É como um raio de luz na minha vida: dócil, amável, bela e perfeita dona de casa. Não sei o que faria sem ela. Só numa coisa me contrariou: por duas vezes o meu filho pediu-a em casamento, mas ela sempre recusou. Penso que só ela poderia conduzi-lo ao bom caminho.

Quando, naquela noite, estávamos tomando café na sala, depois do jantar, contei a Arthur e a Mary a minha experiência e falei na jóia preciosa que tínhamos em casa, embora omitindo o nome do meu cliente. Lucy Parry, que tinha servido o café, já saíra, e não tenho a certeza de que a porta estivesse bem fechada. Mary e Arthur quiseram ver a famosa coroa, mas achei melhor não tocá-la.

— Onde foi que a guardou? — perguntou Arthur.

— No meu armário.

— Queira Deus que a casa não seja assaltada por ladrões — gracejou.

— Está trancada — assegurei.

— Oh, qualquer chave velha serve nesse armário. Quando era garoto, eu próprio o abri com a chave do armário do quarto das malas.

Arthur costumava exagerar, de maneira que não fiz caso do que disse. Seguiu-me até o quarto e pediu:

— Olhe, meu pai, pode adiantar-me 200 libras?

— Não, não posso — retorqui rapidamente. — Tenho sido generoso demais com você.

— Eu sei disso, mas preciso desse dinheiro, senão, nunca mais poderei entrar no clube.

— Seria uma boa coisa.

— Sim, mas o senhor não gostaria que o deixasse por uma dívida de jogo. Preciso arranjar esse dinheiro e, se não me ajudar, terei de procurar outros meios de obtê-lo.

Eu estava furioso, porque aquele era o terceiro pedido durante o mês.

— Não verás nem um centavo! — gritei. Então, Arthur saiu do quarto sem dizer uma palavra.

Depois de ele ter saído, abri o armário, verifiquei que a coroa estava segura e tranquei-o de novo. Depois dei uma volta na casa para ver se tudo estava bem fechado.

Quando desci, vi Mary na janela lateral do vestíbulo. Fechou-a quando cheguei.

— Diga-me, pai — perguntou —, deu licença a Lucy para sair esta noite?

— Certamente que não.

— Ela entrou agora mesmo pela porta de trás. Com certeza estive apenas no portão, falando com alguém, mas acho isto perigoso e devemos acabar com tal costume.

— Fale com ela amanhã, ou, se preferir, eu mesmo falo. Tem certeza de que está tudo bem fechado?

— Sim, pai.

— Então, boa noite.

Beijei-a, fui para o meu quarto e adormeci imediatamente.

Tenho o sono leve, e a preocupação tornou-me mais desperto. Por volta das 2 horas fui acordado por um ruído dentro de casa, que logo cessou. Deu-me a impressão de que estava sendo fechada uma das janelas. De repente, ouvi passos leves no vestíbulo. Deslizei da cama, alarmado, e entrei lá.

— Vi o meu filho em mangas de camisa e calças, ao lado do cofre, com a coroa nas mãos. Parecia pretender dobrá-la com toda a força. Ao meu grito, deixou-a cair e ficou pálido como a morte. Peguei-a e examinei-a. Faltava-lhe um dos cantos de ouro, com três berilos.

— Seu patife — gritei, exaltado. — Você destruiu a coroa e desonrou-me para sempre! Onde estão as gemas que roubaste?

— Eu roubei? — indignou-se.

— Sim, ladrão! — acusei, sacudindo-o pelos ombros.

— Não falta nenhuma. Não pode estar faltando — afirmou Arthur.

— Faltam três. E você sabe onde estão. Eu próprio vi você tentando arrancar outro pedaço.

— O senhor já me ofendeu bastante. Não direi mais uma palavra sobre este assunto, o senhor não tem o direito de me insultar desse modo. Deixarei esta casa amanhã, e seguirei o meu caminho.

— Você vai sair, mas nas mãos da polícia — bradei, meio louco de tristeza e raiva. — Mandarei investigar este caso até o fim.

— De mim nada saberá — respondeu resolutamente. — Se quiser chamar a polícia, ela que descubra o que puder.

Todos tinham acordado. Mary foi a primeira a correr ao meu quarto e, à vista da coroa, percebeu o que se passava. Com um grito, caiu sem sentidos. Mandeí a criada chamar a polícia e deixei as investigações aos seus cuidados.

Quando o inspetor e um agente entraram na casa, Arthur, que estava de braços cruzados, perguntou-me se tencionava acusá-lo de furto.

Respondi-lhe que o caso já não era particular, mas público, visto que a coroa danificada era propriedade da nação. As autoridades teriam de atuar conforme a lei.

— Pelo menos — pediu —, não mande prender-me agora; seria mais vantajoso para o senhor e para mim, se eu pudesse sair por cinco minutos.

— Para que fuja para esconder o que roubou?

Então, compreendendo a terrível situação em que me achava, adverti-o de que não só a minha honra ficaria manchada, mas também a de alguém mais importante do que eu; e que o escândalo iria convulsionar a nação. Ele poderia evitar tudo isso se contasse o que tinha feito com as três gemas que faltavam.

— É melhor que enfrente as consequências — acrescentei. — Você foi apanhado em flagrante. Basta confessar, dizendo onde estão os berilos. Tudo será perdoado e esquecido.

— Guarde o seu perdão para quem pedir — respondeu, virando-me as costas.

Percebi que não conseguiria convencê-lo; então chamei o inspetor, que o prendeu. Revistaram meu filho e fizeram uma busca, não só à sua pessoa, como no seu quarto e em toda a casa, em todos os lugares onde ele poderia ter escondido as gemas. Mas nada se encontrou e o rapaz não abriu a boca, por mais ameaçado que fosse.

Hoje foi levado para uma cela e eu, depois de cumprir todas as formalidades com a polícia, apressei-me a vir falar com o senhor para implorar que investigue o caso. A polícia reconheceu que não pode descobrir coisa alguma. Já ofereci 1000 libras. Perdi a minha honra, as gemas e o meu filho numa só noite.

Levou as mãos à cabeça e balançou-se de um lado para o outro, soluçando como uma criança. Sherlock Holmes ficou uns minutos calado, com a testa enrugada, a olhar fixamente as chamas da lareira.

— O senhor recebe muitas visitas? — perguntou.

— Nenhuma, a não ser o meu sócio com sua família e um amigo ou outro de Arthur. *Sir* George Burnwell tem ido lá diversas vezes, ultimamente. Ninguém mais.

- E o senhor frequenta a sociedade?
- Só Arthur a frequenta. Mary e eu ficamos em casa. Não gostamos de sair.
- As jovens não costumam ser assim...
- Ela é de natureza calma: além disso, não é muito jovem. Já fez 24 anos.
- Conforme o senhor disse, este caso também a perturbou?
- Terrivelmente! Ficou pior do que eu.
- Ambos estão convencidos da culpabilidade de seu filho?
- Como podemos duvidar, se eu próprio o vi com a coroa na mão?
- Não deve considerar isso uma prova conclusiva. O resto da coroa estava danificado?
- Sim, estava torcida.
- E o senhor não admite a hipótese de que ele estivesse tentando endireitá-la?
- Deus o abençoe. O senhor está tentando ajudá-lo... a ele e a mim. Mas não consegue. Se o propósito de Arthur era inocente, por que não falou?
- Precisamente. E, sendo culpado, por que não inventou uma mentira? Segundo me parece, o seu silêncio pode ser duplamente interpretado. Há diversos pontos estranhos neste caso. Que concluiu a polícia a respeito do ruído que o acordou?
- Julgam ter sido Arthur fechando a porta do seu quarto.
- Como se explica que um homem disposto a roubar fosse acordar toda a família? E que disseram quanto à falta das gemas?
- Ainda continuam inspecionando a mobília e o sobrado, na esperança de encontrá-las.
- Não se lembraram de examinar o lado externo da casa?
- Sim, mostraram um extraordinário interesse. Todo o jardim foi examinado minuciosamente.
- Mas, sr. Holder, não vê que nisso tudo há uma coisa muito mais complexa do que o senhor ou a polícia pensam? O senhor supõe que seu filho se levantou da cama e foi ao seu vestíbulo, abriu o armário e tirou a coroa, quebrando uma parte, e escondeu três das gemas com tanta habilidade que ninguém as encontra. Depois, foi com as outras 36 gemas para o quarto, expondo-se ao perigo de ser descoberto. Será sustentável uma tal teoria?

— Mas pode haver outra? — perguntou o banqueiro com um gesto de desespero. — Se os motivos de Arthur eram inocentes, por que não os explica?

— Compete a nós descobri-lo — replicou Holmes. — Agora, sr. Holder, iremos a Streatham juntos para investigarmos no próprio local os indícios latentes.

Holmes insistiu para que eu fosse com eles nessa expedição, o que, aliás, me interessava.

Confesso que a culpabilidade do filho do banqueiro me parecia evidente. Contudo tinha tanta fé no julgamento de Holmes que achei que talvez houvesse uma esperança, visto não se mostrar satisfeito com as explicações dadas. Não falou durante a viagem, mantendo-se sentado com o queixo apoiado sobre o peito e a aba do chapéu cobrindo os olhos, na mais profunda meditação.

O nosso cliente parecia reanimar-se com aquele vislumbre de esperança. Uma viagem curta de trem e outra, menor, a pé, depressa nos levaram à residência do banqueiro, em Fairbank.

Era uma casa grande, de pedra branca, um pouco afastada da rua. Uma estrada gramada para carros, naquele momento coberta de neve, dava acesso aos grandes portões de ferro da entrada. Ao lado direito, tinha arbustos, desde a rua até a porta da cozinha, que era a entrada de serviço. À esquerda, uma viela conduzia aos estábulos, estando separada do resto da casa, pois era uma passagem pública, embora pouco freqüentada. Holmes deixou-nos à porta e andou em torno da casa. Tanto tempo levou, que sr. Holder e eu entramos na sala de jantar e esperamos por ele perto da lareira. Então, abriu-se a porta e entrou uma jovem. Era alta, magra, com cabelo e olhos escuros, que a palidez do rosto salientava ainda mais. Tinha os olhos inchados de chorar, demonstrando um profundo pesar.

Não fazendo caso da minha presença, chegou-se perto do tio e afagou-lhe a cabeça com carinho.

— Já deu ordem para que soltem Arthur, não é verdade, pai? — perguntou.

— Não, minha filha, o caso precisa ser investigado até o fim.

— Mas tenho certeza de que ele é inocente. Tenho certeza de que ele não fez mal nenhum e que você ainda vai se arrepender de ter sido tão implacável.

— Mas por que motivo Arthur não fala, se de fato está inocente?

— Quem sabe? Talvez tenha ficado ofendido por ter sido acusado pelo próprio pai.

— Como podia deixar de suspeitar dele, quando o vi com a coroa nas mãos?

— Oh! Talvez só tenha pegado a jóia para examiná-la. Acredite na minha palavra. Ele é inocente... É terrível pensar que esteja na cadeia.

— Não ficarei descansado enquanto as gemas não forem encontradas. Nunca, Mary. O seu amor por Arthur a está cegando, apesar dos seus defeitos e das medonhas conseqüências para mim. Trouxe um criminologista de Londres para investigar o caso.

— Este senhor? — perguntou ela, virando-se para mim.

— Não, um seu amigo. Está agora na viela dos estábulos.

— Na viela dos estábulos? — admirou-se Mary. — Que espera encontrar ali? Ah! Suponho que seja este outro senhor! Espero que consiga provar que meu primo está inocente.

— Compartilho inteiramente da sua opinião — replicou Holmes, limpando a neve dos sapatos. — Penso que tenho a honra de falar com a srta. Holder. Posso fazer-lhe umas perguntas?

— Certamente, se é que posso ajudar a esclarecer este caso horrível.

— Não ouviu um ruído de passos, esta noite?

— Nada, até que meu tio começou a falar alto. Então, desci logo.

— Foi a senhorita quem fechou as janelas e portas a noite passada? E fechou-as bem?

— Sim.

— Ainda estavam fechadas, esta manhã?

— Estavam.

— Uma das criadas tem namorado? Creio que a senhorita disse a seu tio que, ontem à noite, ela saiu para vê-lo?

— Sim, é a mesma moça que serviu o café e que, possivelmente, ouviu meu tio falar da coroa.

— E acha que ela saiu para relatar o fato ao namorado e que ambos tenham planejado o furto? Presumo que a tenha visto voltar pela porta da cozinha.

— Sim, quando fui ver se a porta estava fechada, encontrei-a como que se escondendo. Vi também o homem, na escuridão.

— A senhorita o conhece?

— É o jovem que nos traz os legumes. Chama-se Francis Prosper.

— Estava à esquerda da porta, um pouco afastado? — perguntou Holmes.

— Sim.

— E esse Prosper tem uma perna de pau?

Uma expressão de assombro passou pelos olhos da jovem.

— Mas o senhor é um mágico! Como sabe isso? — sorriu, mas Holmes não respondeu ao seu sorriso.

— Agora gostaria de subir aos quartos. Provavelmente, terei de dar outra volta na casa para examinar todas as janelas.

Andou vagarosamente de uma para outra e parou junto da maior, que dava do vestíbulo para a viela dos estábulos. Abriu-a e analisou o peitoril com a lente.

— Agora vamos subir — decidiu.

O quarto do banqueiro era muito simples, com um tapete cinzento, um armário e um espelho alto. Holmes começou por examinar a fechadura do armário.

— Que chave foi usada para abri-la? — perguntou.

— A que meu filho indicou: a do armário do quarto das malas.

— Está aqui?

— É a que se encontra sobre a mesa do toucador.

Sherlock Holmes pegou-a e abriu o armário.

— É uma fechadura silenciosa. Não me admiro que a srta. Holder não tivesse acordado. Vamos examinar a coroa.

Abriu o porta-jóias e colocou-a em cima da mesa. Era um espécime magnífico de joalheria, e as 36 pedras eram as mais belas que eu jamais tinha visto. Um lado da coroa estava quebrado, faltando as três gemas.

— Agora, sr. Holder — propôs Holmes —, aqui está o canto que corresponde ao que foi arrancado. Peça que o parta.

O banqueiro recuou, indignado.

— Eu nunca faria uma coisa dessas.

— Então o faço eu — e Holmes esforçou-se sem resultado. — Sinto que está cedendo um pouco, mas seria difícil quebrá-lo. Um homem só não o conseguiria. Vejamos agora, sr. Holder, que aconteceria se eu conseguisse quebrá-lo? Provocaria um estalo semelhante a um tiro! Ora, o senhor me disse que isto aconteceu a poucos metros da sua cama. Não ouviu nada?

— Nem sei o que pensar.

— E o que pensa, srta. Holder?

— Confesso que estou tão perplexa quanto meu tio.

— Seu filho estava descalço, quando o senhor o viu?

— Estava só com camisa e calças.

— Obrigado. Tivemos muita sorte durante esta investigação e decerto acabaremos por esclarecer tudo. Se me dá licença, sr. Holder, voltarei lá para fora.

Quis ir sozinho, explicando que as pegadas desnecessárias dificultariam as pesquisas. Voltou com os sapatos carregados de neve e a fisionomia tão impenetrável como sempre.

— Creio que já vi tudo quanto interessa, sr. Holder. Vou regressar ao meu apartamento.

— E os berilos, sr. Holmes? Onde estão?

— Por enquanto não sei.

O banqueiro torceu as mãos.

— Nunca mais os verei! — lastimou-se. — E meu filho? Poderá provar a sua inocência?

— A minha opinião a seu respeito continua inalterável. Se o senhor puder ir ao meu apartamento amanhã, entre as nove e as dez horas, terei o gosto de esclarecer o caso. Compreendi que o senhor me dá toda a liberdade para representá-lo, desde que lhe traga as gemas, e que não há limite na quantia que for necessária.

— Darei a minha fortuna para recuperá-las.

— Muito bem. Vou estudar o caso. Até mais. É bem possível que eu tenha de voltar aqui antes da noite.

Percebi que o meu amigo já tinha tirado as suas conclusões. Por diversas vezes, na viagem de regresso, tentei sondá-lo acerca do caso, mas esquivava-se para outro assunto, até que desisti.

Ainda não eram 15 horas, quando chegamos em casa. Holmes dirigiu-se ao quarto e desceu, pouco depois, vestido como um vagabundo, com a gola levantada, casaca velha, gravata vermelha e sapatos gastos.

— Creio que isto deve servir — considerou, olhando para o espelho suspenso por cima da lareira.

Cortou um pedaço de carne assada e, com duas fatias de pão, fez um sanduíche, que meteu ao bolso; depois, saiu.

Eu já tinha jantado quando voltou, jovial, agitando uma bota com elásticos. Atirou-a para um canto e serviu-se de uma xícara de chá.

— Só entrei de passagem — anunciou. — Vou continuar a minha expedição.

— Para onde?

— Para o lado do West Eno. Pode ser que me demore. Não vale a pena esperar-me.

— Como vai o caso?

— Não tenho razão de queixa. Estive em Streatham, mas não fui à casa de Holder. Agora preciso mudar de roupa e regressar à minha nobre personalidade.

Subiu ao quarto e, poucos minutos depois, ouvi bater a porta da rua.

Esperei-o até a meia-noite, mas, como não voltasse, fui me deitar.

Não era novidade o fato de Holmes ficar fora de casa noites e dias quando seguia uma pista. Por isso não me preocupei. Não sei a que horas voltou. Só sei que, quando descí para o café da manhã, encontrei-o com uma xícara de café em uma das mãos e o jornal na outra, tão elegante e aprumado quanto era possível.

— Desculpe-me não tê-lo esperado, Watson, mas deve estar lembrado de que o nosso cliente tem um compromisso para hoje muito cedo.

— Já passa das nove horas e estão tocando a campainha. Não me admiraria que fosse ele.

Era Holder. Estava magro e desfigurado, e seu cabelo parecia mais branco. Sentou-se na poltrona que lhe ofereci.

— Não sei que pecado cometi para ser tão duramente castigado — lamentou-se. — Há dois dias, ainda era um homem feliz e próspero, sem uma única preocupação. Agora estou desonrado. A uma infelicidade, seguiu-se outra. Minha sobrinha abandonou-me.

— Fugiu de casa?

— Sim. Não se deitou, o quarto está vazio e deixou um bilhete sobre a mesa do vestíbulo, para mim. Ontem à noite critiquei-a por não ter se casado com o meu filho. Talvez tenha sido o egoísmo que me fez falar. Eis o bilhete que deixou:

Meu caro tio,

Sinto que sofre por minha causa e que, se eu tivesse agido de outra maneira, este infortúnio não teria acontecido. Não posso continuar em sua casa, e acho que devo partir para sempre. Não se preocupe quanto ao meu futuro, porque já está programado, e não procure saber onde estou, porque será trabalho perdido e eu não mereço.

Sua sempre afeiçoada, Mary

— Que quer ela dizer com isto, sr. Holmes? Tenciona suicidar-se?

— Nada disso. Tem uma melhor solução. Suponho, sr. Holder, que as suas aflições estejam para terminar.

— Já soube de alguma coisa, sr. Holmes? Descobriu as gemas?

— O senhor não considera excessivo pagar mil libras por cada berilo?

— Pagaria dez mil.

— Não será necessário. Três mil cobrirão a despesa. E também uma compensação pelo serviço? Tem aí o seu talão de cheques? Aqui está uma caneta. É melhor assinar quatro mil.

Com o olhar fixo, o banqueiro assinou o cheque.

Holmes foi à escrivaninha, tirou uma peça triangular de ouro com três berilos incrustados e atirou-a para cima da mesa.

Gritando de alegria, Holder agarrou-a:

— Estou salvo! Estou salvo! — exultou.

A reação foi tão apaixonada como tinha sido antes a sua aflição, e apertou as gemas contra o peito.

— Há outra coisa que o senhor ficou devendo, sr. Holder — advertiu Sherlock Holmes, severamente.

— O quê? — e o banqueiro pegou na caneta. — Diga a soma e pagarei.

— Não. Não é a mim que o senhor deve. Deve, sim, pedir desculpas a seu filho, que, neste caso, se portou tão bem que eu ficaria orgulhoso se um filho meu se comportasse assim.

— Então, Arthur está inocente?

— Já lhe disse isso ontem, e repito-o hoje: não foi ele.

— Tem certeza disso? Nesse caso tenho de ir falar com ele e contar-lhe que já se sabe a verdade.

— Ele já sabe. Logo que terminei as pesquisas, relatei-lhe os fatos e conclusões, e ele teve de confessar que eu tinha razão.

— Pelo amor de Deus, conte-me o que se passou.

— Primeiro, deixe-me transmitir-lhe o que é mais difícil de contar, e mais duro para o senhor ouvir: *sir* George Burnwell e a sua sobrinha Mary fugiram juntos.

— Impossível!

— Infelizmente, é mais do que possível: é certo. Nem o senhor nem o seu filho perceberam o verdadeiro caráter deste homem a quem o senhor permitiu entrada no círculo da sua família. É um indivíduo perigoso, jogador arruinado, aventureiro desesperado, sem coração nem consciência. Quando sussurrou frases de amor aos ouvidos da srta. Holder, como já fizera a centenas de outras, ela sentiu-se lisonjeada e julgou ser a única na sua vida. Só o diabo sabe como Burnwell a convenceu, mas transformou-a num seu instrumento e encontravam-se todas as noites.

— Não posso acreditar nisso! — gritou o banqueiro, lívido.

— Vou contar-lhe o que aconteceu naquela noite. A sua sobrinha, julgando que o senhor já estivesse deitado, desceu e foi falar com o namorado pela janela que dá para a viela dos estábulos. As pegadas dele estavam impressas na neve. Ela contou-lhe o caso da coroa. A voraz cobiça de Burnwell levou-o a manejá-la à sua vontade. Não duvido de que ela fosse muito sua amiga, mas há mulheres para quem o amor ao namorado se sobrepõe ao amor aos outros. Mal tinha ouvido as instruções de Burnwell, viu o senhor descendo as escadas; então fechou rapidamente a janela e contou a história da criada com o namorado, que, aliás, é verdadeira.

Seu filho Arthur, depois da discussão com o senhor, foi deitar-se, mas estava tão perturbado por causa das dívidas no clube que não pôde dormir. À meia-noite, ouviu passos ligeiros junto da sua porta, levantou-se e ficou surpreso ao ver a prima deslizando ao longo do corredor até entrar no

vestíbulo. Vestiu as calças e a camisa e esperou ali no escuro para ver o que aconteceria. A srta. Holder saiu do quarto e, à luz do corredor, seu filho viu que ela levava a coroa nas mãos. Então, horrorizado, escondeu-se atrás da cortina, de onde pôde vê-la abrir devagar a janela e entregar a coroa a alguém na escuridão. Apressou-se a voltar para o quarto, passando muito perto de onde ele estava escondido. Não quis expor ao escândalo a mulher que amava. Mas, no momento em que ela desapareceu, ele lembrou-se de que isso seria para o senhor uma fatalidade esmagadora. Desceu depressa como estava, descalço, abriu a janela e saltou para a neve; desceu a viela e pôde ver, à luz da lua, um vulto caminhar.

Sir George Burnwell tentou fugir, mas Arthur segurou-o e lutaram pela posse da coroa. O seu filho feriu sir George num olho; então ouviu um estalo e viu que tinha a coroa nas mãos. Voltou para casa correndo, fechou a janela, subiu ao quarto e mal acabara de ver que a coroa estava torcida e se esforçava por endireitá-la, quando o senhor apareceu em cena.

— Será possível? — murmurou o banqueiro.

— O senhor insultou-o asperamente no momento em que ele se sentia digno da sua gratidão. Não podia explicar a verdade sem trair a prima. Portou-se realmente como um cavalheiro.

— Então foi por isso que ela desmaiou, quando viu a coroa — deduziu Holder. — E ele pediu para sair por cinco minutos! O rapaz queria ver se o pedaço quebrado estava no local onde tinham lutado. Como o julguei mal!

— Quando cheguei a sua casa, procurei sinais na neve, pois sabia que o senhor não voltara a sair desde ontem; além disso, tinha caído geada, o que acentuou as pegadas. Por onde os criados andaram, estava tudo indecifrável; porém, perto da porta da cozinha, uma mulher esteve conversando com um homem durante muito tempo, e uma impressão circular indicava que ele tinha uma perna de pau. Percebi que tinham ficado perturbados com qualquer coisa, porque a mulher tinha corrido para a porta, como se deduzia pela pegada funda da ponta dos pés e pelo fato de o calcanhar quase não ter deixado sinal. O perna de pau retirou-se. Passei para o jardim, vendo apenas rastros desconexos que pensei serem dos policiais mas, quando cheguei à viela, deparei com uma história complexa, escrita na neve. Havia pegadas duplas: umas eram de um homem de botas, e as outras, de um homem descalço. Fiquei convencido de que estas eram de seu filho. O primeiro apenas andara, mas o segundo tinha corrido. Em certos lugares, passou por cima dos sinais das botas, prova de que seguiu o outro. As pegadas indicavam

ter ido à janela do vestíbulo, onde “Botas” tinha pisado a neve, enquanto esperava. A 100 metros, vi que “Botas” se voltara; notei indícios de luta e pingos de sangue que comprovavam minha idéia. “Botas” continuou a correr pela viela e, mais adiante, vi outro sinal de sangue que provava ter sido ele o homem ferido. Quando, ao fim da viela, entrou na estrada, vi que a calçada tinha sido varrida, não apresentando mais sinais. Tinha-se acabado assim aquela pista. Examinei depois, com a lente, o peitoril da janela do vestíbulo, e deduzi que alguém tinha saído por lá. Também distingi o sinal de um pé úmido que havia entrado por ali, e comecei a formular uma teoria quanto ao que tinha acontecido. Um homem esperou do lado de fora da janela, e alguém lhe entregou os berilos; o ato foi presenciado por seu filho, que perseguiu o ladrão, lutou com ele, ambos puxando a coroa; causaram-lhe estragos que nem um nem outro poderiam ter feito sozinhos. O seu filho recuperara a coroa, mas tinha deixado um pedaço na mão do rival. Até aí estava claro, a questão agora era: quem seria o homem, e quem trouxera a coroa? É provérbio meu que, tendo excluído tudo o que é impossível, aquilo que resta, por mais improvável que pareça, é a verdade. Sabia naturalmente que o senhor não tinha trazido a coroa para baixo. Por isso, só restavam a sua sobrinha e as criadas. Mas, se fosse uma delas, por que motivo o seu filho se deixou ser acusado no lugar dela? Não havia razão alguma. Como amava a prima, havia uma excelente explicação para que guardasse segredo, sobretudo um segredo de caráter degradante. Quando me lembrei de que o senhor a tinha visto àquela janela e de que ela desmaiara ao ver de novo a coroa, a minha conjectura transformou-se em certeza. Mas, quem era o cúmplice? Amante, sem dúvida, pois quem mais poderia sobrepor-se ao amor e à gratidão que a srta. Holder sentia pelo senhor? Sabia que raramente saíam e que os seus amigos eram poucos, mas que um deles era *sir* George Burnwell. Tinha ouvido falar dele como sendo um homem de má reputação entre as mulheres.

Devia ser ele quem estava de botas e levava as gemas. Embora soubesse que Arthur o tinha descoberto, ainda estava fora de perigo, porque o seu filho não podia justificar-se sem comprometer a própria família.

O bom senso sugeriu-me o que tinha a fazer. Vestido como um vagabundo, fui à casa de *sir* George Burnwell, comecei a conversar com o lacaio, soube que o patrão fora ferido na cabeça na noite anterior e, finalmente, a troco de cinco xelins, consegui comprar um par de sapatos velhos de Burnwell. Levei-os a Streatham e verifiquei que se ajustavam às pegadas que ali encontrara.

— Eu vi um maltrapilho, ontem, na viela — lembrou-se o sr. Holder.

— Era eu. Voltei para casa e mudei de roupa. As circunstâncias tornavam-se muito delicadas: não podia haver processo, pois o escândalo tinha de ser evitado a todo o custo; também sabia que um patife tão astuto concluiria que tínhamos as mãos atadas, e decidi ir vê-lo. A princípio, naturalmente, Burnwell negou. Porém, quando lhe repeti como tudo tinha acontecido, tentou agredir-me com um cacete, mas aponteí-lhe um revólver à cabeça, antes que pudesse mover-se. Tornou-se razoável. Disse-lhe que pagaria um bom preço pelas pedras que tinha em seu poder. Mil libras por cada uma.

— Droga! — exclamou —, já as vendi por seiscentas libras!

— Indicou-me o endereço da pessoa que as comprou, após eu prometer-lhe que não haveria processo. Fui lá e, depois de muita discussão, recuperei os berilos por mil libras cada um.

— Salvou a própria Inglaterra de um escândalo público — reconheceu o banqueiro, levantando-se. — Não tenho palavras para agradecer-lhe, mas não quero que me ache ingrato depois de tudo que fez. A sua habilidade é extraordinária! Agora vou ver o meu filho e pedir-lhe desculpas por tê-lo acusado tão injustamente. Quanto à minha pobre Mary, lamento profundamente. Poderá dizer-me onde está ela agora?

— Julgo que onde ela está, também se encontra *sir* George Burnwell. Quaisquer que forem os seus pecados, depressa serão punidos pela própria vida.

A TRAGÉDIA DO GLÓRIA SCOTT

— Tenho aqui uns documentos — disse o meu amigo Sherlock Holmes quando, numa noite de inverno, nos sentamos junto à lareira. — Creio, realmente, que vale a pena examiná-los. Referem-se ao extraordinário caso do *Glória Scott*. E aqui está a mensagem que encheu de terror o juiz, quando a leu.

Tirou da gaveta um rolo de papéis e, desatando um laço que o envolvia, passou-me uma breve nota redigida numa folha de papel cinzento:

A provisão de caça, para Londres, está por fim terminada. O caçador Hudson, segundo nos contou, já tem tudo preparado, não fuja o faisão para a faisoa salvar, nas moitas, a ninhada com vida.

Quando levantei os olhos dessa mensagem enigmática, vi Holmes rindo entre dentes.

— Você parece bastante confuso — observou.

— Não compreendo como esta mensagem pode inspirar terror. Parece-me simplesmente grotesca!

— Tem razão, mas a verdade é que o seu destinatário, que era um homem robusto e experiente, ficou totalmente assustado com ela, como se tivesse visto uma pistola.

— Você despertou-me a curiosidade — confessei. — Mas por que só agora me declara haver razões particulares para eu estudar este caso?

— Porque foi o primeiro em que me empenhei como nunca.

Várias vezes tentei descobrir por que motivo o meu companheiro se tinha dedicado às investigações criminais, mas nunca o apanhara com tal humor comunicativo. Inclinou-se para a frente, na sua cadeira de braços, e espalhou os documentos sobre a mesa. Em seguida acendeu o cachimbo e começou a soltar baforadas e a folheá-los.

— Nunca me ouviu falar de Victor Trevor? — perguntou. — Foi o único amigo com quem me dei durante os dois anos que estive na universidade. Não fui uma criatura muito sociável. Preferia meditar nos meus aposentos, pondo em prática os meus próprios métodos de pensamento. Por isso nunca me misturava muito com os outros. Tinha um certo gosto atlético pela esgrima e pelo boxe. A minha linha de estudo era, nessa altura, inteiramente distinta da dos meus colegas. Portanto, não mantinha com eles muitos pontos de contato. Trevor foi o único colega com quem me relacionei e mesmo assim isso foi devido ao seu *bull-terrier* ter agarrado o meu calcanhar numa manhã em que descia à capela: uma maneira prosaica de fazer amizade, mas eficaz.

Fiquei de molho uns dez dias, e Trevor costumava ir me visitar. A princípio a nossa conversa durava apenas cinco minutos. Mas logo as suas visitas se prolongaram e antes de terminar o período éramos amigos íntimos. Era um rapaz de coração nobre, com espírito e energia, mas o oposto de mim em muitos aspectos. Mas descobrimos que tínhamos coisas em comum, e houve um laço de união entre nós quando verifiquei que também não tinha amigos. Finalmente convidou-me a ir à casa de seu pai em Donnithorpe, no Norfolk, e aceitei a hospitalidade durante um mês de férias.

O velho Trevor era homem rico e de prestígio, juiz e proprietário de lavouras. Donnithorpe é um lugarejo exatamente ao norte de Langmere, no distrito de Broads. A residência era um edifício de tijolos, de madeira de carvalho, e em estilo antigo. Dava-lhe acesso uma bonita avenida, ladeada de tílias. Havia pato bravo para caçar nas lagoas; um pesqueiro admirável, uma biblioteca selecionada e um cozinheiro tolerável.

O velho Trevor era viúvo. O meu amigo era filho único. Tivera uma filha, ouvi dizer, mas morrera de difteria em Mirmingham. O pai interessou-me extremamente. Era pouco culto mas com uma admirável força rústica, tanto física como mental. Não apreciava livros; tinha, porém, viajado muito e lembrava-se de tudo quanto tinha aprendido. Era atarracado, com um tufo de cabelos grisalhos, tez morena, marcada pelo tempo, e tinha olhos azuis com um brilho de ferocidade. Era respeitado pela justiça das suas sentenças no tribunal.

Uma noite, logo após a minha chegada, estávamos bebendo um copo de vinho do Porto, quando Victor começou a falar dos preceitos de observação e dedução que eu sistematizava, embora não tivesse ainda avaliado a importância que viriam a ter na minha vida. O velho pensou, naturalmente, que o filho exagerava a descrição de uma ou duas façanhas que eu havia realizado.

— Acontece, sr. Holmes — provocou, sorrindo com bom humor —, que gostaria de ouvi-lo deduzir alguma coisa a meu respeito.

— Receio que não haja muito a deduzir — respondi. — Podia, no entanto, sugerir que o senhor, nestes últimos doze meses, tem andado com medo de um ataque pessoal.

O sorriso morreu-lhe nos lábios e olhou para mim surpreso.

— Bem, está certo — confirmou. — Sabe, Victor — disse voltando-se para o filho —, que quando descobrimos aquele bando de gatunos, eles juraram vingança. E *sir* Edward Hoby foi realmente atacado. Desde então, fiquei sempre em alerta. Mas não percebo como o senhor descobriu.

— Notei que possui uma boa bengala. Pela inscrição, observei que a tem há menos de um ano. Ora, o senhor se deu ao trabalho de furá-la a fim de recheá-la com chumbo fundido para torná-la uma arma terrível. Concluí que não tomaria tais precauções se não receasse um perigo.

— Mais alguma coisa? — perguntou sorrindo.

— O senhor praticou muito boxe na sua juventude.

— Como sabe? O meu nariz está um pouco achatado?

— Não, mas as suas orelhas apresentam o achatamento e a espessura que caracterizam o pugilista.

— Que mais?

— O senhor trabalhou muito nas minas. Nota-se isso pelos seus calos.

— Fiz todo o meu dinheiro nas minas de ouro.

— Esteve na Nova Zelândia.

— Exatamente.

— E visitou o Japão.

— É verdade.

— Também estive intimamente associado a alguém cujas iniciais eram J. A. e que, depois, procurou ansiosamente esquecer.

O sr. Trevor levantou-se lentamente, fixou-me com os seus grandes olhos azuis com uma expressão apoplética e caiu para a frente, com o rosto entre as castanhas que cobriam a toalha, num desfalecimento mortal.

Deve calcular, Watson, como ficamos chocados, tanto eu como o filho. Entretanto o ataque não durou muito, porque, depois de lhe desabotoarmos o colarinho e lhe borrifarmos o rosto com a água de uma das lavandas, soltou um suspiro e disse:

— Ah! Rapazes. Espero não tê-los assustado. Não sei como o senhor faz isso, sr. Holmes, mas parece-me que todos os detetives verdadeiros e falsos são principiantes nas suas mãos. A sua vocação é realmente essa.

Aquela apreciação exagerada das minhas capacidades contribuiu para transformar aquilo que até então não passara de uma simples mania.

— Espero não tê-lo ofendido.

— Não há dúvida de que tocou no meu ponto fraco. Posso saber como e quanto sabe a meu respeito?

Falava agora em tom de brincadeira, mas havia uma sombra de terror nos seus olhos.

— É muito simples — respondi. — Quando ergueu o braço para arrastar aquele peixe para dentro do barco, vi que as letras J. A. tinham sido tatuadas na curva do cotovelo. As letras ainda são legíveis. Mas, pela maceração da pele em volta delas, percebe-se que o senhor fez esforço para apagá-las.

— É exatamente como o senhor diz. Porém não falemos mais nisso. De todos os fantasmas, os dos nossos amores passados são os piores. Vamos fumar um charuto sossegados, na sala de bilhar.

Desde esse dia, apesar de toda a cordialidade, manteve-se nas maneiras do sr. Trevor uma leve suspeita em relação a mim. Não queria manifestar essas suspeitas, mas obcecavam-no de tal maneira que se revelavam nas suas ações. Finalmente convenci-me de que lhe causava preocupação e pus fim à minha visita. Entretanto, no dia da minha partida, um pouco antes

de deixá-los, ocorreu um incidente que se evidenciou de grande importância.

Estávamos sentados sobre a relva nas cadeiras de jardim, desfrutando o calor do sol e admirando a paisagem através dos Broads, quando a criada informou que estava na porta um homem que queria falar com sr. Trevor.

— Como se chama? — perguntou o meu anfitrião.

— Não quis dizer.

— Que quer então?

— Diz que conhece o senhor e desejava apenas conversar um momento.

— Mande-o entrar.

Um instante depois apareceu uma criaturinha magra, com maneiras estranhas e arrastando os pés. Usava um casaco aberto, com uma mancha de alcatrão na manga, camisa de xadrez vermelho e preto, calça de lã e pesadas botas muito gastas. O rosto era magro, moreno e malicioso, com um perpétuo sorriso que exibía uma linha irregular de dentes amarelos. As mãos enrugadas estavam meio fechadas, na atitude característica dos marinheiros. Quando entrou no jardim, Trevor soltou uma espécie de soluço gutural e correu para dentro de casa. Voltou, pouco depois, com um hálito de álcool.

— Bem, homem, que posso fazer por você?

O marinheiro olhou para ele com o mesmo sorriso irônico nos lábios e perguntou:

— O senhor não me conhece?

— Vejo que é Hudson — disse o sr. Trevor.

— Sou Hudson, sim, senhor. Faz mais de trinta anos desde que o vi pela última vez. Aqui está o senhor na sua casa. Mas eu continuo tirando a minha carne salgada da salgadeira.

— Basta! Vá ver que não esqueci os velhos tempos — declarou o sr. Trevor e, aproximando-se do marinheiro, disse-lhe qualquer coisa em voz baixa.

— Vá à cozinha — continuou elevando a voz — e encontrará o que comer e beber. Não tenha dúvidas de que lhe arranjarei um emprego.

— Muito obrigado, senhor. Acabo de sair de um cargueiro de oito nós, depois de uma viagem de mais de dois anos com falta de tripulação, e preciso de descanso. Pensei que o conseguiria com o sr. Beddoes ou com o senhor.

— Ah! — gritou o sr. Trevor — Sabe onde mora o sr. Beddoes?

— Certamente! Sei onde estão todos os meus velhos amigos — respondeu o homem com um sorriso sinistro. Baixou a cabeça e seguiu a criada até a cozinha.

O sr. Trevor contou-nos qualquer coisa a respeito de ter sido seu companheiro de navio antes de voltar às minas e, deixando-nos no jardim, entrou em casa. Uma hora depois, fomos encontrá-lo embriagado, no sofá da sala de jantar. O incidente impressionou-me desagradavelmente e foi sem tristeza que, no dia seguinte, deixei Donnithorpe, pois sentia que a minha presença devia ser um embaraço para o meu amigo.

Tudo isso ocorreu durante o primeiro mês de férias. Fui para o meu apartamento de Londres, onde passei sete semanas realizando algumas experiências de química orgânica. Um dia, quando o outono já ia muito adiantado e as férias estavam no fim, recebi um telegrama do meu amigo implorando-me que regressasse a Donnithorpe e dizendo que tinha grande necessidade do meu conselho e da minha assistência. Abandonei tudo e fui até lá.

Esperava-me na estação com uma charrete, e notei que os últimos dois meses tinham sido penosos para ele. Emagrecera e perdera o comportamento jovial que lhe era peculiar.

— Meu pai está morrendo! — foram as suas primeiras palavras.

— Que tem ele?

— Apoplexia. Está moribundo. Duvido que o encontremos vivo.

Fiquei horrorizado com esta notícia inesperada.

— Qual foi a causa? — perguntei.

— Vamos falar a esse respeito enquanto caminhamos. Lembra-se daquele indivíduo que chegou na noite antes da sua partida?

— Perfeitamente.

— Sabe quem recebemos em casa naquele dia?

— Não faço a menor idéia.

— O Demônio, Holmes! — exclamou.

Fitei-o, espantado.

— Sim, o diabo em pessoa. Não tivemos uma única hora de paz. Meu pai nunca mais levantou a cabeça. Agora, a vida foge-lhe e o seu coração extingue-se, por causa daquele maldito homem. Como teria o meu pai caído nas garras daquele homem? Ainda bem que veio, Holmes. Confio muito no seu parecer e discrição e sei que me dará um bom conselho.

Rodávamos por uma estrada plana, com a vasta extensão dos Broad's à nossa frente, brilhando sob a luz vermelha de um sol poente. De um pequeno bosque, à esquerda, já podíamos avistar as altas chaminés e o porta-bandeira que assinalavam o edifício imponente.

— Meu pai o contratou como jardineiro — explicou —, e como isso não o contentasse, promoveu-o a mordomo. A casa parecia estar à sua mercê.

Andava por toda a parte e fazia o que queria. As criadas se queixavam da sua constante embriaguez e da sua linguagem. Meu pai aumentou o salário de todos para compensá-los do incômodo. O malandro queria o barco e a melhor espingarda de meu pai para se entreter com tiro ao alvo. E tudo isso com uma expressão tão zombeteira, que eu o teria espancado, se fosse um homem da minha idade. Tenho de me controlar constantemente, e agora me pergunto se não deveria ter ido mais longe.

Bem, o assunto foi de mal a pior, e esse animal tornou-se cada vez mais impertinente, até que um dia, dando uma resposta insolente a meu pai, na minha presença, expulsei-o da sala. Fugiu com um olhar venenoso que exprimia mais ameaças do que a voz. Não sei o que se passou entre o meu pai e Hudson, depois disso. Mas meu pai procurou-me no dia seguinte e perguntou-me se eu não queria pedir desculpas a Hudson. Recusei e perguntei-lhe como podia admitir que semelhante homem tomasse tais liberdades.

— Você não sabe a minha posição, Victor! — ficou muito comovido e fechou-se no escritório, onde pela janela pude vê-lo escrever rapidamente.

Nessa noite ocorreu o que parecia ser um grande alívio, pois Hudson anunciou que ia deixar-nos. Entrou na sala, depois do jantar, e proferiu com a voz pastosa de um bêbado.

— Já estou cheio de Norfolk. Irei para a casa do sr. Beddoes, em Hampshire. Ficará tão contente em me ver como os senhores ficaram.

— Vai embora zangado, Hudson? — perguntou meu pai com uma humildade que me exasperou.

— Não me pediram desculpas — respondeu com azedume, olhando na minha direção.

— Reconheça, Victor, que tratou este homem com muita grosseria — disse meu pai, voltando-se para mim.

— Pelo contrário, acho que todos mostraram ter uma extraordinária paciência — respondi.

— Muito bem, camarada — rosnou ele. — Resolvemos isso depois!

Uma hora depois, partia, deixando meu pai num lamentável estado de nervos. Noite após noite, a sua preocupação aumentou, até que veio o golpe fatal.

— Como?

— Da forma mais extraordinária. Ontem à noite chegou uma carta com o carimbo de Fordingbridge. Meu pai leu-a, e pôs as duas mãos na cabeça. Ficou com a boca torcida para um lado. Percebi que tinha sofrido um ataque apoplético. O dr. Fordham foi chamado imediatamente, mas a

paralisia se alastrou e meu pai não recuperou a consciência. Creio que já não o encontraremos vivo.

— Você me horroriza, Trevor! Que podia conter essa carta para produzir tal efeito?

— Nada. A mensagem era absurda e trivial. Ah! Meu Deus, aconteceu o que eu temia.

Quando proferiu estas palavras, estávamos na curva da avenida e vimos que todas as janelas da casa estavam fechadas. Quando entramos pela porta da casa, saía um homem vestido de preto.

— Quando foi, doutor? — perguntou Trevor.

— Quase imediatamente depois de o senhor ter saído.

— Ele recobrou os sentidos?

— Por um instante, antes do fim.

— Deixou-me alguma mensagem?

— Apenas uns papéis, na gaveta do fundo da escrivaninha japonesa.

O meu amigo subiu com o médico ao quarto do morto, enquanto eu permanecia no escritório, recordando todo o assunto com tristeza. Qual teria sido o passado desse Trevor: pugilista, viajante e mineiro de ouro? E como teria caído nas mãos daquele marinheiro que o dominava? Por que desmaiou quando falei sobre as iniciais tatuadas no seu braço e por que morreria de apoplexia ao receber uma carta de Fordingbridge? Recordei-me de que Fordingbridge fica em Hampshire e que esse sr. Beddoes, que o marinheiro fora visitar, presumivelmente para fazer chantagem, também vivia em Hampshire. A carta podia ter sido escrita por Hudson, declarando ter traído o segundo criminoso que parecia existir; ou sido escrita por Beddoes, advertindo o antigo aliado de que essa traição era iminente. Até ali me pareceu bastante claro. Mas Victor considerara a carta comum e grotesca. Devia tratar-se de um desses códigos secretos que significam uma coisa quando parecem significar outra. Precisava vê-la. Se fosse criptográfica, estava certo de que conseguiria decifrá-la. Fiquei meditando no escuro durante uma hora, até que, finalmente, uma criada trouxe uma lamparina, e atrás dela entrou o meu amigo Trevor, pálido mas composto, com estes papéis que tenho sobre os joelhos. Sentou-se, puxou a luz para a borda da mesa, e entregou-me esta nota:

A provisão de caça, para Londres, está por fim terminada. O caçador Hudson, segundo nos contou, já tem tudo preparado, não fuja o faisão, para a faisoa salvar, nas moitas, a ninhada com vida.

Fiquei tão confuso como você está agora, quando a li pela primeira vez. Depois a reli com muito cuidado. Haveria um significado preestabelecido para tais frases como “fuja o faisão” e a “faisoa”? Tal significado seria arbitrário e de modo algum poderia ser deduzido? Todavia custava-me acreditar que fosse esse o caso; a palavra “Hudson” parecia mostrar que a mensagem era de Beddoes. Experimentei invertê-la, mas a combinação não era encorajante. Tentei então alternar as palavras, mas isso não esclarecia o enigma. De súbito descobri a chave do enigma, pois verifiquei que a última palavra de cada grupo de três constituía uma mensagem que podia levar Trevor ao desespero.

Era um breve e conciso aviso:

A provisão de CAÇA, para Londres, ESTÁ por fim TERMINADA. O caçador HUDSON, segundo nos CONTOU, já tem TUDO preparado, não FUJA o faisão PARA a faisoa SALVAR, nas moitas. A ninhada com VIDA.

Eliminando as palavras intermediárias, obtinha-se a mensagem definitiva:

A caça está terminada. Hudson contou tudo, fuja para salvar a vida.

— Victor Trevor mergulhou o rosto nas mãos.

— Qual é o significado de “caçador” e “faisoa”?

— Nada significam para a mensagem. Ele começou por escrever “a caça está...” Depois, para conseguir a cifra pré-combinada, tinha de preencher cada espaço com duas palavras. Naturalmente serviu-se das primeiras que lhe vieram à idéia, relacionadas com a caça. Deve ser um bom atirador ou interessa-se pela caça. Sabe alguma coisa desse Beddoes?

— Lembro-me de que meu pai costumava ser convidado para caçar nas suas propriedades, durante todo o outono.

— Nesse caso, o bilhete deve ser dele. Resta-nos descobrir de que segredo se servia o marinheiro Hudson para aterrorizar estes dois homens ricos e respeitáveis.

— Ah! Holmes! Para você não tenho segredos. Aqui está a declaração que foi escrita por meu pai quando descobriu que o perigo se tornava iminente. Encontrei-a na escrivaninha japonesa.

São exatamente estes papéis, Watson, que ele me entregou. Vou lê-los para você:

Alguns pormenores da viagem do barco “Glória Scott”. Desde a sua saída em Falmouth, no dia oito de outubro de 1855, até a sua destruição na lat. N 15° 29’ long. W 25° 14’, em 6 de novembro.

Meu querido, querido filho:

Agora que a desgraça que se aproxima nos últimos anos da minha vida, posso escrever toda a verdade. Não é o medo da lei, nem a perda da minha posição no conselho da comarca, nem o meu desprestígio que me angustia o coração. Mas é a idéia de que o meu filho poderia se envergonhar de mim. Mas, se a tormenta que está sempre pendente sobre mim vier a desabar, quero que leia isto para que saiba o que aconteceu. Por outro lado, se tudo correr bem e se, por qualquer acaso, este papel não for destruído e vier a cair nas suas mãos, peço-lhe, pelo amor que sempre existiu entre nós, que o queime e nunca mais pense nele.

Ao ler estas linhas, sei que estarei morto, pois sabe que o meu coração é fraco.

O meu nome, meu filho, não é Trevor. Sou James Armitage. Portanto pode compreender qual não foi o meu choque, quando o seu amigo Holmes me dirigiu palavras que pareciam adivinhar o meu segredo. Foi como Armitage que entrei numa casa bancária de Londres e, como Armitage, fui preso e condenado ao degredo. Tinha de pagar uma dívida de honra e, assim, servi-me do dinheiro que não era meu, na certeza de que podia repô-lo antes de o desfalque ser percebido. Mas a falta de sorte me perseguiu. Um exame prematuro das contas revelou o meu abuso de confiança. Aos 23 anos parti com 37 outros degredados, no navio *Glória Scott* com destino à Austrália.

Foi no ano de 1855, quando a guerra da Criméia estava no auge e os velhos navios penitenciários estavam sendo utilizados como transporte de tropas no Mar Negro. O governo foi então obrigado a adaptar barcos menores ao transporte dos degredados. O *Glória Scott* andava no tráfico de chá. Era um navio antiquado, bojudo e muito largo, e os novos navios, mais rápidos, tinham-no substituído. Deslocava 500 toneladas e, além dos seus 38 presos, reunia uma

tripulação de 26 marinheiros, dezoito soldados, um capitão, três pilotos, um médico, um capelão e quatro carcereiros.

As divisões entre as celas dos presos, em vez de serem de carvalho espesso, como é usual nos navios de degredados, eram muito mais finas e frágeis. O homem que ficou perto de mim era jovem, ainda sem barba, de nariz fino. Tinha um porte altivo e era notável pela sua extraordinária altura. Creio que a cabeça de nenhum de nós lhe chegaria ao ombro. Entre tantas fisionomias tristes e cansadas, parecia cheio de energia e resolução. A sua presença era animadora. Fiquei satisfeito ao verificar que era meu vizinho e mais alegre ainda quando, nas horas mortas de certa noite, percebi que ele fez uma abertura na tábua que nos separava.

— Olá, colega! — saudou. — Qual é o seu nome? Por que motivo o sentenciaram?

Respondi-lhe e perguntei com quem estava falando.

— Sou Jack Prendergast — apresentou-se —, e há de abençoar o momento em que me conheceu.

— Lembro-me de ter ouvido falar no seu caso, porque causou sensação em todo o país, pouco antes da minha prisão.

Era um homem de boa família mas de maus hábitos. Descobriu um sistema de fraude e extorquia enormes somas de dinheiro dos principais comerciantes de Londres.

— Lembra-se do meu caso? — exultou com orgulho.

— Perfeitamente.

— Então, talvez se lembre de mais alguma coisa a esse respeito?

— Qual?

— Eu tinha quase 250 mil libras, hem?

— Foi o que constou.

— Onde supõe que o consegui?

— Não faço a menor idéia.

— Aqui mesmo, entre o indicador e o polegar! Juro que tenho mais libras depositadas em meu nome do que você tem cabelos na cabeça. Quem tem dinheiro e sabe administrá-lo e distribuí-lo pode fazer alguma coisa! Ora, um homem que pode fazer alguma coisa

vai apodrecer numa prisão fedorenta, no porão de um costeiro chinês, cheio de baratas e ratos esfomeados? Não, meu caro! Pode confiar nele, porque esse homem há de saber ajudá-lo.

A princípio pensei que aquilo nada significava. Mas, pouco tempo depois, compreendi que tinha um plano para se apossar do comando do navio. Uma dúzia de prisioneiros preparara a evasão, ainda antes do embarque. Prendergast era o chefe, e o seu dinheiro, o meio de realizá-la.

— Tenho um sócio — confidenciou. — E onde pensa que ele está, neste momento? É o nosso capelão embarcou com uma batina, os papéis em ordem e bastante dinheiro para comprar isto tudo, desde a quilha até o mastro principal. A tripulação está do seu lado. Pôde comprá-la, antes que dessem por isso. Subornou dois dos carcereiros e o segundo piloto, e compraria o próprio capitão se isso fosse imprescindível.

— Mas os outros estão armados — objetei.

— E nós também estaremos, meu rapaz. Temos braçadas de pistolas. Fale ao seu parceiro da esquerda e veja se merece confiança.

Assim fiz, e descobri que esse meu vizinho era um jovem cujo crime tinha sido de falsificação. Chamava-se Evans, mas também adotou outro nome e agora é um homem rico do sul da Inglaterra. Uniu-se à conspiração, por ser o único meio de salvação. Antes da travessia da baía, só dois prisioneiros não estavam a par do segredo. Um deles era demente, pelo que não confiávamos nele; e o outro sofria de icterícia, não podendo ser útil.

Não havia nada que nos impedisse de tomar posse do navio. A tripulação era constituída por um grupo de patifes escolhidos especialmente para a rebelião. O falso capelão entrava nas nossas celas com uma pasta preta que se supunha cheia de livros sagrados. Ao terceiro dia já cada um de nós tinha, aos pés da cama, uma lima, um par de pistolas, uma libra de pólvora e vinte balas. Só tínhamos contra nós o capitão, dois pilotos, dois carcereiros, o tenente Martins, os seus dezoito soldados e o médico.

Tínhamos resolvido fazer o nosso ataque, de surpresa, à noite. Porém, ocorreu mais depressa do que esperávamos.

Uma noite, três semanas depois da nossa partida, o médico desceu para ver um dos presos que estava doente e, ao meter a mão no estrado da cama, apalpou uma pistola. Se tivesse guardado silêncio, nada aconteceria, mas deu um grito de surpresa, de modo que foi amordaçado e amarrado em cima do estrado. Como havia destrancado a porta do convés, saímos e as duas sentinelas foram logo mortas a tiro, o mesmo acontecendo ao cabo que veio ver o que acontecia. Havia mais dois soldados à porta da sala dos oficiais, que foram alvejados quando tentavam fixar as baionetas. Precipitamo-nos então para a cabina do capitão. Mas, quando abrimos a porta, ouvimos um tiro. A cabeça do capitão tombou sobre o mapa do Atlântico pregado à mesa, e o capelão, com a pistola ainda a fumar, permanecia de pé, a seu lado. Os dois pilotos também estavam mortos.

A sala dos oficiais ficava perto da cabine e aí nos reunimos, com a sensação de que éramos novamente livres.

Wilson, o falso capelão, arrombou um armário e tirou uma dúzia de garrafas de vinho de Xerez. Quebramos os gargalos das garrafas e, no momento em que íamos celebrar a vitória, ouvimos o troar de mosquetões e o salão encheu-se de fumaça. Quando ela se dissipou, a sala parecia um matadouro. Wilson e mais oito homens contorciam-se no chão. Ficamos acovardados, mas Prendergast avançou para a porta com todos os que tinham ficado ilesos. Corremos para fora mas, na popa, estava o tenente com dez homens que nos alvejaram. Atiramos antes que pudessem recarregar as armas e, em cinco minutos, estava tudo acabado. Prendergast rugia como um demônio e, erguendo os soldados como se fossem crianças, lançava-os ao mar, feridos ou mortos. Um sargento ferido ainda nadou durante algum tempo, até que alguém, por piedade, lhe estourou os miolos. Quando a luta cessou, não havia mais nenhum adversário, a não ser os carcereiros, os pilotos e o médico.

Foi por causa deles que se estabeleceu a discórdia. Uma coisa era abater soldados armados de mosquetões e outra era a matança a sangue-frio. Eu e mais quatro presos e três marinheiros nos opusemos a tal assassinato. Mas nada abalava Prendergast e os que o apoiavam. Não queria deixar testemunhas vivas que pudessem nos denunciar. Quase nos coube a sorte dos vencidos. Afinal consentiu que fugíssemos num bote. Deram-nos fardas de marinheiros, um barril

de água, uma barrica de carne seca e outra de biscoitos, e uma bússola. Prendergast atirou-nos um mapa e disse-nos que declarássemos ser marinheiros naufragados cujo navio se afundara na lat. 15 N. e long. 25 W. Depois, deixou-nos partir.

Quando os deixamos, içaram a vela e o navio começou a afastar-se. Evans e eu, que éramos os mais instruídos do grupo, estudamos a nossa posição e o rumo a tomar. Cabo Verde estava a cerca de 800 quilômetros a norte, e a costa africana a cerca de 1120 quilômetros a leste. Como o vento soprasse para o norte, escolhemos a Serra Leoa. Voltamos a proa nessa direção e vimos uma enorme nuvem de fumaça. Alguns segundos depois um estrondo, como o de um trovão, e quando a fumaça se dissipou, já não havia qualquer vestígio do *Glória Scott*. Remamos então para o local da catástrofe.

Levamos longa hora para alcançar o navio e a princípio receamos ter chegado tarde demais para salvar os naufragos. Um bote rachado, um certo número de cadáveres e pedaços de mastros que flutuavam, mostraram-nos onde o navio havia afundado, mas não havia nenhum sinal de vida. Já regressávamos desesperados quando ouvimos um grito de socorro. Distinguimos então um destroço do naufrágio com um homem estendido sobre ele. Quando o arrastamos para dentro do bote verificamos que era um jovem marinheiro, de nome Hudson, tão queimado e exausto que só no dia seguinte conseguiu contar o que aconteceu.

Parece que, depois de deixarmos o navio, Prendergast, com o seu bando, matou os cinco degredados restantes: os dois carcereiros tinham sido abatidos a tiro e lançados ao mar, e o mesmo fizeram ao terceiro piloto. Prendergast desceu ao convés e cortou a garganta do infeliz cirurgião. Restava apenas o primeiro piloto, que era um homem ousado e ativo. Quando o viu se aproximar de faca em punho, fugiu para o porão.

Os que desceram armados com pistolas à sua procura encontraram-no com uma caixa de fósforos na mão, sentado em cima de uma barrica de pólvora, jurando que faria ir tudo pelos ares se fosse atacado. Um instante depois se deu a explosão. Hudson supõe que foi ocasionado pelo tiro de um dos perseguidores e não pelo fósforo do piloto. Seja como for, foi o fim do *Glória Scott* e do canalha que dele se apoderara.

No dia seguinte fomos socorridos pelo brigue *Hotspur*, que rumava para a Austrália, cujo capitão não teve dificuldades em acreditar que fôssemos sobreviventes de um navio de passageiros naufragado. O navio de carga *Glória Scott* foi dado como perdido pelo Almirantado e nada mais foi publicado quanto ao seu verdadeiro destino. Depois de uma excelente viagem, o *Hotspur* atracou em Sidnei, onde Evans e eu mudamos de nome e fomos trabalhar nas minas. Lá, entre gente de todas as nações, não tivemos dificuldade em manter a nossa nova identidade.

Prosperamos, viajamos e voltamos à Inglaterra como colonos ricos e adquirimos propriedades na província. Há mais de vinte anos que levamos uma vida útil e pacífica. Julgamos que o nosso passado já estivesse sepultado para sempre. Imagine, pois, o que senti quando reconheci, no marinheiro que nos visitou, o homem que tínhamos salvado do naufrágio! Tem-nos seguido por toda parte, resolvido a viver de chantagem. Compreenderás por que me esforcei por manter-me em paz com ele. E os meus receios, agora que subsistem mesmo, já me trocou por outra vítima.

Abaixo lia-se numa letra quase ilegível:

Beddoes escreveu em cifra para dizer que H. tinha revelado tudo.

Senhor, tende misericórdia das nossas almas.

— O jovem Trevor ficou angustiado. Tornou-se plantador de chá em Terai, onde, segundo me informaram, está fazendo fortuna. Quanto ao marinheiro e Beddoes, nunca mais se ouviu falar deles depois daquela carta. Desapareceram por completo. Nenhuma queixa foi feita à polícia. É provável que Beddoes tomasse a ameaça a sério. Hudson foi visto fugindo, e a polícia acreditava que ele tivesse liquidado Beddoes, e sumido depois. Quanto a mim, julgo muito mais provável que Beddoes, levado pelo desespero, tenha matado Hudson e fugido do país, com quanto dinheiro pôde levar. São estes os fatos, meu caro Watson. Se forem úteis à sua coleção, estes documentos estão inteiramente ao seu dispor.

O RITUAL MUSGRAVE

A pesar de os métodos de Sherlock Holmes serem esmerados e lógicos e, embora afetasse uma elegância sóbria no trajar, era desmazelado nos seus hábitos pessoais. Não que eu seja muito convencional nesse aspecto. A vida que levei no Afeganistão aumentou a minha natural disposição para a boemia, e tornou-me mais desprendido do que deveria ser um médico. Contudo, quando encontro uma pessoa que guarda os charutos no balde de carvão, o tabaco nos chinelos persas, e correspondência por responder espetada num canivete grande bem no centro da sua prateleira de lareira, começo a me sentir virtuoso. Também sempre considerei que o tiro ao alvo devia ser exclusivamente um passatempo de ar livre; e quando Holmes se sentava numa poltrona, com o revólver e cem cartuchos de Boxer e começava a decorar a parede oposta com um patriótico V. R. ⁽²⁾ feito a buracos de balas, eu sentia que o ambiente da nossa sala não melhorava com isso.

Os nossos aposentos estavam sempre cheios de ingredientes químicos e de relíquias de crimes, que apareciam nos lugares mais impróprios. Mas o que mais me incomodava eram os seus papéis. Holmes detestava destruir documentos, especialmente os que se relacionavam com seus casos passados. E era só uma vez em cada um ou dois anos que decidia arrumá-los.

À explosão de energia na execução de façanhas notáveis seguia-se uma letargia, durante a qual ficava com o seu violino e os seus livros, sem se mexer, a não ser do sofá para a mesa. Assim, mês após mês, os seus papéis se acumulavam até que cada canto da sala ficava cheio de manuscritos.

Certa noite de inverno, sentados junto à lareira, ousei sugerir-lhe que, quando acabasse de colar os recortes na sua agenda, gastasse algum tempo tornando a nossa sala um pouco mais habitável. Não pôde negar a pertinência do meu pedido, de modo que, aborrecido, foi buscar uma caixa de zinco. Colocou-a no meio da sala e, acororado num banquinho, destapou-a. Reparei que já era a terceira, cheia de maços de papéis atados com fita vermelha e pacotes separados.

— Aqui há bastantes casos, Watson — apontou, com uma expressão maliciosa. — Creio que se você soubesse o que esta caixa contém, me pediria para vê-los em vez de arrumar os outros.

⁽²⁾ *Sigla de Vitória Regina, rainha Vitória.*

— São as notas dos seus principais trabalhos? — interessei-me. — Eu desejei muitas vezes ter a relação desses casos.

— Sim, meu caro Watson. Nem todos foram êxitos, mas aqui há problemas muito curiosos. Eis uma lista dos assassinatos de Tarleton e o caso de Vamerry, o comerciante de vinho, a aventura da velha russa, o caso singular da muleta de alumínio, bem como o relato das façanhas de Ricoletti do pé torto e da sua abominável mulher. E aqui tem realmente um caso muito especial.

Mergulhou o braço no fundo da caixa e tirou uma outra caixa, de madeira, com tampa corrediça, como aquelas onde se guardam os brinquedos das crianças. Extraiu um pedaço de papel enrugado, uma velha chave de bronze, uma estaca de pau com um rolo de barbante e três discos de metal enferrujados.

— Bem, meu amigo, o que você faria com essa bugiganga? — perguntou sorrindo.

— É uma coisa curiosa!

— Muito curiosa, e mais ainda a história que está ligada a ela.

Sherlock Holmes espalhou os objetos na mesa.

— É tudo o que conservei para recordar do episódio do Ritual Musgrave.

Eu já tinha ouvido Holmes mencionar o caso várias vezes, embora não conhecesse os pormenores.

— Gostaria muito que me contasse o que aconteceu.

— E deixar esta desordem como está? — sondou maliciosamente. — Afinal, o seu gosto pela arrumação não sofrerá muito, Watson. Mas ficaria contente se você acrescentasse este caso aos seus anais, porque há nele pontos que o tornam totalmente único nos registros de crimes de qualquer país. Uma coleção dos meus insignificantes inquéritos ficaria incompleta se não incluísse a narrativa deste caso singular.

Deve lembrar-se que o assunto do *Glória Scott* foi o primeiro a materializar a minha vocação no sentido da profissão da minha vida. Agora que o meu nome se tornou amplamente conhecido, tanto pelo público quanto pelas autoridades oficiais, sou sempre consultado nos casos duvidosos. Até mesmo por ocasião do caso *Um estudo em vermelho* eu já tinha uma considerável clientela, embora não muito lucrativa. No entanto, não pôde verificar como, a princípio, foi muito difícil ser bem-sucedido na realização de algum projeto.

Quando vim pela primeira vez a Londres, morava na Montague Street, exatamente na esquina do Museu Britânico, e ocupava as minhas horas de lazer no estudo de todos os ramos da ciência que pudesse me tornar mais eficiente. Constantemente me apareciam casos, devido à apresentação dos meus colegas de estudo, porque durante os meus últimos anos na universidade falavam muito a meu respeito e sobre os métodos que eu empregava. O terceiro desses casos foi o do Ritual Musgrave. E foi devido ao interesse por essa singular cadeia de acontecimentos que alcancei a posição de que hoje desfruto.

Reginald Musgrave estava no mesmo curso que eu, na universidade, e mantive com ele uma certa amizade. Não era popular entre os não graduados, embora aquilo que consideravam orgulho era apenas uma tentativa de encobrir a sua extrema desconfiança natural. Na aparência, era um homem de tipo aristocrático, magro, de nariz nobre e olhos grandes, maneiras calmas e cortesias. Era descendente de uma das famílias mais antigas do Reino, embora descendesse de um irmão mais novo que se separara dos Musgraves do norte, no século XVI, e se estabeleceu no Sussex ocidental, onde o solar de Hurlstone é talvez o mais antigo edifício habitado do condado. Algo do local onde nascera me pareceu relacionar-se com o seu rosto pálido e vivo, ou com a posição da sua cabeça, associando-o aos arcos cinzentos, às janelas de painéis e a todos os vestígios do domínio feudal. Conversamos bastante e, em mais de uma ocasião, manifestou interesse pelos meus métodos de observação e dedução.

Já havia quatro anos que nada sabia a seu respeito, quando, certa manhã, entrou na minha sala de Montagne Street. Estava pouco mudado, trajava como um jovem da alta sociedade e mantinha a mesma maneira calma e suave que anteriormente o distinguia.

— Como vão as coisas, Musgrave? — perguntei, depois de cordialmente apertarmos as mãos.

— Provavelmente ouviu falar da morte de meu pai — respondeu. — Deus chamou-o, há dois anos. Desde então tenho administrado as propriedades de Hurlstone e também, como membro do conselho do meu distrito, tenho estado muito ocupado. Mas fui informado, Holmes, de que você está pondo em prática aqueles poderes com que costumava nos assombrar.

— Sim.

— Ainda bem, porque, neste momento o seu conselho pode ser valioso. Têm acontecido em Hurlstone coisas muito estranhas, e a polícia não foi capaz de esclarecer o assunto.

Deve imaginar com que satisfação o ouvi pois, após alguns meses de inatividade, a oportunidade pela qual esperei parecia estar ao meu alcance. No íntimo, julgava poder triunfar onde outros tinham fracassado.

— Por favor, conte-me os pormenores.

Reginald Musgrave sentou-se e acendeu um charuto que lhe ofereci.

— Embora solteiro, tenho de manter um pessoal considerável em Hurlstone. Trata-se de um enorme casarão que exige muito trabalho. E, nos meses de caça ao faisão, damos uma festa e não pode faltar pessoal. Temos oito criadas, a cozinheira, o mordomo, dois lacaios e um rapaz. Os estábulos têm pessoal separado, evidentemente.

Desses criados, aquele que tinha estado mais tempo ao nosso serviço era Brunton, o mordomo. Era um jovem professor desempregado, quando foi contratado por meu pai. Homem de muita energia e caráter, logo se tornou indispensável. Tinha uma esplêndida aparência e, embora estivesse conosco há quase vinte anos, não teria agora mais de quarenta. Com os extraordinários dons que possuía, pois sabia falar diversas línguas e tocar quase todos os instrumentos musicais, era espantoso que se contentasse durante tanto tempo naquela situação. Suponho que por comodismo.

Mas era um don-juan incorrigível e deve calcular que esse papel é difícil de representar num pacato distrito do interior.

Quando era casado tudo corria bem. Mas ficou viúvo e vieram os problemas. Alguns meses atrás, alimentávamos a esperança de que tudo se normalizasse de novo, pois ele ficou noivo de Rachel Howells, a nossa segunda caseira. Mas desfez esse noivado e ligou-se a Janet Tregellis, filha do chefe dos guardas-caças. Rachel, que é boa moça, mas de excitável temperamento galês, sofreu um ataque de febre cerebral. Anda pela casa agora como um fantasma. Foi o nosso primeiro drama em Hurlstone, mas o seguinte atirou-o para segundo plano, provocando desgraça e a demissão do mordomo Brunton.

Eu já lhe disse que o homem é inteligente. E essa mesma inteligência foi a causa da sua ruína, pois o levou a uma curiosidade insaciável acerca de coisas que não lhe diziam respeito.

Uma noite da semana passada, na quinta-feira, para ser exato, não conseguia dormir por ter tomado imprudentemente uma xícara de café forte após o jantar. Depois de lutar contra a insônia até as duas da manhã, levantei-me e acendi a vela, com o intuito de continuar o romance que estava lendo e deixara na sala de bilhar. Vesti o roupão e saí para ir buscar o livro.

Para chegar à sala de bilhar, tinha de descer um lance de escadas e atravessar, então, a parte da frente do corredor que vai dar na biblioteca e na sala de armas. Ao olhar para o fundo do corredor vi uma luz que vinha da porta aberta da biblioteca. Apaguei a vela e fechei a porta que dá para o quarto. Naturalmente, pensei em ladrões. Os corredores de Hurlstone têm as paredes decoradas com troféus de armas antigas. Peguei um machado de guerra e, na ponta dos pés, espirei pela porta aberta.

Brunton achava-se na biblioteca sentado numa cadeira de repouso, com um rolo de papel que parecia um mapa sobre os joelhos. Uma pequena vela derramava uma luz fraca. Estava totalmente vestido. De repente, levantou-se da cadeira e, dirigindo-se à escrivaninha, ao lado, abriu-a e tirou de uma das gavetas um papel. Voltando ao assento, começou a estudá-lo. Fiquei indignado por vê-lo examinar documentos da nossa família. Então Brunton viu-me no limiar da porta. Pôs-se de pé rapidamente, ficou lívido e escondeu no peito o papel que parecia um mapa que estivera estudando.

— Então — repreendi —, é assim que paga a confiança que temos depositado no senhor? Pode deixar esta casa amanhã.

Curvou-se, aturdido, e saiu sem proferir palavra. A vela ficou na mesa e consegui ver o papel que Brunton tinha tirado da escrivaninha. Era simplesmente uma cópia das perguntas e respostas do Ritual Musgrave. É uma espécie de cerimônia peculiar da nossa família, que, ao longo dos séculos, cada Musgrave tem repetido quando atinge a maioridade; de interesse privado e de pouca importância, a não ser para um arqueólogo, assim como os nossos brasões e armas, mas de nenhum outro uso prático.

Então abri a escrivaninha com a chave que Brunton tinha deixado, e já voltava quando descobri que o mordomo regressara e estava de pé diante de mim.

— Sr. Musgrave! — exclamou com uma voz rouca de emoção. — Não posso encarar a desgraça. Fui sempre orgulhoso, e a desgraça me mataria. Se não pode conservar-me no serviço, depois do que se passou, então, pelo amor de Deus, deixe-me pedir-lhe a demissão e sair dentro de um mês, como se fosse de minha livre vontade. Poderei enfrentar isso, sr. Musgrave, mas não ser despedido, diante de toda a gente que conhece tão bem.

— Não merece muita consideração, Brunton — respondi. — A sua conduta foi infame. Todavia, está há muito tempo na família, e não desejo tornar pública a sua desgraça. No entanto, um mês é muito. Demita-se dentro de uma semana, e dê a razão que quiser para a sua demissão.

— Só uma semana, senhor? — proferiu com voz desesperada. — Pelo menos uma quinzena.

— Uma semana — repeti —, e pode considerar-se tratado com muita indulgência.

Arrastou-se para fora, cabisbaixo.

Durante dois dias Brunton foi muito assíduo no desempenho dos seus deveres. Não fiz nenhuma alusão ao que se tinha passado. Na terceira manhã, não apareceu como de costume, depois da refeição matinal, para receber as instruções. Quando deixei a sala de jantar, aconteceu-me encontrar a criada, Rachel. Já lhe disse que ela se restabelecera havia pouco tempo de uma doença e parecia tão pálida que a censurei por trabalhar.

— Você devia estar na cama — observei. — Volte às suas obrigações quando estiver mais forte.

— Sinto-me bem, sr. Musgrave.

— Veremos o que diz o médico — respondi. — Você agora vai deixar de trabalhar e, quando descer, diga que quero ver Brunton.

— O mordomo foi embora — respondeu.

— Para onde foi?

— Ninguém o viu! Não está no seu quarto!

Encostou-se à parede com um acesso de riso histérico. Toquei a campainha para pedir auxílio. A moça foi reconduzida ao seu quarto gritando e soluçando, enquanto eu fazia perguntas acerca de Brunton. Não restava dúvida de que tinha desaparecido. Não tinha sido visto desde a noite anterior e não se entendia como pôde sair de casa com todas as portas e janelas fechadas. A sua roupa, o relógio e o dinheiro estavam no seu quarto, mas a bota preta, que costumava usar, desapareceu. Os chinelos também sumiram.

Aonde poderia ter ido durante a noite, e o que poderia ter-lhe acontecido?

É claro que revistamos a casa. E, como disse, a casa é um labirinto, especialmente a ala primitiva, que está praticamente desabitada. Mas foi revistada, quarto por quarto, até o sótão, sem se encontrar o desaparecido. Era incrível que tivesse partido deixando toda a sua bagagem. Chamei a polícia local, mas sem resultado. A chuva tinha caído durante a noite anterior. Examinamos o jardim e os caminhos em redor da casa, mas em vão.

Durante dois dias Rachel permaneceu doente, com delírios de histerismo. Arranjou-se uma enfermeira para passar a noite com ela. Na terceira noite depois do desaparecimento de Brunton, a enfermeira, julgando que a doente estava dormindo tranqüilamente, adormeceu na poltrona. Quando acordou de manhã viu o leito vazio e a janela aberta. Rachel desapareceu. Fui imediatamente acordado e, com os dois lacaios, saí à procura da jovem.

Não foi difícil saber a direção que tinha tomado, porque, partindo-se de debaixo da sua janela, podíamos seguir-lhe as pisadas facilmente através do bosque até a beira da lagoa, onde desapareciam, rente ao trilho pedregoso que vai em direção aos campos. A lagoa tem cerca de três metros de profundidade e o rasto da pobre demente terminava ali.

Fomos buscar ganchos e arpões e imediatamente procuramos o corpo na lagoa, mas nada descobrimos. Por outro lado, trouxemos à superfície um objeto inesperado: um saco de linho, contendo um grande aro de metal oxidado e diversos pedaços de seixos ou vidros opacos. Esse estranho achado foi tudo quanto pudemos retirar da lagoa, e nada sabemos do destino de Rachel Howells, nem de Richard Brunton. A polícia do condado desistiu das buscas e eu venho procurá-lo como último recurso.

— Pode imaginar, Watson, com que ansiedade ouvi esta extraordinária seqüência de acontecimentos, e como me esforcei por descobrir um elo de ligação.

O mordomo tinha ido embora. A criada também. Ela amava o mordomo, mas depois teve motivos para odiá-lo. Rachel era de sangue galês, furioso e apaixonado. Ficava terrivelmente exaltada logo após o desaparecimento de Brunton. Atirou ao lago um saco que continha algumas coisas curiosas. Foram estes os únicos fatos que pude tomar em consideração, mas nenhum deles me conduzia ao ponto de partida dessa cadeia de acontecimentos.

Então pedi a Musgrave:

— Preciso de ver esse papel que o seu mordomo julgava valer a pena consultar, mesmo correndo o risco de perder o seu emprego.

— Esse nosso ritual é muito absurdo — respondeu ele. — Tenho aqui uma cópia das perguntas e respostas, se quiser vê-la.

E entregou-me este papel, Watson. Eis o estranho catecismo a que cada Musgrave tinha de submeter-se quando atingia a maioridade:

— De quem era?

— De quem morreu.

— Quem a terá?

— Quem vier.

— Qual era o mês?

— O sexto a partir do primeiro.

— Onde estava o sol?

— No carvalho.
— Onde estava a sombra?
— Debaixo do olmo.
— Como era andado?
— Norte dez e dez, leste cinco e cinco, sul dois e dois, oeste um e um, e então por baixo.
— O que daremos por ela?
— Tudo quanto é nosso.
— Por que devemos dar-lhe?
— Por causa da confiança.

— O original não tem data, mas a letra provém dos meados do século XVII — observou Musgrave. — Receio, contudo, que pouco o ajude a resolver este problema.

— Pelo menos, apresenta-nos outro mistério mais interessante do que o primeiro. Pode ser que a solução de um contribua para a solução do outro. O seu mordomo parece ter sido um homem muito inteligente, com uma intuição mais lúcida que dez gerações dos seus amos. Segundo creio, Brunton já tinha visto antes esse documento e, nessa última ocasião, queria avivar a memória. Devia ter uma espécie de mapa ou carta que estava comparando com o manuscrito, e que meteu no bolso quando você apareceu.

— Exatamente. Mas que lhe podia interessar este costume antigo da família?

— Não me parece muito difícil descobri-lo, mas convinha tomarmos o primeiro trem para Sussex e aprofundarmos o caso no próprio local.

Nessa mesma tarde fomos a Hurlstone. Possivelmente você já viu alguns famosos edifícios antigos. Aquele era uma construção em forma de L, sendo o braço mais comprido a parte mais moderna, e o mais curto, o núcleo antigo de onde aquela partiu.

Sobre a pesada porta de entrada, estava esculpida a data 1607, mas os peritos concordam em que as obras eram realmente muito mais antigas. As paredes muito grossas e as janelas estreitas dessa parte da casa tinham impellido a família para o edifício da ala nova, ficando a velha para armazém e adega. O esplêndido parque com um belo bosque rodeava a casa, e o lago ficava a cerca de duzentos metros do edifício.

Eu já estava convencido de que não se tratava de três mistérios separados, mas de um só, e que, se me fosse permitido ler o Ritual Musgrave, descobriria a verdade, tanto no que se referia ao mordomo Brunton como à criada Rachel Howells. Por que estaria esse criado ansioso por decifrar aquela velha fórmula? Evidentemente porque viu nela alguma coisa que escapou a todas as gerações dos senhores do condado e de que ele esperava obter uma vantagem pessoal.

Para mim estava claro, na leitura do Ritual, que as medidas deviam referir-se a algum lugar. Para começar, havia duas balizas: um carvalho e um olmo. Quanto ao carvalho, não existia nenhuma dificuldade. Bem na frente da casa, do lado esquerdo da estrada, havia um exemplar esplêndido.

— Estaria aqui quando o Ritual foi escrito? — perguntei quando passamos por ela.

— Estava aqui quando da conquista dos normandos — respondeu. — Tem um perímetro de quase 8 metros.

Encontrei um dos meus pontos fixos.

— Você tem algum olmo velho? — perguntei.

— Havia um muito antigo, lá adiante, mas foi queimado por um raio, há dez anos, e cortamos-lhe o tronco.

— Sabe onde ficava?

— Certamente.

— Não havia outros olmos?

— Nenhum antigo.

— Gostaria de ver onde ficava o mais antigo.

Fomos num coche de duas rodas e seguimos nele até uma rocha solitária, no mesmo bosque onde o olmo tinha existido. Era quase a meio caminho, entre o carvalho e a casa. A minha investigação parecia progredir.

— Suponho que é impossível saber qual era a altura do olmo? — comentei.

— Sei. Era de 2,5 metros.

— Como sabe? — surpreendi-me.

— Quando o meu velho professor me ensinava trigonometria, usava o olmo para medida de altura. Quando eu era rapaz tive que medir as árvores e edifícios da propriedade.

Era uma sorte inesperada.

— E o seu mordomo lhe fez, alguma vez, perguntas sobre a altura da árvore?

Reginald Musgrave fitou-me espantado.

— Agora que me fala nisto, recordo que Brunton me perguntou a altura da árvore, devido a uma pequena discussão com um cavaleiro.

Foi uma excelente notícia, Watson, porque me indicou que estava no caminho certo. Olhei para o sol. Começava a declinar e calculei que, em menos de uma hora, cairia justamente nos galhos mais altos do velho carvalho. Uma condição mencionada no ritual se cumpriria então. E o extremo da sombra do olmo devia corresponder ao ponto indicado, caso contrário o tronco teria sido escolhido como baliza. Teria de esperar que a sombra atingisse a sua máxima projeção.

— O que teria sido difícil, Holmes, já que o olmo não estava mais lá.

Se Brunton pôde descobrir, também eu o conseguiria. Fui com Musgrave ao escritório e preparei esta estaca, à qual ateí este comprido cordão, fazendo um nó em cada metro. Então utilizei uma vara de pesca que media três metros e voltei com o meu amigo ao local onde estivera o olmo. Amarrei a vara numa extremidade e medi a sombra. Era de 4 metros e meio de comprimento. O cálculo agora era muito simples. Se uma vara de 3 metros projetava uma sombra de 4 metros e meio, uma árvore de 32 metros projetaria uma sombra de 48, e a direção de uma seria a mesma que a da outra. Medi a distância, o que me levou quase à parede da casa, e finquei aí uma estaca. Imagine a minha alegria, Watson, quando a cerca de dois centímetros da estaca vi uma depressão cônica no chão. Descobri que era a marca que Brunton fez quando analisava o caso. Portanto eu estava na sua pista.

Desse ponto de partida analisei os pontos cardeais com uma bússola de bolso. Dez passos levaram-me ao paralelo da parede da casa, e marquei este lugar com uma estaca. Então contei cuidadosamente cinco passos para leste, e dois para sul. E cheguei ao limiar da porta antiga. Um passo para oeste significava ter de descer a passagem de uma laje. Era este o lugar indicado pelo Ritual.

Nunca senti tamanho desapontamento, Watson! Por um momento me pareceu que havia errados os cálculos. O sol brilhava em cheio sobre o chão da passagem e notei que as pedras do pavimento, cinzentas e gastas,

estavam firmemente unidas por cimento, e certamente não tinham sido removidas há muitos anos. Brunton não tinha mexido ali. Bati no chão, mas soava identicamente por toda a parte, e não havia nenhuma abertura. Mas, por felicidade, Musgrave, que agora estava tão excitado como eu, tirou o seu manuscrito para comparar os meus cálculos.

— É embaixo! — gritou. — Você omitiu o “embaixo”.

Eu pensei que teríamos de cavar, mas percebi que estava errado.

— Há uma adega lá embaixo? — indaguei.

— Sim, e tão antiga como a casa. Venha por esta porta.

Descemos uma escada de pedra em espiral, e o meu companheiro, riscando um fósforo, acendeu uma lanterna que estava sobre uma barreira ao canto. Era evidente que tínhamos chegado ao verdadeiro lugar, e que não tínhamos sido as únicas pessoas a visitá-lo recentemente.

Foi usado para depósito de madeira, mas a lenha, antes espalhada no chão, estava agora empilhada ao lado, deixando um espaço vago no meio. Nesse espaço havia uma laje enorme, com um anel de ferro enferrujado ao centro, ao qual se achava pendurada uma faixa de lã.

— Diabos! — gritou Musgrave. — É o cachecol de Brunton. O que estaria o bandido fazendo por aqui?

Por minha sugestão, foram chamados dois policiais do condado para presenciarem a pesquisa, e então esforcei-me por levantar a pedra, puxando-a pelo cachecol. Mal podia movê-la, e foi com o auxílio de um dos policiais que consegui finalmente colocá-la de lado. Um buraco escuro surgiu debaixo dela, pelo qual olhamos, enquanto Musgrave, ajoelhado, erguia a lanterna.

Uma pequena câmara de cerca de 2 metros de profundidade por 1 metro de diâmetro ficou escancarada à nossa frente. Ao lado, estava uma caixa de madeira, guarnecida de zinco, cuja tampa se abria com esta chave. Estava protegida exteriormente por uma espessa camada de ferro. A umidade tinha apodrecido a madeira, de maneira que lá dentro tinham nascido fungos. Moedas antigas, como as que lhe mostro, estavam espalhadas pelo fundo da caixa, mas não continha mais coisa alguma.

Nessa altura, não pensamos mais no conteúdo, porque os nossos olhos se fixaram no que se achava a seu lado. Era um homem vestido de negro, acorado, com a fronte sobre o tampo da caixa e abraçado a ela. Esta postura tinha lhe trazido ao rosto todo o sangue estagnado e ninguém poderia reconhecer aquela fisionomia disforme, de cor de fígado. Mas a

sua estatura, a sua roupa e os seus cabelos eram suficientes para que o meu cliente o reconhecesse. Quando o levantamos, reconhecemos o mordomo desaparecido. Tinha morrido havia alguns dias, mas não apresentava qualquer contusão no corpo que indicasse como havia morrido.

Confesso, Watson, que estava desapontado com a minha investigação. Calculei resolver o assunto assim que encontrasse o lugar referido no ritual, mas continuava sem saber o que a família tinha escondido com tantas precauções. É verdade que descobri Brunton, mas não esclareci como morreu, nem qual o papel desempenhado pela criada desaparecida.

Você conhece os meus métodos, Watson. Coloquei-me no lugar do homem e tentei imaginar como teria agido em tais circunstâncias. Brunton sabia que algo de valor estava ali escondido. Tinha marcado o lugar. Sabia que a pedra que o cobria era muito pesada para ser removida por um homem só. Poderia procurar auxílio, se tivesse alguém em quem pudesse confiar, mas teria de trancar as portas, com risco de ser descoberto. Era melhor procurar esse auxílio dentro de casa: aquela jovem que lhe tinha sido devotada. Um homem dificilmente admite ter perdido o amor de uma mulher, por pior que a tenha tratado. Com algumas pequenas provas de afeição, teria feito as pazes com a jovem Howells, para usá-la como cúmplice. A força de ambos seria suficiente para levantar a pedra.

Mas só para duas pessoas, das quais uma era mulher, devia ser uma tarefa pesada. Levantei-me e examinei cuidadosamente as diferentes achas de lenha que estavam espalhadas no chão. Encontrei o que procurava. Uma delas, com cerca de 1 metro de comprimento, estava achatada na extremidade como se tivesse sido comprimida por um peso considerável. Era evidente que levantaram a pedra com essa alavanca, até que a abertura foi suficientemente grande para se passar por ela, e mantiveram-na aberta por meio de uma tora colocada de comprido.

É claro que só uma pessoa podia entrar na câmara: Brunton. A moça devia esperar, em cima. Brunton abriu a caixa e entregou o seu conteúdo a Rachel, já que nós a achamos vazia.

Que fogo de vingança não teria explodido na alma dessa apaixonada celta, quando viu o homem que a desprezara e talvez a tivesse já desonrado, à sua mercê? Será que, por acaso, a tora escorregou e que a pedra encerrou Brunton no que veio a ser o seu sepulcro? Ou teria a mão dela retirado o suporte e deixado a pedra deslizar para o seu lugar?

Imaginei a mulher, agarrada ao tesouro, voando pela escada e ouvindo os gritos ensurdecedores e o bater de mãos frenéticas contra a laje de pedra que abafava a vida do amante infiel.

Eis o segredo dos seus nervos descontrolados e das risadas histéricas, na manhã seguinte. Mas, que haveria na caixa? E o que ela fez com o conteúdo? Naturalmente era o aro de metal e as pedras que o meu amigo tinha retirado da lagoa. Atirou-os para lá na primeira oportunidade para remover o último vestígio do seu crime.

Durante vinte minutos fiquei sentado, imóvel, pensando no assunto. Musgrave ainda estava com o rosto muito pálido, agitando a lanterna e olhando para o fundo da adega.

— São moedas de Carlos I — identificou, retirando algumas que tinham ficado na caixa. — Bem se vê que estávamos certos quanto à data do Ritual.

— Talvez possamos encontrar qualquer coisa mais de Carlos I — sugeri. — Deixe-me ver o conteúdo do saco que pescou na lagoa.

Subimos ao escritório e Musgrave espalhou o metal e as pedras diante de mim. Ao olhá-las notei que o aro de metal estava quase negro e as pedras sem brilho. Esfreguei uma delas na manga e brilhou imediatamente, como uma centelha, na minha mão. O metal tinha a forma de um anel duplo, mas foi muito retorcido, alterando assim a sua forma original.

— Você deve recordar-se — lembrei — de que o partido real fez progressos na Inglaterra mesmo depois da morte do rei Carlos II e que, quando fugiram, deixaram muitos dos seus preciosos bens sepultados com a intenção de virem buscá-los em época mais pacífica.

— O meu antepassado, *sir* Ralph Musgrave, foi o braço direito de Carlos II — esclareceu o meu amigo.

— Compreendo. Suponho que agora obtivemos o último elo de que precisávamos. Devo felicitá-lo por entrar, ainda que tragicamente, na posse de uma relíquia de grande valor, não só intrínseco, mas também histórico.

— Qual? — perguntou, admirado.

— Nada menos que a antiga coroa dos reis de Inglaterra.

— A coroa!

— Precisamente. Considere o que diz o Ritual. “De quem era?” “De quem se foi”. Foi depois da execução de Carlos I. “Então de quem será?”

“De quem vier”. Foi Carlos II, cujo advento já era previsto. Creio que não pode haver dúvida de que esta coroa, já sem forma, foi a dos reis Stuart.

— Mas como veio parar aqui? Como ficou escondida?

— Oh! Essa é uma pergunta que levará algum tempo para responder — e então expliquei toda a longa cadeia de hipóteses que tinha comprovado.

— Mas por que motivo Carlos II não conseguiu reaver a sua coroa, quando regressou? — perguntou Musgrave, colocando a relíquia no saco.

— Possivelmente nunca saberemos. É provável que o Musgrave, detentor do segredo, tivesse morrido e deixado este regulamento ao descendente sem lhe explicar o significado. Desde essa época até hoje tem sido transmitido de pai para filho até que chegou ao alcance de um homem que lhe desvendou o segredo e morreu na sua busca.

— Aqui tem, Watson, a história do Ritual Musgrave. Eles ainda mantêm a coroa em Hurlstone, embora tivessem encontrado certas dificuldades legais e devessem pagar uma soma avultada, antes que lhes fosse permitido conservá-la. Estou certo de que, se mencionar o meu nome, terão prazer em mostrá-la a você. Da mulher nada mais se soube, e é provável que fugiu da Inglaterra, levando consigo, para além-mar, a recordação do seu crime.

O DOENTE INTERNADO

Ao passar os olhos pelas memórias, por vezes incoerentes, com que procurei ilustrar algumas peculiaridades mentais do meu amigo Sherlock Holmes, esbarrei com a mesma dificuldade que tenho encontrado nesse meu propósito. Nos casos em que Holmes realizou um *tour de force* de raciocínio analítico, os fatos às vezes foram tão comuns que não encontrei justificação para apresentá-los ao público. Por outro lado, também se interessou por pesquisas cujos fatos têm caráter mais notável, mas em que o seu papel foi menos destacado. O caso que narrei sob o título de *Um Estudo em Vermelho*, e mais tarde aquele outro relacionado com o naufrágio do *Glória Scott*, servem de exemplo de que Cila e Caribe estão constantemente ameaçando o seu historiador. Pode ser que, no caso

que vou narrar agora, a atuação de Holmes não seja acentuada. Contudo, as circunstâncias são tão notáveis que não posso omiti-la deste livro.

Num dia cinzento e chuvoso de outubro, as nossas janelas estavam entreabertas e Holmes achava-se deitado no sofá relendo uma carta que recebera nessa manhã. Quanto a mim, o meu período de serviço na Índia me treinou para suportar melhor o calor do que o frio, e o ambiente superaquecido da sala não me incomodava. Mas o jornal não tinha interesse. O parlamento suspendeu as suas sessões. Todos tinham saído da cidade, e eu sonhava com as clareiras de New Forest ou com os penhascos de Southsea. Uma conta bancária vencida me obrigou a adiar as minhas férias e, quanto ao meu companheiro, nem o campo nem o mar o atraíam. Gostava de ficar no centro de cinco milhões de pessoas, estudando-lhes o comportamento e correndo no meio delas, atento a qualquer rumor ou suspeita de crime insolúvel. Holmes não apreciava a natureza e só desviava o seu interesse pelos criminosos da cidade para dedicá-lo aos seus congêneres rurais.

Achando que Holmes estava demasiado absorto para conversar, atirei para um lado o jornal estéril, reclinei-me na cadeira e comecei a meditar. De repente a voz do meu companheiro sobressaltou-me.

— Você tem razão, Watson. Parece uma maneira acertada de se resolver uma disputa.

— Muito acertada! — exclamei, e só então verifiquei que ele tinha seguido o meu pensamento. — Como conseguiu isso, Holmes?

Riu satisfeito com a minha perplexidade.

— Você se lembra de que, há tempos, quando li uma passagem de uma das obras de Poe, referente a um sujeito atento que seguia os pensamentos mudos do seu companheiro? Você interpretou o caso como sendo um mero *tour de force* do autor. Quando lhe declarei ter eu esse mesmo hábito, você mostrou-se incrédulo.

— Sim!

— Talvez não por palavras, meu caro Watson, mas certamente com os olhos. Quando o vi atirar o jornal para o lado e mergulhar nos seus pensamentos, senti-me feliz por ter oportunidade de interpretá-los, como prova de que tenho estado em comunhão mental com você.

— Mas ainda estou longe de ficar satisfeito. No exemplo que referiu, o raciocinador tirou conclusões das ações do homem que observava. Se bem

me lembro, este tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas, e assim por diante. Mas eu estava muito quieto, sentado na minha cadeira, portanto que indícios posso ter lhe fornecido?

— É injusto consigo mesmo. Os traços fisionômicos são o meio pelos quais expressamos as nossas emoções.

— Quer dizer que leu os meus pensamentos através dos meus traços fisionômicos?

— Sim e, especialmente, os seus olhos. Talvez não possa se recordar do início do seu devaneio?

— Não, não posso.

— Depois de atirar para o lado o jornal, despertando-me assim a atenção, você ficou durante meio minuto com uma expressão vaga. Em seguida os seus olhos fixaram-se nesse quadro, de moldura nova, do general Gordon e, pela alteração da sua fisionomia, percebi que tinha começado a meditar. Mas não foi muito longe. O seu olhar pousou no retrato, sem moldura, de Henry Ward Beecher, que está por cima dos seus livros. Então passou os olhos pela parede e, sem dúvida alguma, pensou que, se o retrato tivesse moldura, cobriria exatamente este espaço vazio, ao lado do Gordon.

— Você interpretou-me admiravelmente! — exclamei.

— Depois, os seus pensamentos voltaram-se para Beecher e o seu semblante endureceu, como se lhe estudasse o caráter pela imagem. Em seguida os seus olhos deixaram de franzir-se mas começaram a olhar de revés, pensativos. Estava recordando os incidentes da carreira de Beecher. Pensou na missão que ele empreendeu pela causa do norte, por ocasião da Guerra Civil, porque me lembro de que você exprimiu a sua indignação pela maneira como ele foi recebido pelos ingleses mais radicais. Você não poderia pensar em Beecher sem recordar esse episódio. Quando, um momento depois, vi os seus olhos desviarem-se do retrato, suspeitei que pensava de novo na Guerra Civil, e, quando observei que apertava os lábios, que os seus olhos cintilavam e tinha os punhos cerrados, fiquei certo de que rememorava a bravura que mostraram as duas facções nessa luta desesperada. Então o seu rosto entristeceu e você abanou a cabeça. Estava pensando no horror do desperdício inútil de tantas vidas. A sua mão escorregou para a sua antiga ferida e um sorriso aflorou-se aos lábios, o que indicou que considerava ridículo esse método de resolverem as questões internacionais. Nesse ponto concordei com você e fiquei contente por descobrir que todas as minhas deduções estavam certas.

— Exatamente! — confirmei. — Mas confesso que estou tão perplexo como no princípio.

— Foi elementar, meu caro Watson. Não lhe teria falado nisso se você não tivesse se mostrado incrédulo, no outro dia. Que me diz de um passeiozinho pela cidade?

Eu estava cansado da nossa salinha de estar e aceitei. Andamos seguramente por três horas, observando o constante fluxo e refluxo na Fleet Street e no Strand. A agradável conversa de Holmes, a sua observação dos pormenores e o seu poder de dedução mantinham-me pasmado.

Eram dez horas quando regressamos à Baker Street. Uma carruagem esperava à nossa porta.

— Hum! Um médico de clínica geral, claro — disse Holmes. — Não está há muito tempo na clínica, mas tem muito que fazer. Vem consultar-nos, creio. Que sorte já termos voltado!

Estava suficientemente familiarizado com os seus métodos para poder seguir-lhe o raciocínio e ver que o estado de vários instrumentos médicos que se achavam na cesta de vime, pendurada sob a lâmpada, no interior da carruagem, tinha lhe fornecido dados para a sua rápida dedução. A luz acesa na nossa janela indicava que a visita viera, com efeito, à nossa procura. Com alguma curiosidade quanto ao que desejaria um meu colega a tal hora, segui Holmes até o santuário.

Um homem pálido, de rosto delgado e barbas ruivas, levantou-se quando entramos. Devia ter entre 33 e 34 anos, mas a sua expressão macilenta mostrava uma vida difícil. As suas maneiras eram nervosas e acanhadas, como as de um cavalheiro sensível, mais de um artista que de um cirurgião. A sua roupa era simples: uma sobrecasaca preta, calça escura e só um sinal de cor na gravata.

— Boa noite, doutor — saudou Holmes jovialmente —, estou contente por não ter nos esperado muito.

— Falou com o meu cocheiro?

— Não, mas a altura a vela ao lado da mesa me indica isso. Por favor, sente-se e diga-me em que posso servi-lo.

— Chamo-me Percy Trevelyan, e moro na Brook Street, 403.

— Não é o autor de uma monografia sobre lesões nervosas obscuras? — perguntei.

As suas faces pálidas coraram com o prazer de ouvir que eu conhecia a sua obra.

— Tão raramente ouço falar nesta obra que a julgava inteiramente esquecida — respondeu. — Os meus editores mostraram-me a mais desencorajadora nota de vendas. O senhor é médico?

— Cirurgião aposentado do Exército.

— A minha mania foi sempre a doença nervosa. Gostaria de fazer dela uma especialidade, mas um homem deve fazer o que primeiro pode alcançar. Entretanto, nada disto vem ao caso, sr. Holmes. O assunto consiste numa singular série de acontecimentos que ocorreram recentemente, na minha casa de Brook Street e que nesta noite atingiram tal ponto que decidi vir pedir o seu conselho.

Sherlock Holmes sentou-se e acendeu o cachimbo.

— Faça-nos, por favor, uma narrativa pormenorizada dos fatos que o perturbam.

— Um ou dois são tão triviais — começou o dr. Trevelyan —, que não sei se devo mencioná-los. Mas o caso é tão inexplicável e tão estranho! Contarei tudo e o senhor julgará o que é realmente essencial.

Para começar, sou obrigado a dizer alguma coisa acerca da minha carreira. Sou um universitário de Londres. Depois de diplomar-me, continuei devotado às pesquisas, ocupando um cargo no King's College Hospital. Fui bastante feliz com a minha investigação na patologia da catalepsia e, finalmente, ganhei o Prêmio Bruce Pinkerton e uma medalha pela monografia sobre lesões nervosas a que o seu amigo acaba de aludir. Não estarei faltando com a modéstia se disser que, nessa época cogitou-se a idéia de que eu viria a fazer uma carreira distinta.

Mas o meu grande obstáculo era a falta de dinheiro. Como compreenderá, o especialista que almeja o apogeu é obrigado a começar numa das doze ruas do quarteirão de Cavendish Square, o que lhe acarreta enormes despesas com mobília. Além desses gastos preliminares, deve estar preparado para se sustentar durante alguns anos e ter uma carruagem apresentável. Tudo isto estava muito além das minhas posses, e só podia esperar que a economia de dez anos me permitisse ser um especialista. Entretanto, um incidente abriu-me uma nova perspectiva: a visita de um cavalheiro chamado Blessington, que eu nunca vira antes. Entrou no meu consultório e abordou logo o assunto.

— O senhor é o doutor Percy Trevelyan, que tem uma brilhante carreira e ganhou um grande prêmio recentemente? — perguntou.

Eu me inclinei.

— Responda-me com franqueza — continuou ele —, pois verificará que é do seu interesse fazê-lo. O senhor tem a inteligência que auxilia o êxito... mas, também, tem tato?

Não pude deixar de rir com a estranha pergunta.

— Creio que tenho algum — admiti.

— E quanto a hábitos? Gosta de bebidas?

— Não — protestei.

— Muito bem! Com todas essas qualidades, por que não faz clínica como especialista?

Encolhi os ombros.

— Bem! — prosseguiu, sorridente. — É a velha história. Mais miolos que dinheiro! Que tal começar na Brook Street?

Olhei para ele espantado.

— Serei muito franco: se for bom para o senhor, será também bom para mim. Tenho cerca de mil libras para investir e penso gastá-las com o senhor.

— Mas por quê?

— Porque é uma especulação igual a qualquer outra e mais segura do que a maioria.

— Que devo fazer nesse caso?

— Vou alugar a casa e mobiliá-la. Pagarei os criados e custearei todas as despesas. Tudo o que o senhor tem a fazer é utilizar o consultório. Darei o dinheiro necessário. Depois me dará três quartos do que ganhar e guardará o restante para si.

Foi esta a estranha proposta de Blessington. Acabei por mudar para a casa perto do Lady Day e comecei a fazer clínica nas condições que ele me havia sugerido. Ele mesmo veio morar comigo como doente internado. Disse ter o coração fraco e necessitar de constantes cuidados médicos. Transformou as duas melhores divisões do primeiro andar em sala de estar e dormitório para si próprio. Era um homem de hábitos singulares. Evitava companhias e saía muito raramente. Todas as tardes à mesma hora, entrava no consultório, examinava os livros e deixava cinco xelins e três pence para cada guinéu que eu tinha ganho e levava o resto para a caixa forte do seu quarto.

Posso garantir que Blessington nunca teve motivo para lamentar o seu investimento. Desde o princípio, o meu consultório foi um êxito. Alguns casos felizes, assim como a reputação que ganhara no hospital, levaram-me a um rápido sucesso. Ao cabo de pouco mais de um ano fiz dele um homem rico.

Falei demais, sr. Holmes, a respeito do meu passado e das minhas relações com o sr. Blessington. Agora só me resta dizer o que ocorreu esta noite.

Há algumas semanas, o sr. Blessington veio falar comigo num estado de profunda agitação. Falou de um roubo que teria acontecido no West End. Declarou que tínhamos de pôr ferrolhos mais fortes nas nossas janelas e portas. Durante uma semana manteve-se neste estranho estado de inquietação, espiando continuamente pelas janelas e deixando de dar o seu curto passeio antes do jantar. Estava com um medo mortal de alguma coisa ou de alguém, mas quando o interroguei a esse respeito, ficou zangado. Gradualmente, os seus receios desapareceram, mas um novo acontecimento perturbou-o profundamente.

Recebeu, há dois dias, uma carta que vou ler. Não tem nem endereço, nem data.

Um russo nobre, que agora reside na Inglaterra, deseja utilizar a assistência profissional do dr. Trevelyan. Tem sido, há vários anos, vítima de ataques catalépticos. Ele deseja consultá-lo às seis e quinze de amanhã, se o dr. Trevelyan estiver na disposição de atendê-lo.

Esta carta me interessou muito, porque a principal dificuldade no estudo da catalepsia reside em serem raros os seus casos.

Tratava-se de um homem envelhecido, magro, modesto e comum — que não dava a menor idéia de um fidalgo russo. Contudo, o seu companheiro era um jovem alto, de belas feições, com uma constituição de Hércules, mas um pouco sombrio. Ajudou o outro a se sentar numa cadeira.

— O senhor há de perdoar a minha intrusão, doutor — prefaciou num inglês com uma pronúncia um pouco estranha. — Trata-se de meu pai, e sua saúde preocupa-me muito.

— Talvez gostasse de estar presente durante a consulta? — sugeri.

— De modo algum. É muito penoso ver o meu pai num desses acessos medonhos. O meu sistema nervoso é muito sensível. Se me permite, ficarei na sala de espera, enquanto estuda o caso de meu pai.

Concordei e o homem retirou-se. O paciente e eu iniciamos a discussão do caso. Não era inteligente. As respostas eram obscuras, o que atribuí à sua limitada familiaridade com a nossa língua. De repente, notei que estava muito hirto, sentado na cadeira, olhando-me com um semblante perturbado e rígido. Tratava-se de um acesso da sua misteriosa doença.

Observei o pulso e a temperatura do meu paciente, examinei a rigidez dos músculos e observei-lhe os reflexos. Não havia nada de anormal, e qualquer daqueles sintomas se harmonizava com as minhas primeiras experiências. Obtive bons resultados em tais casos pela inalação de nitrato de amido e pareceu-me boa oportunidade para experimentar nele este produto. A garrafa estava no meu laboratório, de modo que demorei um pouco para encontrá-la... Imagine o senhor o meu espanto ao retornar e encontrar o consultório vazio!

O meu primeiro instinto foi correr à sala de espera. O filho tinha também desaparecido. O criado que recebe os clientes é um rapaz novo e inexperiente, nada ouviu. O sr. Blessington regressou do seu passeio, mas eu nada lhe contei sobre o assunto, porque, para dizer a verdade, ultimamente tenho feito tudo para me comunicar o menos possível com ele.

Nunca pensei em voltar a ter notícias do russo e do filho. Portanto, pode imaginar qual não foi o meu espanto quando, à mesma hora nesta tarde, ambos entraram no meu consultório.

— Sinto que devo pedir desculpas pela minha partida tão repentina ontem, doutor — disse o doente.

— Confesso que fiquei muito surpreendido.

— Bem, a verdade é que, quando me liberto daqueles ataques, as minhas idéias ficam sempre confusas. Pareceu-me ter acordado numa sala estranha e saí para a rua numa espécie de sonambulismo.

— E eu — acrescentou o filho —, quando vi meu pai sair do consultório, pensei naturalmente que o exame médico tinha acabado. Só quando chegamos em casa foi que percebi o que aconteceu.

Durante uma hora e meia discuti com ele os sintomas do velho e depois vi os dois saírem de braços dados.

Já lhe disse que o sr. Blessington escolhe geralmente essa hora do dia para o seu passeio. Ele entrou logo a seguir e subiu. Um instante depois ouvi-o descer correndo e entrar no consultório aterrorizado.

— Quem esteve no meu quarto? — gritou.

— Ninguém — disse eu.

— É mentira! Venha cá e veja.

Não me importei com a grosseria, porque o homem parecia desvairado. Subindo aos seus aposentos, mostrou-me diversos rastos no tapete claro.

— Acha que são meus? — bradou.

Eram certamente muito maiores do que os que ele pudesse ter feito. Como o senhor sabe, choveu toda esta tarde e os meus pacientes tinham sido os únicos a aparecer. É caso para pensar que o filho do meu paciente tivesse subido ao aposento de Blessington enquanto eu estava ocupado com o pai. Nada fora roubado, mas a intrusão era um fato indiscutível.

O sr. Blessington pareceu mais excitado do que eu julgava possível. Sentou-se numa cadeira gritando, e foi com dificuldade que o levei a falar coerentemente. Vim procurá-lo, a conselho de Blessington, porque o incidente é na verdade singular, embora me pareça que ele exagere sua importância. Se quisesse aproveitar o meu coche, talvez o senhor possa acalmá-lo.

Sherlock Holmes ouviu esta narrativa com grande atenção. O seu rosto mostrava-se impassível como sempre, mas a fumaça do seu cachimbo exalava-se em espirais mais espessas. Depois saltou da cadeira e, passando-me o chapéu, enfiou o seu e seguiu o dr. Trevelyan até a porta. Fomos à residência do médico em Brook Street, que era uma casa sombria. Um criado de pequena estatura recebeu-nos e subimos logo a escada ampla e bem atapetada.

Mas um incidente obrigou-nos a parar. A luz foi apagada e, nas trevas, ouviu-se uma voz aguda e nervosa.

— Tenho uma pistola — avisou — e disparo em quem se aproximar.

— Isto começa a ser ultrajante, sr. Blessington — protestou o dr. Trevelyan.

— É o doutor? Mas quem são esses homens que o acompanham?

Depois de nos examinar, Blessington acalmou-se.

— Sim, sim, está bem. Podem subir.

Reacendeu o gás e vimos um homem cuja aparência, assim como a voz, demonstravam desequilíbrio nervoso. Era gordo, mas aparentemente devia ter sido ainda mais gordo. A pele caía-lhe do rosto em bolsas flácidas, como os beiços de um perdigueiro. Tinha um aspecto doentio e cabelos finos, cor de areia. Colocou a pistola no bolso, enquanto avançávamos.

— Boa noite, sr. Holmes — saudou. — Creia que lhe estou grato por ter vindo. Penso que o dr. Trevelyan já lhe falou desta intrusão injustificável nos meus aposentos...

— Exatamente. Quem são esses dois homens e por que vieram incomodá-lo?

— Bem, bem — disse sr. Blessington, nervoso. — Não posso dar-lhe uma resposta a esse respeito, sr. Holmes.

— Quer dizer que não sabe?

— Tenha a bondade de entrar — convidou.

Abriu caminho para o seu quarto, que era grande e confortavelmente mobiliado.

— O senhor vê aquilo? — disse, apontando para uma grande caixa preta na extremidade da sua cama. — Nunca fui muito rico, sr. Holmes, e nunca fiz senão um investimento na minha vida, como o dr. Trevelyan lhe deve ter explicado. Não tenho confiança nos banqueiros. O pouco que possuo está naquela caixa. O senhor pode compreender o que significa para mim quando qualquer pessoa desconhecida entra nos meus aposentos.

Holmes olhou para Blessington e abanou a cabeça.

— Não posso ser útil, se continua tentando me enganar — advertiu.

— Mas disse-lhe tudo.

Holmes voltou-lhe as costas, desgostosamente.

— Boa noite, dr. Trevelyan — despediu-se.

Um minuto depois regressávamos a nossa casa. Atravessamos a Oxford Street e já estávamos a meio caminho da Harley Street sem que eu conseguisse arrancar uma palavra do meu companheiro.

— Lamento tê-lo feito sair para uma missão tão tola, Watson — desculpou-se. — Mas, no fundo, é um caso realmente interessante.

— Confesso que não entendi...

— Bem, é claro que há dois homens... talvez mais, mas pelo menos dois, que estão resolvidos, por qualquer motivo, a apanhar esse Blessington. Não tenho a menor dúvida de que tanto na primeira como na segunda ocasião o jovem entrou no quarto de Blessington, enquanto o seu cúmplice, por meio de plano engenhoso, impediu o médico de interferir.

— E a catalepsia?

— Uma imitação fraudulenta, Watson, embora eu não ouse sugerir isso ao nosso especialista. É uma doença muito fácil de imitar. Eu próprio já a imitei.

— E então?

— Pela mais pura casualidade, Blessington estava ausente nessas ocasiões. A razão para escolherem uma hora tão incomum para uma consulta foi terem a certeza de que não haveria outro paciente na sala de espera. Entretanto, aconteceu justamente que essa hora coincidiu com o passeio habitual de Blessington, o que parece provar que não estavam muito familiarizados com os seus hábitos. Naturalmente, se a visita tivesse sido apenas para roubar, teria havido uma tentativa de busca. Além disso, posso ler nos olhos de um homem quando é pela sua própria pele que ele receia. É inconcebível que aquele indivíduo tivesse arranjado dois inimigos, vingativos como esses parecem, sem o saber. Portanto, sabe quem são os dois homens, mas, por razões particulares, não quer confessá-lo. É possível que amanhã o encontremos com uma disposição mais comunicativa.

— Não haverá outra hipótese? — sugeri. — Não podia essa história do russo cataléptico e do filho ser uma jogada do dr. Trevelyan que, para fins particulares, esteve nos aposentos de Blessington?

Vi, à luz do gás, que Holmes sorriu, divertido, ao ouvir a minha conjectura.

— Meu caro — respondeu —, foi uma das primeiras soluções que me ocorreram, mas logo pude confirmar a narrativa do médico. O jovem deixou marcas no tapete da escada, sendo, portanto, supérfluo pedir para ver as que tinha feito na sala. Quando eu lhe disser que os seus sapatos eram de bico chato, ao contrário dos de bico fino de Blessington, e eram uma polegada e um terço maiores que os do doutor, você reconhecerá que não pode haver dúvida quanto à sua identidade. Mas agora esperemos por novas notícias da Brook Street amanhã cedo.

A profecia de Sherlock Holmes cumpriu-se de maneira dramática. Às sete e meia da manhã seguinte vi-o ao lado da minha cama, de roupão.

— Há um coche à nossa espera, Watson.

— Que houve?

— O caso da Brook Street.

— Más notícias?

— Trágicas, mas ambíguas — respondeu. — Olhe para isto: uma folha de caderno com um apelo escrito a lápis: “Pelo amor de Deus, venha já. P. T.” O nosso doutor estava aflito quando escreveu este bilhete. Venha comigo, meu caro Watson, porque é uma chamada urgente.

Cerca de quinze minutos depois estávamos novamente na casa do médico. Este veio correndo ao nosso encontro, com uma expressão de horror.

— Oh! Que fatalidade! — exclamou, com as mãos na cabeça.

— Que aconteceu?

— Blessington suicidou-se.

Holmes soltou um assobio.

— É verdade! Enforcou-se durante a noite!

Tínhamos entrado, e o médico levou-nos até a sala de espera.

— Não sei o que fazer — exclamou. — A polícia já está lá em cima. Isto chocou-me terrivelmente.

— Quando o encontrou?

— A criada leva todas as manhãs uma xícara de chá para ele. Hoje, quando entrou, por volta das sete horas, lá estava o pobre homem enforcado no meio da sala. Amarrou a corda no gancho em que costumava pendurar o candeeiro grande. E saltou, naturalmente, de cima daquela caixa que ontem nos mostrou.

Holmes permaneceu por algum tempo refletindo.

— Se me dá licença — decidiu —, gostaria de ir lá em cima examinar o caso.

Subimos, seguidos pelo médico.

Deparamos com um quadro pavoroso ao entrar no quarto. Blessington, balançando no gancho, estava tão disforme que quase não parecia humano. Tinha o pescoço esticado como o de uma galinha depenada, tornando o resto obeso e antinatural por contraste. Estava apenas vestido com um comprido camisolão de dormir, e as suas ancas inchadas e os pés projetavam-se rígidos por debaixo dela. A seu lado estava um inspetor que tomava notas numa agenda.

— Ah! Holmes — saudou, quando o meu amigo entrou —, tenho prazer em vê-lo.

— Bom dia, Lanner — respondeu Holmes. — Não me considere um intruso. Já conhece os fatos que deram origem a este ato?

— Sim. Ouvi alguma coisa.

— Já formou uma opinião?

— Creio que o homem enlouqueceu de medo. A cama foi usada, como vê. Aqui está uma depressão bastante profunda. O senhor sabe que é mais

ou menos às cinco da manhã que os suicídios são mais freqüentes. Foi mais ou menos a essa hora que se enforcou. Parece ter sido um caso deliberado.

— Eu diria que morreu mais ou menos às três horas, a julgar pela rigidez dos músculos — observei.

— Viu alguma coisa de especial no quarto?— perguntou Holmes.

— Encontrei uma chave de fenda e alguns parafusos no lavatório. Também parece ter fumado muito durante a noite. Aqui estão quatro pontas de charutos, que retirei da lareira.

— Hum! — exclamou Holmes. — Encontrou a boquilha de Blessington?

— Não, não vi nenhuma.

— E a cigarreira?

— Sim. Estava no bolso do casaco.

Holmes, abrindo-a, cheirou o único charuto que continha.

— Oh! Este é um havana, e os outros são charutos daquela qualidade especial, importada pelos holandeses das suas colônias indianas. São usualmente enrolados em palha, como sabe, e mais finos em proporção ao seu comprimento do que qualquer outra marca — em seguida apanhou as quatro pontas e examinou-as com a sua lente.

— Dois deles foram fumados com uma boquilha, e dois, sem ela — declarou. — Dois foram cortados com uma faca não muito afiada, e têm as extremidades mordidas por uma excelente dentadura. Não é suicídio, sr. Lanner, é um assassinato bem planejado e a sangue-frio.

— Impossível! — espantou-se o inspetor.

— E por quê?

— Por que alguém iria matar um homem desta maneira tão sofisticada, assim, por enforcamento?

— É o que vamos descobrir.

— Como puderam entrar?

— Pela porta da frente.

— Ainda tinha a tranca, de manhã.

— Nesse caso a tranca foi posta depois.

— Como sabe?

— Vi os rastros deles. Desculpe-me, por um momento. Depois lhe darei mais informações a respeito do caso.

Foi à porta e, virando a fechadura, examinou-a. Então tirou a chave, que estava do lado de dentro, e observou-a também. A cama, o tapete, as cadeiras, a prateleira da lareira, o cadáver e a corda foram todos examinados cuidadosamente até que se declarou satisfeito. Com o meu auxílio e o do inspetor, retirou o corpo e colocou-o debaixo de um lençol.

— E esta corda? — perguntou.

— Foi cortada daqui — apontou Trevelyan, tirando um grande rolo de debaixo da cama. — Tinha um medo terrível de incêndios e guardou-a sempre a seu lado, para que pudesse fugir pela janela no caso de o fogo vir pela escada.

— Isto poupou-lhes dificuldades — disse Holmes pensativo. — Levarei esta fotografia de Blessington, que vejo na prateleira da lareira, pois pode me auxiliar nas investigações.

— Mas o senhor não nos disse nada! — exclamou o médico.

— Oh! Não pode haver dúvida quanto à sequência dos acontecimentos — replicou Holmes. — Eram três: o jovem, o velho e um terceiro de cuja identidade não tenho indícios. Os dois primeiros foram os mesmos que se mascararam de conde russo e seu filho. Foram introduzidos por um cúmplice de dentro de casa. Seria conveniente prender o criado que entrou recentemente ao seu serviço, doutor.

— Não sabemos onde está — informou Trevelyan. — A criada e a cozinheira estão procurando por ele.

Holmes encolheu os ombros.

— Ele foi cúmplice deste drama. Subiram os três a escada, na ponta dos pés, primeiro o mais velho, depois o mais jovem e por último o desconhecido...

— Meu caro Holmes! — admirei-me, incrédulo.

— Oh! Não pode haver dúvida quanto à sobreposição dos rastros. Tive a vantagem de aprender a reconhecê-los ontem à noite. Subiram ao quarto de Blessington, cuja porta encontraram trancada. Entretanto, com o auxílio de uma gazua, forçaram o trinco. Mesmo sem lente, o senhor pode notar os arranhões no mecanismo da fechadura, onde fizeram pressão.

Ao entrarem no quarto, o primeiro cuidado foi amordaçar o sr. Blessington. Podia estar dormindo, ou tão paralisado pelo terror que não pôde gritar. Essas paredes são muito grossas e é possível que os seus gritos não fossem ouvidos. Segurando-o, devem ter simulado um processo judicial.

Foi então que fumaram estes charutos. O velho sentou-se naquela cadeira de vime: foi ele que usou a boquilha. O mais jovem sentou-se ali; sacudiu a cinza na cômoda. O terceiro andou de um lado para o outro. Blessington ficou sentado na cama, mas não posso estar absolutamente certo disto. Acabaram por agarrar Blessington e enforcá-lo. A coisa foi tão bem planejada que creio que trouxeram com eles um cepo para suspender a forca. A chave de fenda e os parafusos eram destinados a fixá-lo. Entretanto, vendo o gancho, ficaram livres de dificuldades. Terminada a obra, saíram e a porta foi fechada pelo seu cúmplice.

O inspetor saiu para fazer um inquérito acerca do criado, ao passo que Holmes e eu voltamos à Baker Street para o café da manhã.

— Estarei de volta pelas três horas — anunciou, quando concluímos a refeição. — Tanto o inspetor como o médico poderão me encontrar aqui a essa hora, e espero que, nessa altura, eu já tenha esclarecido o pequeno mistério que o caso ainda apresenta.

As nossas visitas chegaram à hora marcada, mas foi às três e quarenta e cinco que o meu amigo apareceu. Entretanto, pela sua expressão, compreendi que tudo corra bem.

— Alguma notícia, inspetor?

— Prendemos o rapaz.

— Excelente. Eu consegui descobrir a identidade dos homens. Esse tal Blessington é muito conhecido no meio policial. Os seus nomes são: Biddle, Hayward e Moffat.

— Então, Blessington devia ser Sutton — deduziu o inspetor.

— Precisamente — confirmou Holmes.

— A quadrilha do Banco Worthingdon — completou o inspetor.

Trevelyan e eu olhamos um para o outro, confusos.

— Devem sem dúvida lembrar-se do assalto ao Banco Worthington — disse Holmes. — Eram cinco homens: esses quatro já citados e um quinto chamado Cartwright. Tobin, o guarda da casa, foi assassinado, e os ladrões fugiram com sete mil libras. Isto foi em 1875. Todos foram presos mas não houve provas conclusivas contra eles. Mas este Blessington, ou Sutton, que era o chefe da quadrilha, denunciou-os. Devido ao seu depoimento, Cartwright foi enforcado e os outros três pegaram quinze anos de prisão. Quando saíram, alguns anos antes de ter completado esse tempo, procuraram o traidor para vingar a morte do companheiro. Há mais alguma coisa que eu possa explicar, dr. Trevelyan?

— Creio que o senhor foi muito claro — disse o médico. — Não há dúvida de que Blessington ficou muito perturbado no dia em que leu, nos jornais, sobre a libertação dos presos.

— Exatamente. Falava, como mera evasiva, da possibilidade de ser roubado.

— Mas, por que não lhe disse a verdade, sr. Holmes?

— Bem, meu caro doutor, conhecendo o caráter vingativo dos seus antigos associados, tentava ocultar a sua própria identidade de todos. O seu segredo era vergonhoso e não podia revelá-lo. Entretanto, ainda vivia sob a proteção da lei britânica.

Tais foram as circunstâncias singulares do caso do paciente internado e do médico da Brook Street. Desde aquela noite a polícia nada mais soube dos três assassinos, e a Scotland Yard julga que eles estavam entre os passageiros do *Norah Creina*, que naufragou anos atrás sem deixar sobreviventes, nas costas portuguesas, algumas léguas ao norte da cidade do Porto. O processo contra o criado foi arquivado por falta de provas, e os jornais nunca mais se referiram ao crime da Brook Street.

O VAMPIRO DE SUSSEX

Holmes tinha lido atentamente um bilhete trazido pelo correio. Então, com um ruído seco da garganta que, em se tratando dele, era o que mais se aproximava do riso, mostrou-me o bilhete.

— Eis uma mescla do moderno e do medieval, do prático e do fantástico! O que você acha disso, Watson?

E li:

“46 Old Jewry, 19 de novembro

Assunto: vampiros

Prezado Senhor:

O nosso cliente, sr. Robert Ferguson, sócio da firma Ferguson & Muirhead, vendedores de chá, de Mincing Lane, em memorando desta

data, fez-nos uma consulta referente a vampiros. Como a nossa firma está apenas especializada na avaliação de maquinarias, o assunto da consulta está fora da nossa alçada. Por isso sugerimos ao sr. Ferguson que procurasse V. Exa. e lhe expusesse o caso. Não esqueçamos o triunfo por V. Exa. obtido no caso *Matilda Briggs*.

Com muita consideração apresentamos a V. Exa. os nossos cumprimentos.

Morrison, Morrison, And Dodd

E. J. C.

— *Matilda Briggs* não é nenhum nome de mulher, Watson — explicou Holmes. — Era um navio cuja sorte andou ligada à do gigantesco rato de Samatra, uma história para a qual a humanidade não se acha preparada. Mas, que sabemos nós acerca de vampiros? Não estará isso também fora da nossa alçada? Parece-me que fomos transportados para o mundo encantado onde se desenrolam as histórias de Grimm. Veja esse livro, Watson, na letra V.

Reclinei-me para trás e retirei da estante o grande volume a que ele se referia. Holmes equilibrou-o sobre o joelho e os seus olhos percorreram os seus antigos casos.

— Viagem do *Glória Scott* — leu alto. — Tenho uma vaga idéia de que você tomou alguns apontamentos sobre o caso, Watson, embora eu não me pudesse congratular pelo resultado obtido. Victor Lynch, o falsário. Veneno de lagarto ou o monstro gila. Caso notável esse! Vittoria, a beldade de circo. Vanderbiit e o assassino vagabundo... Víboras. Vigar, a maravilha de Hammersmith. Escute isto, Watson: Vampirismo na Hungria. E também vampiros na Transilvânia.

Folheou as páginas, mas, após uma rápida leitura, pôs o livro de lado com um gesto de desapontamento.

— Disparates, Watson! Que nos importam cadáveres ambulantes, que só podem ser mantidos no túmulo por estacas que lhes atravessam o coração? Pura loucura!

— Mas — observei — o vampiro não é necessariamente um morto, não é verdade? Sei de casos em que certos velhos sugavam o sangue dos moços para conservar a juventude.

— Você tem razão, Watson. Numa destas referências, isso vem mencionado. Mas vamos mesmo dar atenção a tais coisas? Esta agência tem grande reputação. Não precisamos recorrer a fantasmas. Receio que não possamos levar muito a sério esse sr. Robert Ferguson. É provável que esta carta tenha sido escrita por ele e traga alguma luz sobre o problema que o aflige.

Pegou numa segunda carta que estava em cima da mesa. Começou a ler, com um ar sorridente, mas esse sorriso deu gradualmente lugar a uma expressão de concentração. Terminada a leitura, ficou por algum tempo pensativo, com a carta esquecida entre as dedos. Finalmente, perguntou:

— Cheeseman's, Lamberley? Onde fica Lamberley, Watson?

— Fica no Sussex, a sul de Horsham.

— Não muito longe, hem? E Cheeseman's?

— Conheço a região, Holmes. Está cheia de casas antigas cujos nomes se relacionam aos homens que as construíram há séculos: Odley's e Xarvey's e Carriton's... Ninguém se lembra deles, mas os seus nomes permanecem nas propriedades.

— Precisamente — disse Holmes com frieza, pois, embora arquivasse no cérebro com grande rapidez qualquer nova informação, raramente manifestava agradecimento a quem o informava. — A carta é como eu esperava, de Robert Ferguson. A propósito, ele diz que o conhece.

— A mim?

— É melhor você ler o que é ela diz — entregou-me a carta.

Prezado sr. Holmes:

Escrevo-lhe a conselho dos meus advogados. Porém o assunto é tão melindroso que nem sei como abordá-lo. Diz respeito a um amigo que aqui represento. Esse cavalheiro casou-se, há uns cinco anos, com uma senhora peruana, filha de um negociante do Peru, que ele conheceu num negócio de importação de nitratos. A dama era muito formosa, mas a sua nacionalidade estrangeira e a sua religião diferente causaram uma separação de interesses e de sentimentos entre marido e mulher, de modo que depois de algum tempo o seu amor por ela talvez tenha esfriado, chegando provavelmente a considerar a sua

união como um erro. O meu amigo descobriu no caráter da esposa certos aspectos que nunca chegou a entender. Isto era tanto mais penoso quanto ela se mostrava imensamente apaixonada.

Depois, a mulher começou a manifestar algumas atitudes inteiramente alheias à sua índole, em geral delicada. O meu amigo foi casado duas vezes, e tem um filho do primeiro matrimônio. O rapazinho tem agora quinze anos e é um adolescente encantador, embora infelizmente tenha ficado aleijado, em consequência de um acidente que sofreu quando era criança. Por duas vezes a esposa foi surpreendida maltratando o pobre rapaz sem qualquer provocação da parte dele. Certa vez bateu-lhe com um pau, deixando-lhe um grande vergão num braço.

Isto, contudo, foi coisa sem importância em comparação com o procedimento dela para com o seu próprio filhinho, que ainda não conta um ano de idade. Em certa ocasião, há um mês, a criança ficou sozinha por alguns minutos, sem a companhia da ama. Esta, ouvindo um grito estridente provocado por dor aguda, voltou correndo para junto dele. Ao chegar ao quarto, viu a patroa inclinada sobre o bebê, aparentemente mordendo o pescoço da criança. Havia nesse ponto um pequeno ferimento do qual corria um filete de sangue. Ficou tão horrorizada que teve vontade de chamar o pai da criança, porém a senhora implorou-lhe que não o fizesse e deu-lhe cinco libras.

Contudo, o incidente causou uma terrível impressão no espírito da ama e, daí por diante, ela começou a observar a patroa com maior atenção e a vigiar mais de perto o bebê, a quem se afeiçoou. Constantemente protegia a criança, enquanto a mãe parecia estar à espreita, como o lobo esperando o cordeiro.

Chegou afinal o dia em que a ama não suportou mais a situação e contou o fato ao meu amigo. Ele sabia que a esposa era uma mulher amorosa e, excluindo as suas agressões contra o enteado, uma mãe carinhosa. Ele disse à ama que as suas suspeitas eram certamente infundadas e que não podia tolerar acusações contra a patroa. Enquanto conversavam, ouviu-se um grito pavoroso. Ama e patrão correram ao quarto do bebê e viram a esposa, de joelhos junto do berço, levantar-se rapidamente. Havia sangue no pescoço do bebê e sobre o lençol. O meu amigo virou o rosto de sua mulher para o lado da luz e viu sangue nos seus lábios.

É esta a atual situação do caso. Ela agora não sai do quarto. O marido anda desnortado. Vampirismo, aqui, na Inglaterra, no Sussex... Estará o senhor disposto a ajudar um homem desesperado? Em caso afirmativo, queira telegrafar para Ferguson, Cheeseman's, Lamberley, e por volta das dez horas eu estarei em sua casa. Com grande estima e apreço,

Robert Ferguson

P. S. — Creio que o seu amigo Watson jogou pelo Black-Heath quando eu era jogador do Richmond. É a única apresentação da minha pessoa que posso proporcionar.

— Claro que me lembro dele — confirmei ao largar a carta. — O enorme Bob Ferguson, o melhor jogador que o Richmond jamais teve. Foi sempre um sujeito de bom coração. Por isso, não admira que se preocupe com a aflição de um amigo.

Holmes olhou pensativo para mim e abanou a cabeça.

— Ainda não cheguei a compreender daquilo que você é capaz e daquilo que não é, Watson — disse ele. — Há na sua pessoa possibilidades inexploradas. Mande-lhe um telegrama. Investigarei com prazer o caso do seu amigo.

— O caso do *meu* amigo?

— Sim, pois não vamos consentir que ele pense que somos otários. É claro que o problema é dele. Mande-lhe o telegrama e deixe o assunto para amanhã.

No dia seguinte, precisamente às dez horas da manhã, Ferguson entrou no nosso apartamento. A lembrança que eu conservava dele era a de um homem alto e esguio, de membros ágeis capazes de enfrentar qualquer adversário. Agora eu estava perante a ruína de um belo atleta que conheci na flor da idade. O seu enorme tórax tinha decaído, o cabelo louro escasseava e os ombros estavam encurvados.

— Olá, Watson — saudou com voz ainda grave e cordial. — Você já não parece o mesmo homem que eu atirei por cima das cordas no meio da multidão no Old Deer Park. Creio que mudou um pouco. Porém eu

envelheci ainda mais nestes dois últimos dias. Vejo pelo seu telegrama, sr. Holmes, que é inútil fingir que represento outra pessoa.

— É mais simples tratar sem intermediário — observou Holmes.

— Não há dúvida. Mas deve calcular como é difícil falar da única mulher que temos obrigação de proteger. Como relatar à polícia uma história destas? Mas os pequenos têm de ser protegidos. Será um caso de loucura, sr. Holmes? Dê-me qualquer conselho, pois estou quase perdendo a cabeça.

— É muito natural, sr. Ferguson. Agora sente-se e acalme-se, responda-me com clareza. Antes, fale-me das providências que tomou. A sua mulher ainda se encontra junto das crianças?

— É uma mulher muito afetuosa, sr. Holmes. Sentiu profundamente a descoberta que fiz desse horrendo segredo. A única resposta que deu às minhas censuras foi me olhar com uma espécie de desespero selvagem. Depois foi para o seu quarto e fechou-se lá dentro. Desde então, recusa-se a me ver. Tem uma criada que já a servia antes do casamento: Dolores. Mais uma amiga do que uma criada. É quem lhe leva as refeições no quarto.

— Então a criança não se acha em perigo imediato?

— A sra. Mason, a ama, jurou que não a abandonará, nem de dia nem de noite. Merece minha absoluta confiança. Mas me preocupo com o pequeno Jack, que foi duas vezes agredido por minha mulher.

— Mas nunca foi ferido?

— Não. Ela bateu nele sem piedade e ainda mais por se tratar de um inofensivo aleijadinho, em resultado de uma queda que lhe causou um defeito na coluna. Mas ele tem um coração terno e afetivo.

Holmes pegara a carta da véspera e inquireu:

— Quantas pessoas há em sua casa, sr. Ferguson?

— Duas criadas que estão lá há pouco tempo. Um moço chamado Michael, cocheiro, que dorme em casa. Minha mulher, eu, o meu Jack, o bebê, Dolores e a sra. Mason.

— Pelo que entendi, o senhor não conhecia bem a sua mulher quando se casou.

— Conheci-a algumas semanas antes do casamento.

— Há quanto tempo essa criada, Dolores, estava com ela?

— Há alguns anos.

— Nesse caso, já devia conhecer a índole de sua mulher melhor do que o senhor, não é verdade?

— Sim, é provável.

Holmes tomou um apontamento.

— Julgo poder ser mais útil em Lamberley do que aqui. O caso é essencialmente de investigação pessoal. Se a senhora permanece no quarto, a nossa presença decerto não a molestará. Nós ficaremos na estalagem.

Ferguson teve um gesto de alívio.

— É o que eu esperava, sr. Holmes. Há um trem que parte da estação de Victoria, às duas horas.

— Tenho agora algum tempo livre e posso dedicar ao seu caso todas as minhas energias. Watson sem dúvida vai conosco. Há, porém, um ou dois pontos sobre os quais desejo ter mais certezas antes de partirmos. Segundo compreendi, a infeliz senhora foi vista agredindo as crianças, a dela e o seu filho, não?

— Exatamente.

— Mas os ataques tomam formas diferentes, não é verdade? Ela bateu no seu filho.

— Uma vez com um pau e outra com as mãos.

— E não explicou por que fez isso?

— Não. Disse apenas que o odiava. Disse isso repetidas vezes.

— Bem, não é coisa rara nas madrastas. Chamaríamos a isso ciúme póstumo. A senhora é de natureza ciumenta?

— Muito ciumenta, devido ao seu temperamento tropical.

— Mas o rapazinho tem quinze anos, e uma inteligência muito desenvolvida, já que ficou prejudicado fisicamente no seu desenvolvimento. Ele não lhe deu nenhuma explicação a respeito dos ataques de que foi vítima?

— Não. Declarou simplesmente que não havia razão para ser punido.

— Antes disso eram afetuosos, um com o outro?

— Não. Nunca houve afeição entre os dois.

— Contudo, o senhor diz que ele é afetivo.

— Jamais houve filho mais afeiçoado. Interessa-se extraordinariamente por tudo o que digo ou faço.

Holmes tornou a tomar nota.

— O senhor e o menino eram sem dúvida muito amigos antes do segundo matrimônio. A solidão uniu-os muito, não é assim?

— Certamente.

— E o menino, tendo uma índole tão afetuosa, com toda certeza era devotado à memória de sua mãe, não é verdade?

— Muito devotado.

— Parece realmente ser uma criança muito interessante. Mais um esclarecimento a propósito desses ataques. Coincidiam, no tempo, essas estranhas agressões contra o bebê e o ataque contra o seu filho?

— Sim, no primeiro caso. Era como se ela se sentisse forçada a descarregar a sua raiva sobre ambos. No segundo caso, foi apenas Jack a vítima.

— Isso vem complicar o caso.

— Por que, sr. Holmes?

— Somente direi que o seu problema, nesta primeira fase, não me parece insolúvel e que certamente nos encontraremos na Estação Victoria às duas horas.

Era uma tarde nebulosa de novembro. Depois de deixarmos a nossa bagagem no Ao Tabuleiro de Xadrez, em Lamberley, a nossa carruagem entrou numa estrada sinuosa onde se notava a argila do Sussex. Finalmente chegamos à isolada casa de fazenda em que Ferguson morava. Era uma construção enorme e irregular, muito velha no centro, muito nova nas alas, com altas chaminés da época dos Tudor e com um telhado de lajes de Horsham, em bico e manchado de líquens. Os degraus da soleira estavam gastos, e os antigos que forravam o vestíbulo tinham uma marca ideográfica, representando um queijo e um homem: a sigla do primitivo construtor⁽³⁾. No interior, as pesadas vigas de carvalho davam aos tetos um aspecto ondulado, e os soalhos, irregulares, formavam curvas sensíveis. Um cheiro de decrepitude desprendia-se de todo o prédio em ruínas.

Havia uma sala central muito espaçosa para a qual Ferguson nos conduziu. Ali, numa imensa lareira antiga com um resguardo de ferro, onde se lia a data de 1670, ardia uma esplêndida fogueira cuja lenha crepitava.

⁽³⁾ A marca ideográfica representava o nome *Cheeseman*, que em inglês significa: *cheese*: queijo, e *man*: homem. (N. do T.)

O aposento era uma mistura singular de datas e de lugares. As paredes almofadadas deviam ter pertencido ao primitivo proprietário rural do século XVII. Eram, contudo, ornadas, na parte inferior, com aquarelas modernas, ao passo que, em cima, onde o estuque amarelo substituíra o carvalho, estava suspensa uma bela coleção de armas e utensílios sul-americanos, que sem dúvida tinham sido trazidos pela senhora peruana. Holmes começou a examiná-los com cuidado.

— Olá! — gritou o dono a casa. — Venha aqui!

Um cãozinho, que estava deitado num cesto ao canto, veio vagarosamente na direção do dono. Caminhava com dificuldade. As pernas traseiras moviam-se irregularmente e o rabo arrastava-se pelo chão. Lambeu a mão de Ferguson. Holmes acompanhou a cena com curiosidade.

— O que é, sr. Holmes?

— O cão. Que tem ele?

— Não sabemos. O veterinário ficou perplexo. É uma espécie de paralisia dorsal. Mas em breve estará bom, não é verdade, Carlo?

A cauda pendente foi sacudida por um tremor equivalente a uma aprovação. Os olhos pálidos do animal indicavam perceber que discutíamos o seu caso.

— Isto sobreveio repentinamente?

— Numa única noite.

— Há quanto tempo?

— Há quatro meses.

— Muito sugestivo.

— Por que, sr. Holmes?

— Uma confirmação do que eu já pensava.

— Por amor de Deus, diga-me o que pensa, sr. Holmes. Minha mulher é uma assassina virtual... o meu filhinho está em constante perigo? Não brinque comigo, porque o assunto é demasiado sério!

O antigo jogador tremia dos pés à cabeça. Holmes pôs brandamente a mão sobre o braço de Ferguson e lhe disse:

— Temo que vá sofrer, sr. Ferguson, seja qual for a solução — respondeu.

— De momento não posso dizer mais; porém, antes de deixar esta casa é possível que disponha de alguns dados mais positivos.

— Deus queira! Desculpem-me agora, mas vou ao quarto de minha mulher para ver se houve alguma mudança.

Quando o dono da casa voltou, via-se claramente na sua expressão abatida que não fizera qualquer progresso. Acompanhava-o uma jovem morena, alta e esbelta.

— O chá está pronto, Dolores? — perguntou Ferguson. — Não deixe que falte nada à sua patroa.

— Ela está muito doente — retrucou a jovem, olhando para o patrão com olhos indignados. — Não quer comer. Está muito doente. Precisa de médico. Tenho medo de ficar sozinha com ela, sem um médico.

Ferguson dirigiu-me um olhar quase de súplica.

— Teria grande prazer se pudesse ser útil, dr. Watson.

— Eu o levo lá — disse Dolores sem pedir licença. — Ela precisa de médico.

— Nesse caso, vamos imediatamente.

A jovem tremia de emoção. Subi com ela a escada e depois tomamos um corredor antigo ao fim do qual havia uma porta maciça chapeada de ferro. Veio-me à idéia que, se Ferguson tentasse entrar à força no aposento da esposa, isso não lhe seria fácil. A moça tirou uma chave do bolso, e as pesadas pranchas de carvalho rangeram nas velhas dobradiças. Entrei e ela seguiu-me, fechando a porta imediatamente.

Na cama jazia uma mulher que evidentemente tinha muita febre. Estava apenas meio acordada, mas, mal entrei, ergueu os olhos e fitou-me apreensivamente. Quando percebeu que se tratava de um estranho, pareceu tranquilizar-se e, com um suspiro de alívio, deixou-se cair sobre o travesseiro. Aproximei-me dela dizendo algumas palavras de conforto, e a enferma permaneceu imóvel enquanto eu lhe tomava o pulso e a temperatura. Estava realmente febril, mas a minha impressão era de que se tratava mais de excitação mental e nervosa do que de uma enfermidade real.

A mulher voltou para mim o belo rosto e indagou:

— Onde está o meu marido?

— Está lá embaixo e deseja vê-la.

— Mas eu não quero vê-lo. É meu inimigo! Não é meu marido!

— Posso ajudá-la de alguma maneira?

— Não. Ninguém pode ajudar-me. Tudo está destruído!

Aquela mulher devia ser vítima de uma alucinação. Não me era possível pensar no honrado Bob Ferguson como inimigo da mulher.

— Minha senhora — objetei —, o seu marido dedica-lhe o maior afeto. Está profundamente penalizado com o que sucedeu.

— Ele me ama e eu também o amo, a ponto de preferir me sacrificar a destruir-lhe o coração. Contudo, foi capaz de pensar mal de mim!

— Ele está cheio de mágoa e não consegue compreender...

— Não consegue compreender, mas devia ter confiança em mim.

— Não quer vê-lo? — sugeri.

— Não! Não me esqueço das terríveis palavras que me dirigiu. Agora pode retirar-se. O senhor nada pode fazer por mim. Diga-lhe somente uma coisa: quero o meu filho. Tenho o direito a ele. É o único recado que lhe mando.

Dito isso, virou-se para a parede e nada mais acrescentou.

Desci a escada e voltei para a sala onde Ferguson e Holmes ainda permaneciam sentados, junto da lareira. Ferguson escutou compungido o relato da entrevista.

— Como posso mandar a criança? — protestou. — Sei lá se a invade de repente algum estranho impulso? Como poderei esquecer a cena em que a vi com o sangue do nosso filhinho na boca? Com a sra. Mason a criança está segura e é com ela que deve ficar.

Uma mocinha elegante, a única coisa moderna que tínhamos visto na casa, trouxe o chá. Enquanto o servia, a porta se abriu e entrou um jovem de semblante pálido e cabelos louros, com olhos azul-claros nos quais cintilou uma centelha de alegria quando fitou o pai. Abraçou-o com a ternura de um jovem amoroso.

— Olá, papai! Não sabia que já tinha chegado!

Ferguson desembaraçou-se brandamente do abraço.

— Meu querido — disse, afagando a cabeça do filho. — Vim mais cedo porque consegui convencer estes meus amigos, o sr. Holmes e o dr. Watson, a passarem uma noite conosco.

— Este é o sr. Holmes, o detetive?

— Sim.

O jovem lançou-nos um olhar penetrante e, segundo me pareceu, pouco amistoso.

— E o seu outro filho, sr. Ferguson? — indagou Holmes. — Podemos conhecê-lo?

— Diga à sra. Mason que traga o bebê — ordenou Ferguson.

O rapaz saiu, arrastando a perna. Voltou pouco depois e atrás dele vinha uma mulher alta e magra, trazendo nos braços uma linda criança de olhos negros e cabelos dourados, admirável mistura do saxão com o latino. Era evidente o afeto que Ferguson lhe dedicava, pois pegou-a no colo, carinhosamente.

— É preciso coragem para magoar um ser tão pequenino! — disse, entre dentes, ao mesmo tempo que olhava para a marca vermelha que se via na garganta da criança.

Olhei para Holmes e notei que prestava muita atenção, demonstrando curiosidade, em qualquer coisa que se encontrava do outro lado do aposento ou, pela janela, no jardim melancólico. Então sorriu e os seus olhos tornaram a pousar no pescocinho do bebê. Sem dizer nenhuma palavra, Holmes examinou-o com cuidado. Finalmente agitou um dos punhozinhos roliços que se mexiam na sua frente.

— Então, que é isso, meu homenzinho? Ainda mal entrou no mundo e já quer sofrer? Sra. Mason, eu desejava dar-lhe uma palavrinha em particular.

Conversaram um pouco afastados alguns minutos. Só ouvi as últimas palavras:

— A sua preocupação vai acabar em breve, segundo espero.

A mulher, que parecia azeda e calada, afastou-se com a criança.

— Como é a sra. Mason? — perguntou Holmes a Ferguson.

— Não é muito simpática, como vê, mas tem um coração de ouro e é muito dedicada à criança.

— Você gosta dela, Jack? — inquiriu Holmes, voltando-se de repente para o adolescente.

O rosto dele sombreou-se, e abanou a cabeça negativamente.

— Jack tem fortes simpatias e antipatias — explicou Ferguson. — Felizmente sou uma das suas simpatias.

O bebê resmungou e escondeu a cabeça no peito do pai. Ferguson, com brandura, desembaraçou-se dele, entregando-o à babá. Ficou observando o filho até ele desaparecer e depois indagou:

— Acha o caso muito complexo, sr. Holmes?

— Não o achei assim tão complexo. Foi um caso para dedução intelectual, mas, quando esta é confirmada por um bom número de fatos independentes, o que é subjetivo passa a ser objetivo, e podemos dizer confiadamente que atingimos o nosso alvo. Na realidade, eu o atingira já antes de sairmos da Baker Street, sendo o resto mera confirmação.

Ferguson pôs a enorme mão na testa enrugada.

— Por caridade, Holmes, não me deixe mais tempo na incerteza. Que devo fazer?

— Devo-lhe uma explicação e o senhor a terá. Diga-me, Watson, a senhora acha-se em condições de receber-nos?

— Está febril, mas no seu perfeito juízo.

— Muito bem. Subamos ao seu quarto.

— Ela não quer me ver — objetou Ferguson.

— Vai vê-lo, sim — disse Holmes, escrevendo alguma coisa numa folha de papel. — Pelo menos você, Watson, pode entrar lá. Quer entregar-lhe este bilhete?

Tornei a subir e entreguei o papel a Dolores que abriu cautelosamente a porta. Um minuto depois soou lá dentro um grito que parecia de alegria e de surpresa. Dolores veio anunciar:

— A senhora vai recebê-los.

Quando os chamei, Ferguson e Holmes subiram. Ao entrarmos no quarto, Ferguson deu alguns passos na direção da mulher, mas esta levantou a mão para detê-lo. O homem afundou-se, sucumbido, numa cadeira de braços, enquanto Holmes se sentava a seu lado, depois dirigiu um leve cumprimento à dama, que o observou com espanto.

— Creio que podemos dispensar Dolores — sugeriu Holmes. — Mas, se prefere que ela fique, não ponho objeção. E agora, sr. Ferguson, como sou um homem de métodos diretos, começo lhe dizendo algo que o confortará: sua esposa é uma mulher muito boa, muito amorosa e muito maltratada.

Ferguson soergueu-se da cadeira com alívio.

— Pode isentar minha mulher de qualquer responsabilidade?

— Deixe-me explicar o raciocínio que passou pelo meu espírito na Baker Street. A idéia de um vampiro era para mim absurda, mas a sua observação foi exata. O senhor viu realmente sua esposa levantar-se de junto do berço da criança com sangue nos lábios.

— Sem dúvida alguma!

— Não lhe ocorreu que uma ferida que sangra pode ser sugada com outro fim que não seja o de beber o sangue? Não houve até uma rainha na história da Inglaterra que sugou uma ferida para extrair o veneno?

— Veneno?

— Estamos numa casa sul-americana. O meu instinto sentiu a presença dessas armas na parede antes que os meus olhos as vissem. Podia ter sido outro veneno, mas foi isso que me ocorreu. Quando vi aquela pequena aljava cheia de flechas ao lado do arco, pensei que, se a criança tivesse sido atingida por uma dessas flechas embebidas em curare ou qualquer outro ingrediente venenoso, infernal, morreria se este não fosse logo sugado.

E o cão? Se alguém ia usar tal veneno, não o experimentaria primeiro, para se certificar de que a terrível droga não perdera a sua eficácia? Eu não sabia da existência do cão, mas pelo menos ele se enquadrou perfeitamente na minha reconstituição. Compreende agora? Sua mulher temia um desses ataques. Viu-o realizado e salvou a vida da criança. No entanto, não quis contar-lhe a verdade, porque sabia que o senhor ama o seu filho Jack e receava magoá-lo.

— Jack?!

— Ainda há pouco observei a expressão dele enquanto o senhor fazia festas ao bebê. O seu rosto refletia-se no vidro da janela e notei um profundo ciúme e ódio.

— O meu Jack!

— Tem de ter coragem, sr. Ferguson. E o que impeliu Jack para uma tal ação foi um amor deformado, um amor exagerado para com o senhor e provavelmente para com a falecida mãe.

— Santo Deus! Mas é incrível!

— Acertei, minha senhora?

A sra. Ferguson soluçava, com o rosto enterrado nas almofadas. Então virou-se para o marido:

— Como eu poderia contar-lhe isto, Bob? Preferi esperar que soubesse por outra pessoa.

— Creio que seria melhor o jovem Jack passar um ano na Marinha — sugeriu Holmes, erguendo-se. — Apenas uma coisa ainda está envolta em mistério, minha senhora. Podemos perfeitamente entender a sua agressão

ao jovem Jack. A paciência de uma mãe tem limites. Mas como teve coragem de abandonar o bebê, nos dois últimos dias?

— Conte tudo à sra. Mason. Ela estava a par do sucedido.

Ferguson estava ao pé do leito, com as mãos estendidas.

— É hora de irmos embora, Watson — segredou Holmes. — Se você pegar num dos cotovelos da fidelíssima Dolores, eu pegarei no outro.

E acrescentou, fechando a porta depois de sairmos:

— Vamos deixá-los decidir o resto entre si.

Tenho apenas mais um apontamento acerca deste caso. É a carta que Holmes escreveu em resposta àquela com que se iniciou a presente narrativa.

Baker Street

21 de novembro

Assunto: vampiros

Prezados Senhores,

Com referência à vossa carta de 19 do corrente, informo que me interessei vivamente pela questão proposta pelo vosso cliente, sr. Robert Ferguson, da firma Ferguson & Muirhead, vendedores de chá, de Mincing Lane, e que o assunto foi resolvido satisfatoriamente. Com os meus agradecimentos pela recomendação de V. Exa., apresento os meus melhores cumprimentos.

Sherlock Holmes

O ENIGMA DE REIGATE

O presente caso ocorreu um pouco antes de o meu amigo Sherlock Holmes se restabelecer de uma enfermidade causada pelos esforços dispendidos na primavera de 1887. Constituiria tema apropriado a esta série de compilações o caso da Netherland-Sumatra Company e dos colossais projetos do barão Maupertuis, mas está tão recente na memória do público e tão intimamente relacionada com a política e as finanças que seria melhor omiti-la. Contudo, constituiu um problema complexo e singular que deu ao meu amigo uma oportunidade de demonstrar o valor de uma nova arma contra o crime.

Recorrendo às minhas notas, verifico que foi no dia 14 de abril que recebi um telegrama de Lion, França, informando-me de que Holmes se encontrava doente, na cama, no Hotel Dulong. Vinte e quatro horas depois estava eu no seu quarto. Fiquei aliviado ao verificar que nada tinha de grave. Porém, a sua constituição de ferro ficou abalada com o esforço da investigação que se arrastou por dois meses. Durante esse período nunca trabalhou menos de quinze horas por dia, e, mais de uma vez, por cinco dias consecutivos. O triunfo da investigação não pôde evitar a reação a tão terrível esforço. E, quando toda a Europa repetia o seu nome e o seu quarto se achava literalmente atulhado de telegramas de congratulações, encontrei-o dominado por uma terrível depressão. Até o reconhecimento de que havia triunfado onde a polícia de três países havia fracassado e de que tinha suplantado o mais astuto fraudador da Europa, não foi suficiente para fazê-lo reagir contra aquela prostração nervosa.

Três dias depois estávamos de volta à Baker Street. Era evidente que meu amigo melhoraria muito com a mudança de clima. Para mim a idéia de uma semana de primavera no interior da Inglaterra era sedutora. O meu velho amigo coronel Hayter, que esteve entregue aos meus cuidados profissionais no Afeganistão, e que recentemente arranjava uma casa perto de Reigate, no Surrey, convidava-me com frequência a lhe fazer uma visita. Da última vez, acrescentou que, se o meu amigo quisesse me acompanhar, teria o maior prazer em recebê-lo. Contudo, foi necessário um pouco de diplomacia. Só quando Holmes soube que se tratava da casa de um homem solteiro e que lhe seria permitida plena e inteira liberdade, concordou com os meus planos. Uma semana depois do nosso regresso de Lion, estávamos na casa do coronel.

Hayter era um excelente veterano, de fino trato, que correu o mundo. Descobriu logo que Holmes e ele tinham muita coisa em comum.

Na noite da nossa chegada, após o jantar, sentamos na sala de armas do coronel. Holmes estirou-se sobre o sofá. Eu e Hayter examinávamos o seu pequeno arsenal.

— A propósito — disse-me Hayter —, vou levar uma dessas pistolas lá para cima, para a hipótese de um assalto.

— Um assalto! — admirei-me.

— Sim. Ultimamente andamos assustados nesta zona. O velho Acton, que é um dos grandes proprietários do nosso condado, teve a casa arrombada na última segunda-feira. Não houve grande prejuízo, mas os gatunos ainda andam por aí à solta.

— Nenhum indício? — perguntou Holmes, olhando de soslaio para o coronel.

— Nenhum até agora. Mas o caso é insignificante. Um pequeno crime de província. Aliás, demasiado pequeno para merecer a sua atenção, sr. Holmes, depois daquele grande caso internacional.

Holmes fez um gesto recusando o elogio, embora o seu sorriso manifestasse agrado.

— O que aconteceu?

— Os ladrões saquearam a biblioteca, mas pouco conseguiram levar. As gavetas e os armários foram arrombados, desaparecendo um volume de Homero, tradução de Pope, dois candelabros de prata, um peso de papéis de marfim, um pequeno barômetro de carvalho e um rolo de barbante.

— Que extraordinário conjunto! — exclamei.

— Evidentemente, levaram tudo o que puderam apanhar.

Holmes resmungou do sofá:

— A polícia do condado precisava investigar isso — observou.

— É evidente que. . .

Levantei o dedo em sinal de advertência:

— Meu caro, você está aqui para descansar. Pelo amor de Deus, não se meta em outro problema, quando ainda tem os nervos abalados.

Holmes encolheu os ombros com cômica resignação, e a conversa enveredou por caminhos menos arriscados.

Contudo, todo o meu cuidado foi tempo perdido, porque na manhã seguinte o problema nos foi imposto de maneira tal que seria impossível ignorá-lo. E a nossa estada na província tomou um rumo que nenhum de nós podia prever. Tomávamos o café da manhã quando o mordomo do coronel entrou na sala, sem cerimônia.

— Ouviu as notícias, senhor?! — ofegou. — Nos Cunningham, senhor!

— Roubo? — indagou o coronel, com a xícara de café a caminho da boca.

— Assassinato!

O coronel assobiou.

— Meu Deus! Quem morreu? O juiz de paz ou o filho?

— Nenhum deles, senhor. Foi William, o cocheiro. Alvejaram-no no coração e morreu na hora.

— Quem o alvejou?

— O ladrão, senhor. Apesar de baleado, desapareceu. Entrou pela janela da copa. Quando William tentou agarrá-lo, foi morto na defesa da propriedade do seu patrão.

— Quando aconteceu isso?

— Na noite passada, por volta da meia-noite.

— Bem, vamos lá imediatamente — decidiu o coronel, recomeçando a tomar o café. — É um caso sujo — acrescentou depois de o mordomo sair. — O velho Cunningham é uma pessoa muito decente. Isto vai afligi-lo bastante, porque o homem estava ao seu serviço há muitos anos e era um ótimo empregado. Evidentemente, deve tratar-se do mesmo assaltante que entrou em casa de Acton.

— E roubou aquela estranha coleção? — perguntou Holmes pensativo.

— Exatamente.

— Hum! A questão pode ser simples. Porém, à primeira vista, é bastante curioso! Era de esperar que um bando de ladrões, agindo na província, variasse a cena das suas operações e não fizesse dois assaltos no mesmo distrito, em poucos dias. Quando o senhor, na noite passada, falou em tomar precauções, lembro-me de que me passou pela cabeça que este provavelmente seria o último lugar da Inglaterra a que os ladrões dedicassem a sua atenção. Pelo visto ainda tenho muito que aprender.

— Deve tratar-se de qualquer profissional da região — considerou o coronel. — Nesse caso, as casas de Acton e de Cunningham eram exatamente as que podiam lhe interessar, pois são as maiores que há por aqui.

— E são eles os mais ricos?

— Devem ser, mas tiveram um processo judicial, durante alguns anos, que esvaziou seus cofres. Parece que o velho Acton tem direito a metade das propriedades do Cunningham, e os advogados se agarraram a isso com ambas as mãos.

— Se o ladrão for daqui, não será difícil caçá-lo — disse Holmes com um bocejo. — Neste caso, Watson, não tenciono intrometer-me.

Então, o mordomo, abrindo a porta, anunciou o inspetor Forrester. Entrou o oficial, que era jovem e de fisionomia inteligente.

— Bom dia, coronel. Não queria incomodá-lo, mas ouvi dizer que o sr. Sherlock Holmes estava aqui.

O coronel fez um gesto com a mão, em direção ao meu amigo, e o inspetor fez uma reverência.

— Pensamos que talvez o senhor quisesse intervir.

— O destino está contra mim, Watson — comentou Holmes, rindo. — Estávamos conversando sobre o assunto quando o senhor entrou — acrescentou para o inspetor. — Talvez possa nos dar alguns pormenores.

O jovem oficial informou:

— Não tínhamos nenhum indício no caso de Acton. Porém, neste, temos uma série deles, e não há dúvida de que foi a mesma quadrilha que assaltou ambas as casas. O homem foi visto.

— Ah!

— Sim, senhor. Mas, após o tiro que matou o pobre William Kirwan, o ladrão fugiu. O sr. Cunningham o viu da janela do quarto, e o sr. Alec Cunningham o viu do corredor do fundo. Faltavam quinze minutos para a meia-noite quando soou o alarme. O sr. Cunningham acabava de se deitar, e o sr. Alec estava fumando cachimbo no seu quarto de vestir. Ambos ouviram William, o cocheiro, gritar por socorro. O sr. Alec desceu correndo para ver o que era. A porta do fundo estava aberta e, quando chegou ao pé da escada, viu dois homens lutando do lado de fora. Um deles disparou um tiro, o outro caiu, e o assassino correu através do jardim e pulou a cerca. O sr. Cunningham, olhando pela janela do seu quarto, viu o indivíduo quando

este chegava à estrada, mas logo o perdeu de vista. O sr. Alec abaixou-se para ver se podia prestar auxílio ao moribundo e, com isso, o bandido fugiu. Além do fato de que era um homem de estatura média e vestido de preto, não temos qualquer outro indício pessoal.

— O que William estava fazendo ali? Disse alguma coisa, antes de morrer?

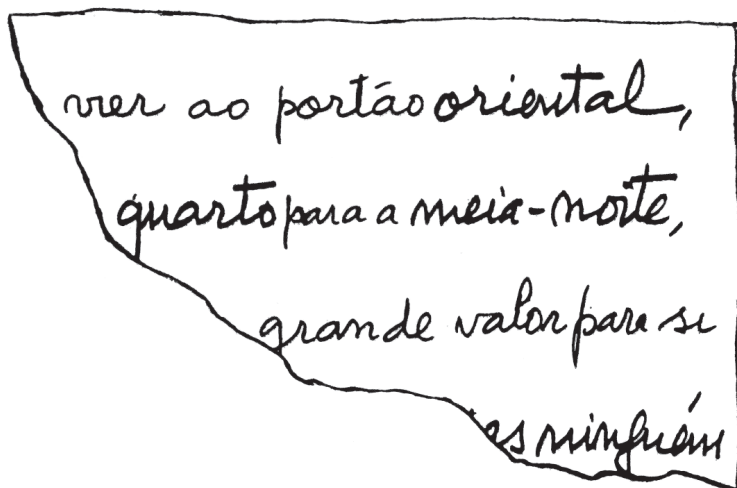
— Nem uma palavra. Morava na casa do guarda, com a mãe. Supomos que foi à casa com a intenção de ver se tudo estava bem. Como é natural, o caso de Acton deixou todos alarmados. O ladrão acabava de arrombar a porta, pois a fechadura tinha sido forçada, quando William o apanhou.

— William disse alguma coisa à mãe, antes de sair?

— Ela é muito velha e surda. Não pudemos arrancar-lhe qualquer informação. O choque deixou-a demente. Nunca foi lúcida. Contudo temos um elemento importante. Olhem para isto!

Tirou de uma agenda um pedaço de papel rasgado, que alisou sobre o joelho.

— Isto foi encontrado entre o indicador e o polegar do morto. Parece um fragmento de uma folha grande. O senhor verá que a hora aqui mencionada é a mesma em que o rapaz foi morto. Pode-se supor que o assassino tem a outra parte da folha. Parece uma marcação de encontro.



Holmes pegou o pedaço de papel rasgado e leu:

— Admitindo-se que se tratasse de um encontro combinado — continuou o inspetor —, então esse William Kirwan, embora tivesse uma reputação de

homem honesto, podia ter qualquer ligação com o gatuno. Podia até ter auxiliado o ladrão a arrombar a porta. Depois, teriam discutido.

— Este papel tem muito interesse — comentou Holmes, examinando-o. — O caso é muito mais complexo do que pensei — e meteu a cabeça entre as mãos.

O inspetor riu do efeito que o papel tinha produzido no famoso especialista londrino.

— A sua última observação — disse Holmes no mesmo instante —, quanto à possibilidade de ter havido um entendimento entre o ladrão e o empregado e de ser esta uma nota de compromisso entre ambos, é uma suposição pertinente. Porém este escrito começa... — e mergulhou novamente a cabeça entre as mãos, permanecendo pensativo por alguns instantes. Quando levantou o rosto, fiquei surpreso por ver que tinha as faces coradas e os olhos brilhantes, como antes da sua doença. E, em seguida, levantou-se com toda a sua energia recuperada.

— Gostaria de examinar os pormenores deste caso que me fascina. Se me permitir, coronel, deixarei aqui o meu amigo Watson e irei com o inspetor para verificar uma fantasia minha. Estarei novamente com vocês dentro de meia hora.

Passava já de uma hora e meia quando o inspetor voltou sozinho.

— O sr. Holmes anda para baixo e para cima no terreno em volta da casa — informou. — E nos pede para irmos encontrá-lo lá.

— Na casa de Cunningham?

— Exatamente.

— Para quê?

O inspetor encolheu os ombros.

— Não sei. Penso que o sr. Holmes ainda não se restabeleceu completamente. Tem-se conduzido de modo muito estranho e mostra-se muito excitado.

Encontramos Holmes andando de um lado para o outro, com o queixo apoiado no peito e as mãos metidas nos bolsos das calças.

— O caso tem interesse, Watson — comentou. — Esta sua excursão ao campo foi um êxito. Estamos passando uma manhã encantadora.

— O senhor já esteve no local do crime? — sondou o coronel.

— Sim. O inspetor e eu já fizemos um reconhecimento.

— Algum resultado?

— Vimos coisas interessantes. Primeiro examinamos o corpo do homem. Morreu em consequência de um ferimento de revólver.

— O senhor tinha dúvidas a esse respeito?

— É sempre bom comprovar tudo. Entrevistamos o sr. Cunningham e o filho, que mostraram o lugar exato onde o ladrão saltou por cima da cerca do jardim. Em seguida, fomos ver a mãe do rapaz. Por mais que nos esforçássemos, não pudemos obter nenhuma informação, porque é muito velha e tonta.

— E qual o resultado das suas investigações? — perguntei.

— É um crime de fato peculiar. Creio que o inspetor e eu estamos perfeitamente de acordo quanto ao fragmento de papel na mão do morto, indicando a hora exata da sua morte, ser de extrema importância. Quem quer que tenha escrito a carta, foi a razão que levou William Kirwan a se levantar da cama àquela hora. Mas onde está o resto dessa folha de papel?

— Examinei o chão com todo o cuidado, na esperança de encontrá-lo — disse o inspetor.

— Foi rasgada da mão do morto. Por que desejaria alguém possuí-la? Naturalmente, porque ela o incrimina. E que teria feito com ela? Provavelmente, enfiou-a no bolso sem notar que um canto tinha ficado na mão do cadáver. Convinha-nos descobrir o resto da folha.

— Certamente! Mas como podemos revistar o bolso do criminoso antes de prendê-lo?

— Bem, vale a pena pensar nisso. Há ainda outro ponto claro. A carta foi enviada a William. Quem a escreveu não pôde transmitir a mensagem verbalmente. Quem trouxe a carta? Teria vindo pelo correio?

— Já investiguei — respondeu o inspetor. — William recebeu uma carta pelo correio, ontem à tarde. O envelope foi destruído por ele.

— Excelente! — exclamou Holmes, dando umas palmadinhas nas costas do inspetor. — O senhor já falou com o carteiro. É um prazer trabalhar com o senhor. Bem, aqui está a casa. Se quiser subir, coronel, mostrarei o local do crime.

Passamos pela casinha onde morara o cocheiro e subimos uma alameda ladeada de carvalhos, até uma bonita casa do tempo da rainha Ana. Holmes e o inspetor nos fizeram contorná-la até chegarmos a um portão lateral,

separado da cerca que ladeia a estrada por um trecho de jardim. Um policial que estava de guarda ficou à porta da cozinha.

— Foi desta escada que o jovem sr. Cunningham viu os dois lutando. O velho Cunningham estava naquela janela, a segunda à esquerda, e viu o indivíduo desaparecer à esquerda daquela moita. O filho também. Ambos estão certos disso por causa da moita. Então o sr. Alec saiu correndo e ajoelhou-se ao lado do ferido. O chão está muito duro, como vêem, e não há rastros para nos guiarem.

Enquanto falava dois homens desceram o passeio do jardim, rodeando o canto da casa. Um era velho, de semblante grave e olhos tristes; o outro era um jovem impetuoso, cuja expressão sorridente e roupa elegante contrastavam com o motivo que nos trouxera ali.

— Ainda continua com isso? — perguntou a Holmes. — Pensei que os londrinos nunca falhassem. Afinal, o senhor não parece tão rápido como consta.

— É preciso um pouco mais de tempo — respondeu Holmes bem-humorado.

— Tanto quanto quiser — disse o jovem Cunningham. — Podemos ajudá-lo a recolher indícios?

— Há apenas um — respondeu a inspetor. — Pensávamos que podíamos descobrir... Minha nossa! O que é, sr. Holmes?

O rosto do meu pobre amigo apresentou de repente uma terrível expressão. Contraíu-se numa agonia e, com um gemido sufocado, ele caiu no chão. Horrorizados com a rapidez do ataque, o levamos para a cozinha, onde o deitamos num divã e o abanamos por alguns minutos. Finalmente, desculpando-se da sua fraqueza, tornou a levantar-se.

— Watson, pode dizer-lhes que acabo de convalescer de uma doença — explicou. — Estou sujeito a estes repentinos ataques.

— Mandarei levá-los para casa de coche — propôs o velho Cunningham.

— Já que estou aqui, quero analisar uns pormenores. Podemos verificá-los facilmente.

— De que se trata?

— Parece-me possível que a chegada desse pobre William não tenha ocorrido antes, mas *depois* de o ladrão entrar na casa. O senhor parece estar

certo de que, embora a porta tivesse sido arrombada, o ladrão nunca chegou a entrar na casa.

— Certamente — confirmou o sr. Cunningham com gravidade. — Já que o meu filho Alec ainda não tinha ido se deitar, decerto teria ouvido alguém andando por aí.

— Onde estava sentado? — perguntou Holmes ao jovem.

— Eu estava fumando no meu quarto de vestir.

— Em que janela?

— A última à esquerda, perto da do meu pai.

— Ambas as velas estavam acesas?

— Sem dúvida alguma.

— Há aqui pontos muito curiosos — apreciou Holmes, sorrindo. — Não é extraordinário que um ladrão, e um ladrão que já tenha experiência prévia, entrasse deliberadamente numa casa no momento em que, pela luz acesa, deveria saber que dois membros da família ainda estavam acordados?

— Deve ter agido com audácia e sangue-frio — observou o sr. Alec. — Mas quanto à sua idéia de que o homem teria roubado a casa antes de William o atacar, acho-a muito absurda. Não teríamos encontrado o local desarrumado e dado pela falta dos objetos que ele levasse?

— Depende do que ele procurava — respondeu Holmes. — O senhor deve se lembrar de que estamos lidando com um ladrão muito especial. Repare, por exemplo, na porção de coisas estranhas que levou da casa de Acton: um rolo de barbante, um peso de papéis e não sei o que mais!

— Bem, estamos inteiramente nas suas mãos, sr. Holmes — interveio o velho Cunningham. — Tudo o que sugerir será feito imediatamente.

— Em primeiro lugar — sugeriu Holmes —, gostaria que o senhor oferecesse uma recompensa. Já rascunhei aqui os termos do anúncio. Se o senhor não vir inconveniente em assiná-lo... Creio que cinquenta libras são suficientes.

— Eu daria de boa vontade cem libras — respondeu o juiz de paz, pegando no papel e no lápis que Holmes lhe estendia. — No entanto, isto não está certo — observou, olhando para o documento.

— Redigi-o muito rapidamente.

— Como vê, o senhor escreveu: “Cerca de meia-noite e quarenta e cinco minutos da manhã de terça-feira, foi feita uma tentativa...” e assim por diante. Na realidade faltavam quinze para a meia-noite.

Fiquei angustiado com o engano, porque sabia como Holmes ficaria incomodado por ter tido um deslize dessa natureza. A exatidão nos fatos era a sua especialidade. Mas a sua recente doença abalou-o e ainda estava longe de ser o mesmo. Pareceu embaraçado. O inspetor arregalou os olhos e Alec Cunningham soltou uma gargalhada. O velho Cunningham corrigiu o engano e devolveu o papel a Holmes.

— Mande publicá-lo o mais depressa possível — decidiu.

Holmes guardou cuidadosamente o papel na carteira.

— E agora — continuou —, seria bom que percorrêssemos a casa, para verificar se o ladrão não levou nada com ele.

Antes de entrar, Holmes examinou a porta que havia sido forçada. Era evidente que fora introduzida uma lâmina na fechadura, forçando a lingüeta para trás. Vimos as marcas na madeira.

— O senhor não usa trancas?

— Nunca o julgamos necessário.

— Não tem cão?

— Temos. Mas está preso do outro lado da casa.

— A que horas se deitam os seus criados?

— Por volta das dez horas.

— Seria portanto natural que, a essa hora, William também estivesse na cama?

— Perfeitamente.

— É curioso que nessa noite ainda estivesse de pé... Gostaria que o senhor nos mostrasse toda a casa, sr. Cunningham.

Um corredor de tijolos, com uma cozinha ao fundo, dava acesso por uma escada ao primeiro andar e terminava num terraço; depois, havia uma segunda escada, mais ornamentada, que conduzia ao átrio da fachada. Desse terraço entrava-se na sala de estar e em diversos quartos, incluindo o do sr. Cunningham e o do filho. Holmes caminhava devagar, anotando a arquitetura da casa.

— Meu caro senhor — considerou o sr. Cunningham —, isto é desnecessário. Aquele, ao fundo da escada, é o meu quarto; o do meu filho, fica do outro lado. Como seria possível ao ladrão subir até aqui sem que o ouvíssemos?

— O senhor deve dar meia-volta e tentar descobrir uma pista no outro lado — sugeriu o filho, com um sorriso malicioso.

— Paciência. Preciso que me concedam mais uns minutos. Gostaria, por exemplo, de ver a que distância do solo ficam as janelas da frente. Este, suponho, é o quarto de seu filho — disse, empurrando a porta —, e este outro, presumo, é o quarto de vestir onde Alec Cunningham estava fumando quando foi dado o alarme. Para onde dá a janela daquele? — Dirigiu-se para o quarto, abriu a porta e olhou em volta.

— Suponho que agora já está satisfeito? — perguntou o sr. Cunningham de mau humor.

— Muito obrigado. Creio que já vi aqui tudo quanto desejava.

— Se for realmente necessário, podemos entrar no meu quarto.

— Também lhe agradeceria.

O juiz de paz encolheu os ombros e dirigiu-se ao seu próprio quarto, que era mobiliado com simplicidade. Caminhando na direção da janela, Holmes atrasou-se tanto que eu e ele éramos os últimos do grupo. Perto da cama havia uma mesa quadrada, sobre a qual se achava uma fruteira com laranjas e uma garrafa de água. Ao passar por ela, para meu espanto, Holmes esbarrou nela, derrubando-a com tudo o que tinha em cima. Tudo o que era de vidro fez-se em mil pedaços, e as frutas rolaram pelos quatro cantos do quarto.

— Que lindo serviço, Watson — comentou friamente. — Veja a porcaria que *você* fez no tapete.

Abaixei-me confuso para apanhar as frutas, compreendendo que devia haver um motivo para que o meu companheiro quisesse pôr a culpa em mim. Os outros fizeram o mesmo, e a mesa foi posta novamente de pé.

— Oh! — exclamou o inspetor. — Aonde foi ele?

Holmes tinha desaparecido.

— Esperem aqui um instante — propôs o jovem Cunningham. — O homem não regula bem da cabeça! Venha comigo, pai. Vamos ver para onde ele foi.

Saíram do quarto, deixando o inspetor, o coronel e eu olhando uns para os outros.

— Palavra que estou quase concordando com o sr. Alec — resmungou o oficial. — Pode ser efeito da doença, mas acho que...

As suas palavras foram cortadas por um grito repentino de alarme: “Socorro! Socorro! O assassino!” Reconheci a voz do meu amigo Holmes. Saí como louco para o patamar. Os gritos, que se transformavam num rouco e inarticulado berreiro, provinham do quarto que visitáramos primeiro. Fui nessa direção e depois para o quarto de vestir.

Ambos os Cunningham estavam curvados sobre a figura prostrada de Sherlock Holmes; o mais jovem apertava-lhe a garganta com as mãos, e o mais velho pareceu-me estar torcendo-lhe o pulso. Separamos os três, e Holmes cambaleou ao se levantar, muito pálido e exausto.

— Prenda estes homens, inspetor! — intimou, ofegante.

— Sob que acusação?

— A do assassinato do cocheiro William Kirwan!

O inspetor olhou-o confuso.

— Oh, sr. Holmes! — titubeou. — Estou certo de que o senhor não quer dizer que...

— Basta, homem, olhe para a cara deles! — gritou Holmes secamente.

O velho parecia entorpecido e pasmado. O filho, por outro lado, perdeu a altivez e nos seus olhos a ferocidade de um animal selvagem brilhava, deformando-lhe as feições corretas. O inspetor nada mais disse. Dirigiu-se para a porta e apitou. Dentro de instantes apareceram dois guardas.

— Não tenho alternativa, sr. Cunningham — justificou-se. — Espero que tudo isso seja um engano absurdo. Ah! Largue já isso! Com a mão, desviou o revólver, cujo gatilho o mais jovem tentava apertar. O tiro perdeu-se no sobrado.

— Guarde-o — disse Holmes, pondo-lhe rapidamente o pé em cima. — Será muito útil no tribunal. Mas o que realmente queríamos era isto. — E exibiu um pedaço de papel amarrotado.

— O resto da folha? — admirou-se o inspetor.

— Exatamente.

— Onde estava?

— Onde eu já supunha que estivesse. Creio, coronel, que o senhor e Watson podem ir embora agora. Estarei com vocês, dentro de uma hora, no máximo. O inspetor e eu ainda precisamos interrogar os presos. Levará algum tempo, mas estarei de volta para o almoço.

Cerca de uma hora depois, Sherlock Holmes encontrava-se conosco na sala de fumar do coronel. Estava acompanhado por um cavalheiro baixo, de meia-idade, que foi apresentado como sr. Acton, cuja casa tinha sido alvo do primeiro assalto.

— Desejaria que o sr. Acton estivesse presente enquanto eu lhes explico este caso — propôs Holmes —, porque é natural que ele se interesse pelos pormenores.

— Estou incomodando, coronel?

— Pelo contrário — respondeu este calorosamente. — Confesso que os seus métodos excederam as minhas expectativas e que sou inteiramente incapaz de explicar os resultados. Ainda não vi o menor indício...

— Temo que a minha explicação possa desiludi-lo, mas não costumo ocultar os meus métodos, nem ao meu amigo Watson, nem a qualquer outra pessoa que por eles manifeste um interesse inteligente. Mas primeiro, como estou muito abalado pela luta no quarto de vestir, creio que me faria bem um trago do seu licor, coronel.

— Espero que não tenha outro ataque de nervos.

Sherlock Holmes riu cordialmente e acrescentou:

— Farei a narrativa dos acontecimentos cronologicamente, evidenciando as premissas que me guiaram à minha conclusão. Interrompam-me, se alguma explicação não for perfeitamente clara.

É da mais alta importância, na arte da dedução, destrinchar os fatos acidentais daqueles que são fundamentais. Neste caso, não tive desde o princípio a mais leve dúvida de que a chave de todo o problema residia no papel que o morto tinha na mão.

Antes de mais nada, quero chamar a atenção para o fato de que, se a narrativa de Alec Cunningham fosse verdadeira e se o assaltante, depois de atirar em William Kirwan, tivesse fugido instantaneamente, ele não podia ter arrancado o papel da mão do morto. E, se não foi ele, devia ter sido o próprio Alec Cunningham porque, quando o velho desceu, já vários criados estavam no local. O pormenor é simples, mas o inspetor desprezou-o, porque

tinha partido da hipótese de que os donos da casa nada tinham a ver com o crime. Ora, logo na primeira fase da investigação, desconfiei da atitude de Alec Cunningham.

Examinei o canto do papel que o inspetor nos tinha mostrado. Logo me pareceu que ele formava parte de um documento muito importante. Aqui está ele. Não notam qualquer coisa muito sugestiva a seu respeito?

— Tem um aspecto irregular — observou o coronel.

— Meu caro senhor — esclareceu Holmes —, não resta a menor dúvida de que isso foi escrito por duas pessoas formando palavras alternadas. Quando prestar atenção para as letras “t” de “oriental” e “meia-noite” e compará-las com a de “volta”, reconhecerá imediatamente esse fato. Uma breve análise dessas palavras lhe mostrará com a máxima confiança que “surpresa” e “assunto” também foram escritas com mão pesada e, o “volta” com uma mão mais leve.

— Diabos! É claro como o dia — gritou o coronel. — Mas por que razão esses dois homens escreveram uma carta dessa estranha maneira?

— É evidente que o negócio era sujo. Um deles, que desconfiava do outro, estava resolvido que cada um tivesse nele parte igual. Ora, é claro que aquele que escreveu “quinze” e “meia-noite” era o chefe.

— Como chegou a essa conclusão?

— Se examinar este pedaço de papel com atenção, chegará à conclusão de que o homem de mão forte escreveu primeiro todas as suas palavras, deixando os espaços para o outro preencher. Esses espaços nem sempre foram suficientes, e o senhor pode ver que o segundo homem teve pouco espaço para colocar o seu “para a” entre “quinze” e “meia-noite”, o que demonstra que essas palavras já estavam escritas. O que escreveu primeiro todas as palavras foi quem planejou este negócio.

— Excelente! — gritou o sr. Acton.

— Mas ainda superficial — considerou Holmes. — Entretanto, chegamos agora a um ponto importante. Os senhores talvez não saibam que o cálculo da idade de um homem pela sua grafia atingiu considerável exatidão pelos peritos. Em casos normais, porque o mau estado de saúde e a fraqueza física apresentam sinais de velhice, mesmo quando o inválido é jovem. No presente caso, olhando-se para uma das escritas, forte e determinada, e para a aparência muito débil da outra, em que o “t” começa a perder o corte, podemos dizer que um dos redatores era jovem, e o outro, já idoso, embora sem ser positivamente caduco.

— Excelente — repetiu o sr. Acton.

— Há ainda um ponto mais sutil e de maior interesse. Existe algo de comum nessas duas grafias. Pertencem a homens que são parentes. Não tenho a menor dúvida de que um maneirismo de família pode ser detectado nesses dois espécimes de grafia. É claro que estou apenas referindo os resultados principais do meu exame ao papel. Há vinte e três outras deduções que teriam maior interesse para os peritos do que para os senhores. Tudo isso me levava a crer que os Cunningham, pai e filho, escreveram a carta. Depois, restava-me analisar os pormenores do crime. Subi à casa com o inspetor e vi o necessário e suficiente. O ferimento do morto foi causado por uma bala de revólver disparada a uma distância de cerca de quarenta metros... Não havia enegrecimento de pólvora na roupa. Claro que Alec Cunningham mentiu ao dizer que os dois homens lutavam quando soou o tiro. Além disso, pai e filho concordaram quanto ao local da estrada onde o homem desapareceu. Acontece, porém, que nesse ponto há uma fossa larga, com lama no fundo. Como não havia indícios de pegadas de botas em redor dessa fossa, não só fiquei certo de que os Cunningham mentiam novamente, como ainda que esse homem desconhecido nunca tinha entrado em cena.

Tive de descobrir a razão do primeiro furto na casa do sr. Acton. Soube, pelo que o coronel nos contou, que há uma ação judicial entre o sr. Acton e os Cunningham. É claro que logo me ocorreu que eles tinham assaltado a sua biblioteca com a intenção de se apossar de algum documento importante no caso.

— Exatamente — disse o sr. Acton. — Não há dúvida, quanto às intenções deles. Tenho o legítimo direito à metade das propriedades atuais e, se eles pudessem descobrir certo papel, que felizmente estava no cofre dos meus advogados, teriam invalidado a nossa ação judicial.

— Aí está! — disse Holmes, sorrindo. — Foi uma tentativa temerária do jovem Alec. Não tendo descoberto nada, tentaram desviar as suspeitas simulando um furto comum. Por isso levaram tudo quanto puderam. Tudo isso está bastante claro, mas eu ainda precisava da parte da folha que faltava. Estava certo de que Alec a tinha arrancado da mão do morto e quase certo de que ele a devia ter enfiado no bolso do roupão. Restava-me saber se ainda estava lá. Para esse fim fomos à casa.

Os Cunningham juntaram-se a nós do lado de fora da porta da cozinha. Era, portanto, da máxima importância que não se lembrassem da existência

desse papel, pois logo o destruiriam. O inspetor estava para revelar o nosso interesse. Portanto, simulei uma espécie de ataque e assim se desviou a conversa.

— Valha-me Deus! — exclamou o coronel, sorrindo. — O senhor quer dizer que o seu ataque foi uma farsa?

— É uma arte muitas vezes útil — confessou Holmes. — Depois, elaborei um plano para levar o velho Cunningham a escrever a palavra “meia-noite”, a fim de compará-la com a “meia-noite” redigida no papel.

— Oh! Como conseguiu me enganar! — exclamei.

— Eu notei que você estava com pena de mim — disse Holmes com uma risada. — Então, subimos juntos a escada e, entrando na sala, eu vi o roupão pendurado atrás da porta e pensei em derrubar a mesa para prender a atenção deles por alguns momentos, enquanto me esgueirasse para revistar os bolsos daquele roupão. Entretanto, mal eu tinha conseguido o papel, que encontrei num dos bolsos, os Cunningham caíram sobre mim, e creio que teriam me matado se os senhores não me tivessem socorrido. Ainda sinto a pressão dos dedos do jovem na minha garganta e o pai me torcendo o pulso na ânsia de arrancar-me o papel da mão.

Depois, falamos um pouco com o velho Cunningham sobre o motivo do crime. Estava bastante tratável. Mas o filho parecia pronto a agarrar um revólver. Quando Cunningham viu que o caso contra ele era muito grave, perdeu o ânimo e fez uma confissão completa. Parece que William seguiu os dois patrões, secretamente, na noite em que fizeram o assalto à casa do sr. Acton. Então ameaçava revelar tudo. Todavia, o sr. Alec era um homem muito perigoso para ceder à chantagem. Foi genial da sua parte aproveitar o sobressalto que o ladrão causara em toda a região: uma oportunidade para livrar-se facilmente do homem que temia sem levantar suspeitas. William foi abatido e, caso eles tivessem se apossado da carta inteira e dado um pouco mais de atenção aos pormenores, é bem possível que se livrassem da suspeita.

— E a carta?

Sherlock Holmes juntou os dois papéis diante de nós.

— É exatamente o que eu esperava. — Certamente não podemos saber ainda que relações podem ter existido entre Alec Cunningham, William Kirwan e essa Annie Morrison. Mas o resultado prova que a

Se hoje você vier ao portão oriental,
por volta de um quarto para a meia-noite,
terá uma surpresa de grande valor para si
e também para Annie Morrison. ~~Não ninguém~~
mais deve saber deste assunto.

ratoeira foi habilmente montada. Estou certo de que os senhores não podem deixar de notar os traços de hereditariedade evidenciados pelos “p” e pelos “g”. A ausência dos pingos nos “i” na letra do velho também é característica. Watson, creio que o nosso descanso no campo foi um verdadeiro triunfo e amanhã voltarei muito mais revigorado a Baker Street.

FIM

ÍNDICE

OS SETE MISTÉRIOS

A FAIXA MALHADA	7
A COROA DE BÉRILOS	27
A TRAGÉDIA DO GLÓRIA SCOTT	44
O RITUAL MUSGRAVE	59
O DOENTE INTERNADO	72
O VAMPIRO DE SUSSEX	87
O ENIGMA DE REIGATE	102